



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE HISTÓRIAS DE
AUTOABANDONO EM SITUAÇÕES CLÍNICAS**

Janete de Paiva Borges

Orientador: Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá

Niterói – RJ
2012

JANETE DE PAIVA BORGES

**ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE HISTÓRIAS DE
AUTOABANDONO EM SITUAÇÕES CLÍNICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Doutor Roberto Novaes de Sá

Niterói – RJ
2012

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B732 Borges, Janete de Paiva.
Análise fenomenológica de histórias de autoabandono em situações clínicas / Janete de Paiva Borges. – 2012.
99 f.
Orientador: Roberto Novaes de Sá.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2012.
Bibliografia: f. 98-99.

1. Psicologia clínica. 2. Fenomenologia. 3. Hermenêutica. 4. Heidegger, Martin, 1889-1976. I. Sá, Roberto Novaes de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. III. Título.
CDD 616.89

BANCA EXAMINADORA

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE HISTÓRIAS DE AUTOABANDONO EM SITUAÇÕES CLÍNICAS

Janete de Paiva Borges

Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá (orientador)

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ

Prof. Dra. Márcia Oliveira Moraes

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ

Prof. Dra. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – RJ

Niterói, 30 de julho de 2012

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me propiciar inspiração, persistência e saúde;

Aos meus filhos, pela compreensão e incentivo;

Aos clientes que, gentil e corajosamente, consentiram em ceder suas falas e compartilhar suas histórias;

Aos professores e colegas, particularmente o Dr. Roberto Novaes de Sá, pelas contribuições indispensáveis, pelo crédito de confiança, envolvimento e paciência;

A tantos outros que cruzaram meu caminho, me incentivaram e valorizaram minhas ideias e meu trabalho.

“De modo algum significa que, por receio de outrem, o eu deva renunciar a ser ele mesmo ou não ousar sê-lo em toda sua originalidade – mesmo com os seus ângulos – essa originalidade na qual somos plenamente nós para nós mesmos. Todavia ao lado do desespero que às cegas se embrenha no infinito até a perda do eu, existe um de outra espécie, que se deixa como que frustrar do seu eu por “outrem”. A contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se de si mesmo, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si mesmo e acha demasiado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho.”

Kierkegaard (O Desespero Humano, p.37)

RESUMO

A dissertação em pauta procura aprofundar, por uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica, a temática do autoabandono – denominação dada, por nós, para o tipo de vivência em que o cliente confere a um terceiro a condução da própria vida e ou se ocupa permanentemente de algo que diz respeito à existência daquele. Em função das identificações cristalizadas com este modo de ocupação, as possibilidades de expandir os modos de ser-no-mundo se enrijecem e se estreitam; o ser decai no esquecimento da verdade de si mesmo, e passa a experienciar a existência de um modo inautêntico e impróprio. Abordam-se fenômenos como impessoalidade, ocupação, impropriedade, liberdade, falatório – da perspectiva ontológica heideggeriana, que nos ajudam a explicitar aquele modo ôntico de ser-no-mundo. O trabalho traz, em seu bojo, situações clínicas da prática de consultório da autora, em que o autoabandono se revelou como o fenômeno de destaque, no sentido de ter se mostrado anterior às queixas psicossomáticas trazidas inicialmente. Reflete-se, também acerca da serenidade e da abertura ao mistério no processo psicoterápico, tanto como vias de abertura para a compreensão das escolhas dos modos de ser-no-mundo, quanto da assunção da responsabilidade na condução da própria existência. Elegemos o pensamento de Heidegger como norteador teórico de nossas reflexões, em virtude de sua concepção diferenciada propor a articulação entre o significado e o contexto de referência no qual o fenômeno se revela. O filósofo apregoa, assim, a necessidade de investigar as “ligações derradeiras de sentido” subjacentes ao modo de existir e manifestar-se do homem, e que confere significado às suas ações e vivências.

Palavras-Chave: Autoabandono, Clínica Fenomenológico-Hermenêutica, Heidegger, Impropriedade.

ABSTRACT

The present dissertation aims to deepen, through a phenomenological-hermeneutic perspective, the theme of self-abandonment – designation given by us to the kind of experience where the customer grants, to a third, the conduction of your life and or engage himself permanently of something that concerns to another's existence. Due to the crystallized identifications with this mode of occupation, the possibilities of expanding the ways of being in the world become stiffened and narrow, being decays into oblivion of the truth of himself and begins to experience the existence of an inauthentic and inappropriate mode. We discuss phenomena such as impersonality, occupation, impropriety, freedom, gossip – from the heideggerian's ontological perspective, which help us to explain that ontic way of being in the world. The work brings in its wake, the practice of clinical situations from the author's office, where self-abandonment revealed itself as the prominent phenomenon, in the sense of have been shown previous to the psychosomatic complaints brought initially. We reflected, also, on the serenity and openness to the mystery in the psychotherapeutic process, both as a means of opening up to understanding the choices of modes of being in the world, and the assumption of responsibility in the conduct of their own existence. We chose Heidegger's thought as our guiding theoretical reflections, due to its distinctive design to propose a link between meaning and context of reference in which the phenomenon is revealed. The philosopher claims, thus, to the need to investigate the "ultimate connections of meaning" underlying to the man's way of exist and manifest, and that gives meaning to their actions and experiences.

Keywords: Self-abandonment, Phenomenological-Hermeneutics Clinic, Heidegger, Impropriety.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO.....	12
I - Apontamentos sobre Impessoalidade, Impropriedade, Autenticidade, Liberdade e Responsabilidade na Obra Heideggeriana.....	23
II - Relatos de Algumas das Incontáveis Histórias de Autoabandono.	36
1 - A Arte Imita a Vida – Autoabandono e Impropriedade na Literatura: A História de Eugênio – Um Caso Exemplar.	36
2 - A vida como ela é.	41
2.1 - Um Leão com Espinho no Pé – Medo, Fragilidade e Renascimento na História da Boneca de Vidro.	41
2.2 - Independência ou Morte – Insegurança, Angústia e Ânسيا de Liberdade na História do “Burro Bom”.	54
2.3 - Sonhos Noturnos, Pesadelos Diurnos – Sedução, Culpa e Menos Valia na História da Mulher-Menina.	73
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98

APRESENTAÇÃO

A concepção da presente pesquisa nasceu de nossa aproximação e identificação com as ideias heideggerianas, em um momento em que se davam, igualmente, em nós, diversas inquietações e questionamentos acerca do processo de transformação existencial dos pacientes, na clínica. Como somos seres-no-mundo-com, obviamente, tais inquietações não diziam respeito apenas à curiosidade técnico-profissional, no que tange à observação de como se revelavam as identificações sedimentadas daqueles pacientes com o mundo e as consecutivas repercussões delas, em suas próprias vidas. Simultaneamente, aqueles desconfortos e interrogações respingaram tanto em nossa atuação como psicoterapeuta, investida por eles de um saber inequívoco e da competência de definir parâmetros pelos quais deveriam pautar suas escolhas; quanto em nosso próprio ser, solidariamente intimado a pensar sobre os desafios da própria existência e a escolher entre as possibilidades e limitações impostas a todo ser-aí.

Isso posto, em termos da estruturação física do texto, a presente dissertação constitui-se de uma introdução, dois capítulos e considerações finais. Na introdução, explicitamos nossa motivação pelo tema, seguida de uma breve discussão, amparada pelo filósofo Charles Guignon, acerca do lugar da psicoterapia na atualidade – no qual, em boa parte das vezes, inadvertidamente, se tem o profissional da Psicologia como uma autoridade moral a quem compete orientar e ou prescrever condutas que atentam para o âmbito ético. Abordamos, ainda, o valor das ideias heideggerianas para uma compreensão diferenciada do que até então se propunha acerca do ser homem – especialmente, o foco em sua existência, para a qual não está meramente determinado, mas, para sempre, lançado em possibilidades; nossas hipóteses, objetivos e metodologia.

No primeiro capítulo, apresentamos, de forma concisa, alguns dos principais temas da analítica existencial de Heidegger, atinentes à compreensão do modo de ser por nós cunhado como autoabandono e que marcam a ideia do esquecimento da verdade própria do ser, em meio à ocupação com o projeto existencial de outrem.

Abrimos o segundo capítulo, recontando superficialmente a história de Eugênio (não retirando, assim, do leitor que porventura se interesse, a curiosidade e a motivação de lê-la na íntegra), da obra ficcionária Olhai os Lírios do Campo, de Érico Veríssimo (2010). Tal se dá,

antes de um motivo estético; a propósito, também, do que Guignon referenda como a possibilidade do leitor aproximar-se, de modo mais facilmente apreensível, de suas experiências e verdade de sua própria história, mediante a inserção em linhas de ação de histórias recontadas publicamente.

A seguir, tecemos e reproduzimos o movimento que se deu em nossa prática clínica, por intermédio das histórias de autoabandono de pacientes que acompanhamos antes e durante a tessitura da dissertação. Algumas delas, no momento em que redigimos esta apresentação (maio de 2012), continuam sendo testemunhadas por nós e experienciadas por ambos. Nesse mesmo capítulo, as situações clínicas abarcam a explicitação dos temas abordados no primeiro, contemplando elementos da Daseinsanálise. Conferimos destaque à contribuição filosófica heideggerina, subsidiados, também, pelo aporte teórico de alguns outros autores que privilegiam o exercício fenomenológico-hermenêutico na clínica.

Por último, nas considerações finais, retomamos nosso percurso desde a introdução, refletindo sobre nossos achados, considerando nosso próprio experienciar e apreender no encontro com o outro e, ainda, salientando a necessidade de se ter sempre o olhar aberto para o fenômeno, que nunca se esgota, nunca se apreende total e definitivamente, e, principalmente, atentos ao fato de que:

A postura fenomenológica prepara o terapeuta para lidar com a realidade de forma lenta, suave, humilde, pois o mistério se enrijece diante de qualquer forma de violência, seja ela técnica, acadêmica ou existencial. Ribeiro (1994, p.183).

INTRODUÇÃO

For the first time, I understood the difference between easily acquired intellectual comprehension and hard-won insight. The latter is far more threatening because it involves change. Zimmerman (1986, p. xxiii)¹

Os questionamentos que inevitavelmente passamos a fazer frente aos inúmeros impasses e desafios com os quais nos defrontamos, em nossa prática clínica, levaram-nos a redobrar nossos esforços na busca por maiores subsídios teórico-metodológicos na literatura de base. Tal fato não nos fez, em absoluto, abandonar ou deixar, em segundo plano, o respaldo da experiência em “carne viva” que se dá no contato rico, pungente e desalojador de certezas, circunscritas, todos os dias, às superfícies das quatro paredes que nos “protegem”. Afinal, conforme Zimmerman (1986), para a vertente prático-dramático da Filosofia ocidental, esta disciplina é a busca de autocompreensão, que resulta na mudança dramática da existência de alguém. Essa é nossa prioridade e a ela retornaremos, portanto, adiante.

À medida que avançamos em nossos caminhos e descaminhos teóricos, surpreendemo-nos com os achados daquilo que muito pensamos e quase sempre não dizemos, denunciados por entre as páginas dos livros de tantos escritores e outeóricos mais ousados. Chegamos a nos sentir, por vezes, estupefatos, por vezes acolhidos, ou, “até certo ponto”, “apaziguados”, ao perceber que nossas inquietações também provocam e desafiam, cotidiana e persistentemente, muitos outros. Guignon (1993, p.216), aludindo a Ira Progoff, por exemplo, contextualiza e avalia o lugar da psicoterapia na atualidade: “...if we reflect on the events that created the need for psychotherapy in the first place [...], the rise of modern technological civilization first generated contemporary psychological problems”² Em paralelo, o autor discute as raízes dos problemas psicológicos que assolam nossa era:

¹ “Pela primeira vez, eu compreendi a diferença entre a compreensão intelectual facilmente adquirida e o insight obtido de forma aprofundada. O último é muito mais ameaçador porque envolve mudança” (tradução nossa).

² “Se refletimos nos eventos que criaram a necessidade de psicoterapia, em primeiro lugar [...], a ascensão da civilização tecnológica moderna, inicialmente, gerou problemas psicológicos contemporâneos” (tradução nossa)

In earlier, preindustrial societies, according to Proffoff, “individuals experienced the meaning of their lives in terms of local religious orthodoxies and accustom national or tribal ways of life” of their communities. These traditional practices and institutions “provided built-in psychic security for the individual.” When faith in these commonalities broke down, however, the individual was left unprotected. With no recourse to a spiritual past shared with others, the individual “was isolated and cut adrift; and it is this situation of the lone individual no longer sustained by the cultural resources of his ancestors that is the main root of the psychological problems that have arisen in modern times” (1993, p.216).³

O teórico ainda diz que, como resultado dessas mudanças, os terapeutas são, atualmente, chamados a servir como autoridades morais, preenchendo o vácuo deixado pela perda de fontes outras de segurança e orientação. De tal feita, a questão central da ajuda que se demanda ao profissional da Psicologia no mundo moderno, segundo ele, consiste em endereçar-lhe questões sobre que tipo de vida viver e como se sentir bem – “em casa”, neste mundo: questões morais⁴ que incluem não apenas decisões acerca do discernimento entre boas ou más ações, mas, antes mesmo, de como viver a própria vida.

Guignon traduz, assim, a mesma problemática que me salta aos olhos desde que me iniciei na arte da psicoterapia, e que se tornou a questão central da presente dissertação: o modo de ser no qual o cliente confere a um terceiro a condução da própria vida e ou se ocupa permanentemente de algo que diz respeito à existência de outro, esquecendo-se de cuidar e experienciar seu próprio ser no mundo. Desse modo, seu projeto de vida torna-se, nada mais nada menos, essa mesma ocupação. Com a expectativa de que o outro seja “tratado” e “modificado”, credita a tal possibilidade a resolução definitiva de todos os seus problemas. Como também explicita Casanova (2009, p.132), em relação ao ser-aí que pode “transferir a responsabilidade pelo poder-ser que é e viver de início e, na maioria das vezes, sob a tutela do

³ Nas antigas sociedades pré-industriais, de acordo com Proffoff, os “indivíduos experienciavam o sentido de suas vidas por intermédio das ortodoxias religiosas locais e pelos modos costumeiros de vida, nacionais ou tribais, de suas comunidades”. Essas práticas e instituições tradicionais “forneciam, em seu bojo, segurança psíquica para o indivíduo.” Quando a fé nessas comunidades se partiu, no entanto, os indivíduos ficaram desprotegidos. Sem recorrer a um passado espiritual compartilhado com outros, o indivíduo “ficou isolado e à deriva; e essa é a situação do indivíduo solitário, não mais sustentado pelos recursos culturais de seus ancestrais, que representa a raiz principal dos problemas psicológicos que surgiram na atualidade” (tradução nossa)

⁴ Guignon não utiliza o termo *moral* no sentido estrito de um código específico de costumes, regras ou condutas mantidos pela tradição, com o objetivo de cercear ou limitar a ação humana. Refere-se ao conceito mais amplo de ética, cujo foco é a relação do homem com outros. Nesse sentido, o autor critica a posição defendida por muitos de que não compete à clínica discutir a questão dos valores, haja vista que, ao lidar com a existência, tal questão já esteja implicada nela.

discurso cotidiano; ele pode passar toda a sua existência sem qualquer relação com o seu poder-ser mais próprio [...], se tomando constantemente como uma coisa entre outras”.

A esta transferência de responsabilidade do cuidado de si ao modo da ocupação com o que é do outro e que produz a alienação do ser-aí de si próprio, chamamos autoabandono. Não se refere tal expressão, portanto, ao abandono de um “eu” enquanto alguma instância psíquica ou egoidade, mas, conforme dissemos, ao esquecimento da própria singularidade, em meio à ocupação cotidiana, no qual o ser se perde e se impessoaliza. Detalharemos melhor a questão, à medida que discutirmos alguns elementos centrais da obra heideggeriana, e também as situações clínicas, nos capítulos posteriores.

Feitas tais considerações iniciais, no que tange à nossa prática clínica, da qual derivamos nossas investigações, observamos a crescente demanda por alívio de sintomas físicos e ou psíquicos – que logo são patenteados com os mais diversos diagnósticos, tais como pânico, fobias de toda ordem, depressão, ansiedade, transtornos de personalidade, neuroses, quadros psicóticos, etc. Para além, verificamos tentativas de suicídio, conflitos familiares e sociais vários, aliados a inúmeros tipos de somatização: problemas cardíacos, músculo-esqueléticos, hipertensão, alergias, distúrbios gastrointestinais, diabetes, metástases, fibromialgias, entre inúmeros outros. Em sua maioria, tais casos nos foram encaminhados por profissionais médicos, após verificarem a inexistência de causas fisiológicas de base, que justificassem o surgimento e a gravidade dos sintomas.

Na escuta de boa parte dos casos que nos chegam e do histórico dos processos adoecedores a eles atinentes; observamos, paulatinamente, aquele tipo de vínculo citado anteriormente, estabelecido com o meio, no qual a pessoa age e reage frente aos estímulos externos, mas não faz opções próprias; aliena-se de si mesmo, conferindo ao outro a responsabilidade sobre suas mazelas. Conforme Heidegger (2009a, p.185): “O impessoal pode assumir tudo com a maior facilidade e responder por tudo, já que não há ninguém que precise responsabilizar-se por alguma coisa [...] todo mundo é o outro e ninguém é si mesmo”. Nesse panorama, o modo de ser de outro, suas vivências, atitudes e ocupações tornam-se o alvo principal do discurso/queixa do cliente, que o nomeia como o responsável pela estagnação e infelicidade de sua vida. Uma vez convencido disso, o indivíduo distancia-se da possibilidade de conduzir mais livremente, de modo mais singularizado e próprio, sua trajetória existencial.

É fato corriqueiro, por exemplo, ouvirmos, na clínica, que se deixou de fazer ou fez-se tal coisa, deixou-se de dizer isso ou aquilo, ou disse-se de outro modo para “não criar problemas, não ficar mal, não incomodar, não arrumar briga, para ficar tudo em paz, não ser rejeitado, não ficar só, não contrariar, para ser aceito, por medo do que os outros vão pensar”, etc. Muitos dizem temer a solidão caso se façam parecer autênticos, terminando por conferir ao outro a condução de sua vida, em troca de contato, aproximação e “sossego”. Observam-se, assim, indícios de que se confundiu o sentido da palavra autenticidade, com individualismo, arrogância ou prepotência. O medo da exclusão termina por favorecer, dessa forma, a invasão do ser por expectativas alheias, o que redundará, não raro, em alienação e subserviência.

À medida que o processo terapêutico aprofunda-se e os sentidos das experiências vividas são melhor explicitados, os clientes passam, então, a dar-se conta desse processo de autoabandono – de alienação e recusa de ser si próprio e inicia uma viagem em busca da apropriação de si mesmo. Conforme salienta Guignon (1993, p.229): “Confrontados com o nosso ser-para-a-morte, os papéis que [até então] desempenhamos parecem, de repente, anônimos, e somos confrontados com a necessidade de assumirmos nossas próprias vidas”.

De tal feita, em algum momento, passam pela “via crucis” do conflito entre o que é “seu” ou “do outro”, da busca do “meu eu”, de “minha verdadeira personalidade”, (expressões que rotineiramente utilizam) que sugere, ainda, uma forma reativa e impessoal de perceber e lidar com modelos dicotômicos instituídos pelo senso comum. De qualquer modo, isso se mostra, já, como um novo olhar e uma nova busca pela construção de elementos norteadores para sua existência. Para uns, vivência assustadora, dolorosa, desconcertante, incômoda. Para outros, reveladora, libertadora, revigorante. Para muitos, uma mistura de tudo isso. Os que vemos encarando com coragem tal percurso, no entanto, denotam no corpo, na vida e na fala, um maior horizonte de abertura e liberdade diante das possibilidades de ser-no-mundo. Tais apropriações, conforme muitas vezes testemunhamos, impactam muito favoravelmente, também, em sua saúde.

Em relação à nossa opção teórica, fazemos menção à contribuição diferenciada da concepção heideggeriana, que nos fez tomá-la por norteador da presente dissertação. Boss (1994) introduz muito bem o assunto. Segundo ele, por um tempo, os médicos acreditaram que, no futuro, poderiam utilizar os mesmos métodos que utilizavam para descobrir alterações

orgânicas e aplicá-los às patogêneses das novas doenças que as terapêuticas convencionais não puderam combater. Passado o tempo, tornou-se aparente que essas patogêneses não podiam ser explicadas pelas bases do método científico natural, entre eles, os chamados distúrbios psíquicos e neuroses. Explicita que as características essenciais das manifestações de adoecimento patológico da natureza humana são inacessíveis por este modelo, o que indicaria a necessidade de uma nova e mais abrangente abordagem ao seu objeto de estudo – a existência do homem. Com isso, afirma, aprendemos que ela não pode ser vista em analogia com os objetos do mundo, como simplesmente mais uma “coisa” que está presente em um particular ponto no espaço, mas compreendida por uma abordagem investigativa existencial fenomenológica, em que se procura articular o significado e o contexto de referência no qual o fenômeno se revela a si mesmo.

Husserl, apud Casanova (2009, p.42), corrobora a questão ao enfatizar que:

A Psicologia moderna perdeu de vista a essência dos fenômenos psíquicos, uma vez que os considerou a partir de uma naturalização primordial. Tentando escapar da concepção tradicional da Psicologia como uma ciência da alma, tomou os fenômenos psíquicos como se fossem localizáveis espacio-temporalmente, e investigáveis segundo leis causais e princípios responsáveis por sua determinação.

Diametralmente afastado daquela visão, Heidegger preocupa-se (e este, talvez, seja seu maior feito e legado) com a necessidade de encontrar as “ligações derradeiras de sentido”, o que não se restringe a mais um conceito abstrato dentro da perspectiva fenomenológica, conforme Casanova (2009, p.46): “Trata, ainda de mais nada, de conclamar a noção de facticidade, para compreender a existência humana. A facticidade perpassa originariamente o horizonte a partir do qual os entes se mostram como os entes que são, a partir de um caráter histórico sedimentado”. Com a visão heideggeriana, portanto, os problemas até aqui discutidos adquirem contorno factual, conforme Casanova (2009, p.47): “O horizonte em questão não se determinaria de maneira lógico-transcendental a partir das relações imanentes à consciência pura, mas vão se construindo historicamente”. Guignon (1993, p. 224), aponta o mesmo, ao explicitar que “Heidegger localiza a existência humana não na mente, mas no desdobrar dos acontecimentos ou eventos de uma vida – ser si mesmo... só [se dá] em seu processo de realização”.

Diante de tal contraposição, frente às queixas psicossomáticas iniciais dos pacientes, fizemos menção às ideias de Boss para salientarmos nosso posicionamento contrário ao

prisma investigativo que busca relações causais entre elas e seus conflitos e dificuldades – conforme se faria por aquela perspectiva da Psicologia moderna enunciada por Husserl. A mesma perspectiva mecanicista e utilitarista que, talvez, desse espaço a um viés culpabilizador e linear de causa e efeito entre os fenômenos. A investigação que cabe, agora, pois, privilegia o acesso do cliente ao seu próprio modo de ser-no-mundo, amparado na abertura que a Daseinsanalyse propõe ao que surge na relação clínica.

Por intermédio da concepção que apregoa só nos tornarmos nós mesmos, no cuidar de nosso próprio processo, é que se busca, na clínica, facilitar uma maior abertura para o cliente despojar-se da rígida identificação com causas alheias – às quais atribui a responsabilidade por seu sofrimento. Ao ressignificá-las, de modo mais livre, à luz do seu próprio projeto existencial, apropria-se, igualmente, das possibilidades de lidar, de outras formas, com o modo impessoal de ser-no-mundo.

Isso exposto, tentamos definir nosso problema, anteriormente colocado, por meio de algumas interrogações que, de certa forma, nortearam nossa escuta à luz da proposta heideggeriana, quais sejam: Como se dá, à experiência, o modo de ser-no-mundo dos indivíduos que privilegiam e pautam suas vidas por opiniões e aspirações de outros, sem as haverem singularizado ao seu modo próprio de existir? Em que contexto referencial se dá e que significados se expressam através desse modo de ser que, concomitantemente a tal “escolha”, passa a responsabilizar aqueles a quem se concedeu o destino de sua história, por seu adoecimento, infortúnio, tédio e angústia? Que ligações de sentido são possíveis apreender entre as queixas de adoecimento físico e psíquico, por parte dos pacientes, e as dificuldades de se apropriarem de suas vivências e histórias, cujo cuidado delegaram a terceiros? Que possibilidades se dão, ao homem, nesta condição, para uma maior liberdade de escolha enquanto ser único e singular, sem deixar de ser com o outro ou fechar-se de modo solipsista no mundo?

De tal feita, nossos objetivos consistem em investigar, fenomenologicamente, as vivências cotidianas da existência de alguns clientes que experienciam o autoabandono, e a forma como cada um daqueles elementos ressoa em sua singularidade, a ponto de levá-los a desenvolver uma relação de dependência extremada com outros do seu entorno, abrindo mão de modos mais próprios de existir. Intentamos, também, observar, como se dá na relação terapêutica, por vias do exercício do pensamento meditante (que coloca o homem diante de

suas próprias possibilidades de ser), da serenidade e abertura ao mistério – ideias heideggerianas às quais retornaremos mais adiante, a descrystalização de modos inautênticos de existir, facilitando a apropriação de possibilidades singulares e a condição de abertura no mundo.

A bibliografia que utilizamos se apoia na concepção fenomenológico-existencial heideggeriana, mediante a qual se vislumbra a possibilidade de diversos modos de ser. Tal concepção fundamenta a análise da existência e de suas inúmeras possibilidades, com vistas a um modo de vida autêntico. Quanto a isso, Heidegger (2009b) assevera, também, que é a angústia que lança o ser-aí frente a frente com sua liberdade e responsabilidade, dissolvendo seu modo inautêntico de expressão.

Casanova (2006) comenta a importância do acontecimento apropriativo, termo que designa a apropriação de si mesmo como ser-aí por parte do homem, a partir da retomada de uma relação simples com a verdade do ser. Detém-se, igualmente, na noção de esquecimento da verdade do ser e as consequências disso para o modo como o ser-aí se vê presente em seu mundo. Estes referenciais tangenciam muito de perto o tema e o problema que queremos investigar, razão pela qual os inserimos em nosso aporte teórico e fazem parte do escopo da discussão das situações clínicas que faremos em capítulo posterior, quando nos debruçarmos mais acuradamente sobre a substituição da responsabilidade por si mesmo pela ocupação e responsabilização com a história existencial de outro.

As demais referências ou giram em torno de e ou se aproximam do pensamento de Heidegger, contemporizando-o no seio das profundas mudanças ocorridas em nossa sociedade, em todos os aspectos da vida humana, com contribuições ao estudo que ora empreendemos, para melhor compreendermos o que denominamos autoabandono.

Em relação à metodologia, para o estudo de caso, utilizamos a síntese das falas de clientes cujas demandas e vivências, de certa forma, motivaram o pesquisador a investigar o tema em pauta e que eram bastante elucidativos de nosso objeto de estudo. Os registros foram feitos pela psicóloga imediatamente após cada encontro, observando a sequência das sessões, como em um diário. Na sua articulação posterior, procuramos contextualizá-los, facilitando o processo de compreensão da discussão proposta, à luz da concepção fenomenológica hermenêutica. A clínica em questão é um ambulatório de psicoterapia, localizado em um hospital público na cidade do Rio de Janeiro.

Cada cliente foi cientificado do interesse da pesquisadora sobre o tema, que lhes foi explicitado em relação à sua demanda específica. O convite ocorreu em um período em que a psicoterapia já estava relativamente avançada e as bases para a formação do vínculo já se encontravam estabelecidas. Cópias do projeto e do consentimento esclarecido lhes foram entregues, tendo sido sanadas as dúvidas pertinentes. O texto da pesquisa também foi submetido à leitura de cada um, criando-se espaço para dialogarmos sobre ele. Este momento foi igualmente terapêutico, na medida em que puderam refletir mais substancialmente sobre seu movimento ao longo do percurso e aperceber-se de que sua história é também construção política e social de uma outra História. Ao longo da pesquisa, desse modo, procedemos a um ir e vir entre teoria e fazer clínico.

Conforme Monticelli (1998), diferentemente das ciências exatas, no campo das ciências humanas, nossos “objetos de estudo” exigem um conhecimento particularizado. Nesse campo, a contribuição de uma teoria geral, ou tratado, seria apenas iluminar “debilmente” tais objetos. Enfatiza que as teorias podem ser esclarecedoras e ou expandir os horizontes do pesquisador, conferir coerência e clareza a seu pensamento, mas não substituiriam a “leitura” particular de cada vida com as quais se entra em contato. Para aprofundar no conhecimento de uma pessoa, diz, deve-se entrar em comunicação com ela e quiçá, aprender mais dela do que ela mesma comunica – uma tarefa complexa que nunca concluímos. Observa ainda, a fenomenóloga, que cada vida é uma obra incomparável a qualquer outra, existindo nela um princípio de individuação interno, uma vida interior e uma subjetividade essencial.

Portanto, a razão que nos levou a optar pelo estudo de caso diz de perto do desejo de ver a teoria “encarnada” em seres concretos. Pretendemos descrever e priorizar a experiência e a compreensão do significado da discussão heideggeriana, dentro da riqueza e complexidade de histórias humanas reais e atuais – cada vivência singular, cada modo de ser no mundo, de ser-com-o-outro, em cada disposição afetiva específica, da forma mais aprofundada e cuidadosa que nos fosse possível. Desejamos, deste modo, possibilitar e acolher diferentes formas de expressão das vivências dos clientes em seus aspectos e contornos multifacetados e deixá-las “transpirar” pelo texto. Afinal, se estudamos sobre modos de ser de pessoas, é ao seu modo de ser que precisamos nos reportar. Sobre isso, Casanova (2009, p.22), reafirma a intenção de Heidegger de se ater “originariamente à necessidade de enraizar o movimento do conhecimento na vida singular daquele que conhece.”

Compreender, nesse contexto, passa a ser trazer à luz a singularidade de cada acontecimento, cada pessoa em especial. O fim que se pretendeu foi a busca do significado da experiência. Esse modo de compreensão se torna único – não se ocupa de categorizar ou criar padrões representacionais. É, conforme Monticelli (1998), uma aventura que é preciso confrontar pessoalmente – um conhecimento não livresco, mas vivo, ativo e prático. Não se trataria, deste modo, de uma percepção à distância, baseada na ação de um intelecto puro, posto que, para acessar tal conhecimento, seria preciso ver também, com outros sentidos, os estados de ânimo, o valor das coisas, das pessoas e das emoções.

Diante da delicadeza e seriedade dessa tarefa, parece ser impossível não se preocupar com o quê e o como fazer, que requerem do fenomenólogo uma abertura que diz de perto de suas próprias convicções e valores pessoais. Monticelli (1998) acresce, no entanto, que ele está sempre obrigado, além de uma simples vista, a trabalhar com as mãos desnudas – sem instrumentos e sem parâmetros. Além do mais, precisa estar com atenção sempre vigilante sobre o que se diz, uma vez que o interlocutor sempre pode verificar por sua conta se vê o que o fenomenólogo está afirmando como verdadeiro. Nesse particular, nos encontros que mantivemos, procuramos preservar o cuidado de colocar nossas observações entre parênteses, reafirmando ao cliente que testasse, livremente e por si mesmo, a pertinência e veracidade delas. O objetivo de nossas colocações era, antes de tudo, fornecer-lhe material para reflexão acerca de seu modo de ser, dentro de seu espaço existencial, o que, ao final, não raro, representava uma possibilidade de sermos mutuamente afetados.

Sentimos-nos, pois, à vontade para falarmos de mutualidade, tendo em vista que, em nossa acepção, conforme Sá (1995, p.48, 49):

A compreensão fenomenológica na clínica não se propõe a construir 'representações' conceituais adequadas à subjetividade humana e seus estados patológicos e, sim, a tematizar o âmbito originário do "ser-no-mundo-com-o-outro, que constitui a condição de possibilidade de todo comportar-se e relacionar-se humanos, inclusive, é claro, o encontro terapêutico.

Em relação à peculiaridade da atitude fenomenológica, concordamos com Monticelli (1998) quando salienta a fé nas coisas mesmas e a silenciosa disponibilidade para deixá-las falar, em primeiro lugar. Essa é, talvez, a maior contribuição da psicoterapia no processo de reapropriação de si: deter-se demoradamente sobre o aspecto manifesto dos fenômenos, para que o que se encontra encoberto brote e se torne manifesto.

Nossa experiência tem nos comprovado, à semelhança do que diz Monticelli (1998, p.18) de que “cada realidade tiene su propio modo de ofrecerse a la intuición [...] sin la cual no hay ‘actividad’ del intelecto que resista”⁵. Também, como prenunciou, ficamos profundamente maravilhados diante das diferenças intrínsecas distintivas de cada pessoa. E tentamos fazer o que enuncia ser a tarefa de um fenomenólogo: tratar de se aprofundar nelas, de trazê-las à luz.

As histórias que relatamos pertencem, pois, a vidas singulares e, simultaneamente, em diversas nuances, a muitos outros, em alguma curva de suas trajetórias existenciais, pois a experiência singular arrasta, consigo, outras singularidades, incluindo, aí, a minha própria. O outro surge também para mim, e sua presença é elemento constitutivo do mundo no qual eu também estou e também me constitui. A profundidade do conhecimento de uma pessoa se assemelha a uma viagem, diz Monticelli (1998). A forma como fomos registrando os dados – como em um diário, tentou dar um reflexo, uma imagem da trajetória do processo de cada um. Como estivemos juntos, na viagem com o cliente, ela nos afetou igualmente – ao empreendê-la, se produz um tipo de conhecimento que transforma conhecedor e conhecido, simultânea e continuamente. Conforme Monticelli (1998, p.36): “Um tipo de conhecimento que muda não apenas no sentido de que aumenta sua informação, mas o transforma em uma pessoa diferente”, o que se conecta à vertente prático-dramática da Filosofia ocidental, referendada por Zimmerman (1986) e enfatizada por nós na introdução.

Ao discutir as situações clínicas, detivemo-nos sobre as tópicas prevalentes nos discursos e vivências que foram mais elucidativas do tema em pauta. Essas foram analisadas em associação com ideias e pensamentos correlatos da obra heideggeriana que melhor os explicitassem. Buscamos, todavia, atentar para o que destaca Heidegger em *Seminários de Zollikon* (2009, p.98): “Na Fenomenologia, não se tiram conclusões nem são permitidas mediações dialéticas. Só se deve manter o olhar que pensa aberto para o fenômeno”. Assim, em *Ser e Tempo* (2009, p.66) também aparece a corroboração de que a Fenomenologia opõe-se às construções soltas no ar, às descobertas acidentais, à admissão de conceitos só aparentemente verificados, por oposição às pseudoquestões que se apresentam, muitas vezes como “problemas”.

⁵ “cada realidade tem seu próprio modo de se oferecer à intuição - sem a qual não há atividade do intelecto que resista” (tradução nossa).

Antes de tudo, o que consideramos primordial em nosso estudo e para o qual nos debruçamos com especial cuidado é o que apregoa o espírito do método fenomenológico, no que tange ao encontro. Em *Ser e Tempo* (2009, p.70), Heidegger explicita que “fenômeno” – mostrar-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro. Em *Seminários de Zollikon* (2009), ele enfatiza que o método em apreço consistiria em envolver-se de modo especial na relação com aquilo que nos vem ao encontro, uma vez que faria parte da Fenomenologia o ato de vontade de não se fechar contra tal envolvimento.

Reiteradas ficam, pois, a importância e a necessidade, muitas vezes posta em segundo plano, do psicólogo atentar para seu próprio processo de singularização e disposição no encontro com o ser-aí do cliente. Sem tratar e valorar seu próprio processo tanto quanto o do outro, a caminhada psicoterapêutica tende a empobrecer-se e, entre outros, favorecer ainda mais a cristalização dos modos de ser e existir do cliente, quando não, o levar a perder a confiança nas relações de suporte futuras. Acerca desse posicionamento, diante do significado do encontro, podemos nos valer das palavras de Casanova (2009, p.33,34):

Uma vivência não é algo que alcança partir de um distanciamento inicial que me possibilita tratar um determinado ente ou estado de coisas em sintonia com uma análise de suas propriedades essenciais presentes. Ao contrário, o vivenciar não passa ao largo de mim como uma coisa que coloco em algum lugar como um objeto, mas eu mesmo me aproprio dele em meio ao acontecimento.

No capítulo seguinte, faremos uma breve explanação de alguns elementos basilares da analítica do *Dasein* enquanto abertura de sentido, que fundamentam e viabilizam uma clínica daseinsanalítica. A compreensão básica de seu significado, portanto, se faz necessária para acompanhar, posteriormente, a discussão acerca do autoabandono, nas situações clínicas aqui contempladas.

I - Apontamentos sobre Impessoalidade, Impropriedade, Autenticidade, Liberdade e Responsabilidade na Obra Heideggeriana.

Esclareçamos, logo de início, que não poderíamos abarcar aqui – nem ao menos modestamente, as ideias do eminente filósofo sobre os tópicos que intitulam esse primeiro capítulo. Conforme apreciação de Bordieu (1989, p.78), o pensamento de Heidegger é “excepcionalmente polifônico e polissêmico”, o que o distingue entre muitos outros, e sobressai sua “aptidão para falar harmonicamente em vários registros ao mesmo tempo”. Portanto, a modesta tarefa da qual nos encarregaremos é a de, a partir da explicitação daqueles temas, com base na concepção fenomenológico-existencial hermenêutica, contextualizar a análise das histórias de vida que compõe este trabalho.

Assim posto, Heidegger, em *Ser e Tempo* (2009), começa a discutir o problema fundamental da Filosofia, a seu ver: o problema do sentido e da verdade do ser. Interessa-se pela questão de forma distinta da que até então era tangenciada pela Metafísica, propondo-se a abordar o ser através da Fenomenologia, ou seja, sem quaisquer pressuposições sobre ele. Distanciou-se, assim, da forma como o fez a Teologia Escolástica: dentro de uma lógica formal, com um conceito de ser vazio e abstrato. Heidegger, em um pensamento, talvez à frente de sua época, não se restringiu a compreender o homem a partir de suas limitações e fronteiras intrínsecas – ao contrário do pensamento filosófico existencialista vigente; ao contrário, estava atento às condições geográficas, sociais, históricas e econômicas, enfim, factuais, que determinam o ser.

A metodologia fenomenológica, no que diz respeito às indagações de Heidegger, conduziu-o, pois, a colocar o próprio homem no centro de sua questão. Através de seus escritos, depreende-se que ele compreende a História como, obviamente, envolvendo o homem. Não obstante, o homem não deteria o centro do poder em determiná-la total e privilegiadamente. O ser-aí humano é acometido pela determinação da História que, por sua vez, se constrói pela determinação dos atos humanos.

Dessa forma, conseqüentemente, para ir ao encontro do ser, seria preciso passar por ele, pois é ele mesmo quem interroga sobre sua condição e o faz, ao fim, a si próprio. Heidegger (1979, p.301) esclarece, assim, que a Fenomenologia não é “um movimento”, mas tão somente “a possibilidade do pensamento de corresponder ao apelo do que deve ser

pensado”. De tal feita, a Filosofia deveria iniciar sua busca sobre o sentido do ser na existência humana (*Dasein* ou ser-aí).

Mais tardiamente, em sua obra, Heidegger passa a considerar não ser a existência o ponto de partida para a compreensão do ser, mas o ser, ele próprio, tornaria possível a compreensão da existência humana. Nesta dita “viragem”, por volta de 1928, uma das concepções que amadureceu em sua obra foi justamente a questão da autenticidade, que; conforme Zimmerman (1986), passou de um caráter mais voluntarista para outro, que poderia ser descrito como liberação. Por volta de 1936, explicita que autenticidade não é tanto autoapropriação, mas ser apropriado por um evento revelador do qual somos sempre uma parte. Ele faz importantes esforços para, a partir daí, superar o subjetivismo subjacente ao termo.

Tentamos, assim, caminhar por entre algumas ideias heideggerianas como impropriedade, impessoalidade, autenticidade, liberdade e responsabilidade, entre outras, no intuito de melhor situar as questões que concernem, ao final, à fuga do homem de seu projeto essencial, em detrimento da aquiescência à vontade de um “outro” e ou do projeto existenciário desse “outro” (não alguém personificado, específico, mas um “qualquer outro”, no sentido impessoal). Tal vivência pode ser experienciada, por exemplo, concedendo-se, a terceiros, a tomada de decisões que seriam próprias; subjugando-se às prioridades estabelecidas por eles, em detrimento das suas, pelos mais diversos motivos; abandonando os próprios sonhos para fomentar e criar espaço para a concretização dos desejos e sonhos alheios, entre outros modos de existir inautênticos.

Quando nos referimos a um “outro”, não o fazemos de uma perspectiva dicotômica em que se pressupõe uma separação total e irrestrita entre os seres. Ao contrário: buscamos salientar o caráter de ser-com-o-outro intrínseco do ser-no-mundo. Quanto a isso, Nunes (1981, p. 57,58) traz luz à questão, ao explicar que “por conseguinte, os outros não são acréscimos circunstanciais do *Dasein*, mas participam do ser-no-mundo porque são nele compreendidos ou desvelados”. E ainda: “Não se trata de um Eu alheio a ser conhecido, mas de um Eu alheio a ser compartilhado [...] sob o regime da mais completa alteridade”.

Quando nos referimos a “projeto próprio”, não falamos de projetos ônticos pessoais, que prescindem, para sua realização, da relação de alguém com o mundo, em absoluto. Entendemos, conforme Sá e Rodrigues (2007, p.43,44) que “o próprio ao homem é a sua

condição de estar em aberto, de vir a ser, de estar em jogo no tempo [...] que somente se finaliza na morte, quando todas as possibilidades cessam, quando o projeto que somos se conclui”. Em relação ao solipsismo de um “projeto particular”, nesse caso, nos valemos do dito por Heidegger (2009b, p.199) quando deixa claro que “O *Dasein* deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar de outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si”. Sá (1995, p.48) ainda uma vez ajuda a compreender a questão, ao explicar que “O *Dasein*, em seu modo de ser, já é sempre abertura temporal e compreensiva, o que implica em ter, ele, sempre, uma orientação, um projeto, que prescinde de explicações causais de nível ôntico”. O “projeto” de “alguém” se diferencia do “outro”, portanto, na medida em que é singularmente seu. Neste sentido, então, a condução da existência e ou de tal projeto se perde no impróprio, quando ele o pauta pela prescrição cotidiana simplesmente dada de como se deve viver, impondo a si mesmo uma adequação daquele projeto às exigências do impróprio do *Das Man* (o “todo mundo”). Neste modo, esquece-se ou abre-se mão da liberdade possível de escolha.

As escolhas inautênticas e a fuga de si mesmo surgem enquanto fenômeno, na clínica, na elaboração singular das vivências ao modo do “falatório”, que consiste na mera narração descritiva e repetitiva de fatos ocorridos no cotidiano, no qual um “outro” ocupa o lugar de protagonista da história. Enquanto isso, o que fala considera que a si mesmo compete apenas um mero papel coadjuvante, mas nenhuma atuação senão a subserviência - nem mesmo a implicação naquilo que experienciam.

O conceito de existência autêntica (central em nossa discussão) une, de acordo com Zimmerman (1986, p. xxiv), “duas das maiores vertentes da Filosofia ocidental: a ontológico-teórica e a prático-dramática. A primeira mantém a Filosofia como ontologia, o conhecimento teórico de Ser”. A segunda, conforme já citamos introdutoriamente, lida com a “busca de autocompreensão, que resulta na mudança dramática da existência”. Diz o autor que, de acordo com Heidegger, esta mudança permite que “nos tornemos mais plenamente o que já somos: seres que compreendem o que significa ser”. Tal compreensão, a nosso ver, representa uma reavaliação do próprio universo conceitual, uma nova atitude de abertura ao mistério da vida, no que tange às restrições das identificações prévia e acriticamente assimiladas nas relações utilitaristas e técnico-calculantes com o mundo.

A abertura de sentidos passa, assim, pela busca do próprio sentido singular de estar no mundo. Trata-se disso, enfim, o trabalho hermenêutico que se perfaz no encontro

terapêutico: a tematização do âmbito originário do ser-no-mundo-com-o-outro, que devolve ao que fala a possibilidade de reapropriação daquilo que o constitui mais própria e autenticamente – sabendo-se, já, que a autenticidade não representa uma qualidade identitária da existência, uma vez que a possibilidade dela dar-se à experiência, para o homem, está sempre em jogo.

Conquanto Heidegger enfatize que aquela cisão (vertentes ontológico-teórica e prático-dramática) possuiria muito mais um viés histórico que realmente ontológico, de toda feita, “ao falar da concretude fática de seu trabalho e enraizar essa concretude nas conexões vitais vigentes no “eu sou”, Heidegger procura evitar uma postura tradicionalmente associada com o rigor filosófico propriamente dito” (Casanova, 2009, p.22). Em assim sendo, podemos dizer que é muito mais naquela segunda vertente que nos situamos na direção do estudo das situações clínicas que motivaram o interesse pelo tema de nossa pesquisa.

Dentro da vertente prático-dramático, concebemos a clínica como via possível de compreensão existencial. Aí, o conhecimento teórico se coloca a serviço do autoconhecimento e transformação do ser em potencial, pelo alargamento da percepção, por vezes, embotada, das possibilidades de vir-a-ser do cliente. Nessa vertente, portanto, se assenta o direcionamento do trabalho psicoterápico – um acontecimento apropriativo cuja essência confronta os imediatismos que tanto caracterizam a vida na atualidade.

Como veremos adiante, a meditação, a abertura ao mistério, o cuidado, o debruçar-se sobre o sentido do falatório, a busca por uma maior liberdade e autenticidade nos modos cotidiano e impróprio de viver – ferramentas componentes do processo psicoterápico em nossa abordagem – vão à contramão do modo de vida superficialista da atualidade. Por este modo, por exemplo, vigora a demanda de que o psicoterapeuta atenda, com visão técnica, pragmática e intervencionista, à urgência dos pedidos de resolutividade dos dilemas e demandas. Conforme ouvimos, entre outros: “Quanto tempo você leva para resolver o problema do paciente?”

Este modo de conceber a vida humana desprivilegia, totalmente, a apropriação, pelo cliente, de seu ser-no-mundo, com a consideração de que, a partir do trabalho de debruçar-se na compreensão sobre seu lugar na sua própria existência, sejam abertas possibilidades de modos de vida mais livres e próprios. É, também, um modo de autoabandono, no que tange à expectativa fantasiosa de que um “profissional da mente e do comportamento” exerça seus

superpoderes para “consertar” um “objeto” defeituoso. Com esse pensamento, retira-se da existência humana toda sua riqueza e complexidade e, do ser, sua autonomia em escolher como conduzir seu próprio destino. É, na verdade, devolvendo ao paciente a tutela e a responsabilidade por si mesmo, que se o investe da liberdade de ser quem é. Pela aceitação do risco de assumir a própria liberdade, ele se destitui da condição alienante de abandono às imposições do impessoal.

Em “Meditação” (2010), Heidegger explicita que o ser é acontecimento apropriativo e, como tal, se essencializa como liberdade. Tal liberdade não é a essência do ser da forma pressuposta de que este ser fosse coordenado e subordinado a ela. Nas Conferências e Escritos Filosóficos (1979), ao discutir a essência da liberdade, assegura ser um preconceito o pensamento que considera a liberdade como uma propriedade do homem, e que sua essência não necessite ser examinada, em virtude de bastar, a cada homem, conhecer o âmbito e o alcance da sua própria. Chega a afirmar, mesmo, o contrário: a liberdade possui o homem e sempre assim o foi originariamente, de forma que ela mesma possibilita a relação da humanidade com o ente em sua totalidade e, por meio de tal relação, toda a história do homem é desenhada.

Ao não considerar a liberdade como propriedade do homem, Heidegger contrapõe-se à concepção humanista que, em sua opinião, não conseguiria se deter sobre o destino da essência do homem de forma radical: o humanismo não apenas deixaria de questionar a relação do ser com o ser humano, mas até mesmo tolheria tal relação, por não conhecê-la ou compreendê-la, conforme explicita na Carta a Jean Beaufret, sobre o “Humanismo”. Todos os tipos de humanismo, segundo ele, pressuporiam como óbvia a “essência” mais universal do homem, enquanto animal racional. Em Ser e Tempo, no entanto, Heidegger defende a posição de que a essência, a “substância” do homem, é sua existência. Neste contexto, podemos pensar incluída a noção de liberdade, conquanto, assim como acontece ao homem, também seria “jogada” na verdade do ser. E, para além:

A liberdade não é somente aquilo que o senso comum faz com facilidade circular sob tal nome: a veleidade que de vez em quando se manifesta em nós, de oscilarmos em nossa escolha ora para este, ora para aquele extremo. A liberdade também não é a ausência pura e simples de constrangimento relativa às nossas possibilidades de ação ou inação. A liberdade também não consiste somente na disponibilidade para uma exigência ou uma necessidade (e, portanto, para um ente qualquer) Heidegger (1979, pág.138).

Argumenta, assim, que a liberdade deixa que cada ente seja o ente que é, se revelando, então, como o que deixa ser o ente: “O entregar-se ao caráter de ser desvelado não quer dizer perder-se nele, mas se desdobra num recuo diante do ente a fim de que este se manifeste naquilo que é e como é”. Estabelece, dessa forma, uma relação que não está fechada sobre si mesma; antes, funda todo e qualquer tipo de comportamento. Na compreensão de Inwood (2004) da expressão, em Heidegger: “O *Dasein* é sua própria possibilidade”, o ser humano é tudo aquilo que decide ou decidiu ser. Dessa constatação, depreendemos que ao homem compete o quinhão de liberdade que ele próprio tenta aquilatar. Inwood (2004), no entanto, esclarece a tempo que o homem não é dotado apenas da capacidade de decidir o que será ou não – o homem não tem um poder irrestrito de decidir, pois, como diz Heidegger, ele é “lançado” no mundo. E neste mundo no qual se vê lançado, a questão passa a ser o modo de ser que lhe é possível em meio às contingências e limitações que lhe são específicas. A liberdade, então, manifesta-se à sua frente como possibilidade de escolher como ser, entre vários modos possíveis de ser. A tais contingências Heidegger chama facticidade. Nesse sentido, a existencialidade é sempre determinada por esta facticidade, que emoldura as possibilidades de ser-no-mundo.

Acerca da estreita relação entre liberdade e possibilidades, Pompeia e Sapienza (2011) acrescentam que o sentido da ação humana se dá a partir do objetivo ou finalidade que se pretende alcançar e, portanto, por não existir ainda, não ser real, constitui-se em uma mera possibilidade. Assim, para o *Dasein*, o sentido é dado pelo possível, não pelo real. Ser livre é, desta forma, ser lançado em possibilidades. Asseveram, ainda, os autores, que ser livre não é uma opção do homem – ou ele se submete a ser condenado a ser livre, já que tal condição lhe é imposta, ou acolhe e apropria-se de sua liberdade. O modo apropriado de ser livre consistiria, portanto, em corresponder à vocação de ser si mesmo.

De tal feita, a gama de escolhas disponibilizadas cotidianamente ao homem tende a não ser totalmente inédita ou absolutamente singular, uma vez que a facticidade, que determina um número específico de possibilidades ao ser-aí, é tecida por um conjunto de regras e convenções previamente constituídas e elaboradas socialmente. Tais convenções estabelecem crivos de qualificação diversos como certo, errado, adequado, inadequado, bom, ruim, feio, bonito etc. É esse talvez, um dos motivos pelos quais o ser sinta-se cerceado em fazer escolhas fora da gama que lhe é previamente disponibilizada: a fim de evitar estereótipos ou ser marginalizado de algum modo, sendo posto fora do rebanho do *Das Man*.

Ao fazer ou não fazer, ser ou não ser, em função unicamente de tais imposições, o ser-aí decai em uma atitude inautêntica, posto que tal modo de ser se desvela a cargo do que os outros irão pensar ou dizer, sem que a escolha lhe tenha sido singularmente desvelada.

Inwood (2004) esclarece que a palavra usada para autêntico por Heidegger é *eigentlich* (real ou adequado), associado ao adjetivo *eigen* (próprio), usado em contextos análogos a “ter suas próprias opiniões”, “ser senhor de si mesmo”, ser sua própria pessoa ou ser quem se é. Já para a palavra inautêntico – *uneigentlich* (não literal, figurativo), “próprio” contrasta com “de outra pessoa” e *eigen* com *fremd* – alheio, de outra pessoa. Neste contexto, cabe explicitar melhor a expressão *Das Man* – pronome transformado por Heidegger em substantivo definido: “o eles”, o que quer dizer “os outros”, de forma despersonalizada. É importante salientar que “os outros” diz respeito a todos, a ninguém definido e também inclui a mim, na medida de minha coparticipação no ato de fazer, sentir e pensar o que é exigido ou determinando direta ou indiretamente que eu faça. Corresponder ao que o *Das Man* solicita, demanda ou impõe, também é uma possibilidade da liberdade de escolha.

Observamos, desse modo, que, no que diz respeito ao grau de liberdade humana, se insere o *Dasein* na perspectiva da assunção da própria responsabilidade que lhe cabe nas escolhas que faz ainda que, ao escolher o que lhe é estranho ou inautêntico, também acolhe as responsabilidades, conseqüências e limitações advindas desse modo de ser. Casanova (2009, p.153) contribui com a discussão ao esclarecer que “Heidegger pensa a impropriedade como absorção pura e simples no mundo fático e a propriedade como a coragem de carregar o peso da tarefa existencial que cada ser-aí é”. Esta discussão diz respeito ao modo impessoal de ser-no-mundo, que, segundo Heidegger (2009a, p.184), encontra-se naturalizado, simplesmente dado: “O impessoal, que não é nada determinado, mas que todos são [...] prescreve o modo de ser da cotidianidade”.

É aí, pois que o *Dasein* mostra-se inautêntico: à medida que vive do jeito que todos vivem, que faz o que todos fazem, que partilha automaticamente das opiniões em voga, de tão absorto que encontra na cotidianidade. Essa mesma absorção encobre do ser-aí a possibilidade de desvelar-se a si mesmo e ao constituinte “no mundo” do seu ser-no-mundo, o que lhe é, de certo modo, cômodo:

O impessoal tira o encargo de cada presença em sua cotidianidade. E não apenas isso; com esse desencargo, o impessoal vem ao encontro da presença na tendência de superficialidade e facilitação. Uma vez que sempre vem ao encontro de cada

presença, dispensando-a de ser, o impessoal conserva e solidifica seu domínio teimoso (HEIDEGGER, 2009a, p.185).

Mais uma vez cabe ressaltar o caráter constitutivo dessa cotidianidade, sempre presente nos escritos heideggerianos, sobre o qual não cabe julgamento depreciativo ou valorativo. A ressalva se faz necessária tendo em vista que tal discussão pode dar margem à interpretação de ser necessário ao homem ter de se posicionar frente a um modo específico e único de ser, partindo-se do pressuposto de que haja entre os diferentes modos de ser uma hierarquia de valores, de forma a ser um mais “verdadeiro”, “profundo” e ou “melhor” do que outro, conforme, talvez, prescrevesse o senso comum. Não se trata, portanto, de uma revolução contra o mundo ou do rechaçamento de tudo que se nos apresenta no cotidiano, mas de debruçar-se no meditar sobre o grau de abertura ou fechamento do *Dasein* frente a ele, de estar livre tanto para a possibilidade de acomodar-se, quanto para a de estranhar o que é imposto pelo impessoal.

Inwood (2004, p.38), por exemplo, faz uma colocação importante, que esclarece uma possível confusão quanto à atitude de seguir ou não a multidão, em termos da diferença entre autenticidade e inautenticidade: “A autenticidade não precisa implicar excentricidade. A excentricidade pode ser inautêntica, ao passo que a conformidade a práticas-padrão pode ser escolhida autenticamente”. Na realidade, a inautenticidade não é uma condição que remeta a um juízo depreciativo ou normativo de valor – é a condição básica e imediata na qual nos inserimos habitualmente e comporta nossa vivência de seres humanos comuns. Casanova (2009, p.144) menciona a persistência de Heidegger em afirmar o fato de “o próprio não ser jamais uma supressão total do impróprio, mas apenas uma modulação de suas possibilidades específicas”. Compreendemos, assim, que o que Heidegger anuncia é a possibilidade de estar aberto a tornar aparente e trazer à presença o que é imperceptível quando se encontra no esquecimento, encoberto pela inautenticidade dos *Das Man*.

Inwood, ao colocar em pauta a liberdade do *Dasein*, discute se as escolhas não seriam fundadas em eventos fora do controle do homem. A seguir, coloca o pensamento de Heidegger acerca da questão: os fundamentos pressupõem a liberdade do *Dasein*, e ele assim o faz ao perguntar pelo fundamento das coisas, pela transcendência que o manifesta e disponibiliza para ele tal inquirição. E é nessa dialética que o ser contempla diferentes possibilidades existenciais, dentro das quais pode optar pelo modo de ser-no-mundo. Citando Heidegger, Inwood (2004, p.117), complementa o pensamento do filósofo acerca da

liberdade: “O homem não é primordialmente aquele que diz não... nem é aquele que diz sim; é aquele que diz por quê?”

Na obra *Serenidade* (1959), Heidegger defende a ideia de que a serenidade e a abertura ao mistério propiciariam um novo solo sobre o qual se tornaria possível se manter e subsistir no mundo. Por meio delas, se veriam as coisas não apenas do ponto de vista da técnica, mas de um modo clarividente, em permanente abertura. Nossa proposta de trabalho psicoterápico se dá no sentido de facilitar ao cliente o acesso a essa clarividência, por intermédio da apropriação de modos mais livres de pensar e estar no mundo, acolhendo e responsabilizando-se por suas próprias escolhas e opções de vida. Quando não o faz, em detrimento do medo e da subjugação ao meio, ele se objetifica e ou se impessoaliza, ocupando-se de algo que não lhe pertence, não é propriamente seu.

Ao falarmos de modos mais livres de pensar, reportamo-nos às ideias heideggerianas sobre o tema: de acordo com o filósofo, em *Serenidade* (1959), existem dois tipos de pensamento, ambos legítimos e necessários: o pensamento que calcula e o que medita, reflete. No primeiro, a razão opera com vistas à obtenção de resultados a partir de condições prévias para atingir um objetivo proposto. Assim, o pensamento nunca para e não reflete sobre o sentido do que existe. O pensamento que medita, por sua vez, requer um treino demorado e um grande esforço, carecendo de cuidados. Acreditamos que tal treino pode se dar de forma privilegiada na relação terapêutica e representa, talvez, a principal via de acesso do cliente à apropriação dos recursos próprios para superar a condição alienante de si mesmo, por nós já descrita. Esperamos que tal fique melhor demonstrado na apresentação das situações clínicas, adiante.

Na concepção heideggeriana, não há um indivíduo portador de um eu ensimesmado, totalmente diferenciado do mundo, dicotomicamente. Inwood (2004) explicita que, diferentemente de outras visões filosóficas, em que se considera o ser humano primordialmente consciente de seus próprios estados mentais e existência para, a seguir, perceber outras entidades semelhantes, Heidegger ignora tanto a compreensão que o *Dasein* tem do ser como a de seu ser-no-mundo. Enquanto existir, portanto, o *Dasein* é “com outros”. Ele estaria, assim, não descrevendo o caráter fenomenológico de nossa experiência dos outros, mas uma característica estrutural do *Dasein*: “O mundo do *Dasein* é essencialmente um mundo público, acessível aos outros tanto quanto a ele próprio” (INWOOD, 2004, p.54).

Heidegger, em *Ser e Tempo* (2009, p.185), enfatiza o caráter constitutivo do ser-no-mundo: “Nestas características ontológicas da convivência cotidiana [...], nestes modos de ser, o si-mesmo da presença, o si-mesmo do outro ainda não se encontraram e, assim, tampouco se perderam”. Enuncia, também, na mesma obra (p.181), que: “A relação ontológica com os outros torna-se, pois, projeção do próprio ser para si mesmo “num outro”. O outro é um duplo de si mesmo”. E ainda, na página 180: “Mesmo quando cada presença fática não se volta para os outros, quando acredita não precisar deles ou quando os dispensa, ela ainda é no modo de ser-com”.

Em relação a isso, no que diz respeito à experiência na cotidianidade mediana, o ser-aí experiencia um modo de abertura que é predominantemente homogêneo – nele, todos os entes que lhe vem ao encontro se mostram, na maioria das vezes, como simplesmente dados, ou seja, não se mostram em seu caráter originário, próprio e singularizado pelo ser-aí. Isso vale tanto para as coisas quanto para os outros seres-aí, no que tange ao relacionamento de uns com os outros e na própria relação do ser-aí consigo mesmo. O próprio modo culturalmente sedimentado de nos valermos dos utensílios ao modo de sua utilidade, nos projeta, analogamente, a nos relacionarmos com os demais seres humanos da mesma maneira. Este modo de abertura é característico de uma lógica da ocupação – um modo peculiar de manifestação dos entes, historicamente constituído e cada vez mais presente em nosso tempo, em que predomina o caráter conjuntural e utilitarista das relações.

Sá, Mattar e Rodrigues (2006) salientam que tal utilitarismo marca as relações afetivas em geral, no contemporâneo, e fundamenta-se em um modo de pensar estratégico e calculante, onde se prima pela competição. Nesse contexto histórico, as relações constituem-se em alianças temporárias, em que o outro é visto ou como um aliado ou um possível obstáculo. Ele é mantido enquanto for conveniente ou forneça algum tipo de vantagem ao relacionamento. Assemelham-se a relações contratuais, estabelecidas em função do fornecimento de ganhos e obtenção de satisfação aos envolvidos. Neste modo de ocupação, as pessoas passam a servir-se mutuamente em um regime de utensilidade, que se assemelha ao uso que se faz de uma ferramenta ou objeto qualquer. Um modo claramente restritor de relacionar-se, conforme aquele autor. Em posição diametralmente oposta, Heidegger considera que o ser-com (*Mit- Sein*) é constitutivo: uma estrutura fundamental de meu ser, já originalmente com o outro.

Casanova (2006, p.87) explicita bem esse tópico, ao referendar que o ser-aí não é um eu isolado que poderá ou não contactar outros, a posteriori. Do contrário, ter sido jogado no mundo o “expele para fora de todo o solipsismo possível e revela a sua existência necessariamente como coexistência”. Ao modo da relação com os outros entes, pela perspectiva da ocupação utilitarista de um utensílio intramundano, utiliza-se o termo ocupação (*Besorgen*). Já para o modo de ser-com, em que não há tal marca, uma vez que se pressupõe a relação entre entes dotados do mesmo modo de ser-aí, tem-se o termo preocupação (*Fürsorge*), ambos cunhados por Heidegger.

Em nossa dissertação, privilegamos o estudo da expressão heideggeriana “ser-com”, na perspectiva de um modo de ser no mundo em que predomina a concessão de dirigir a própria vida a um terceiro (em muitos casos, em um contexto de opressão e ou subserviência). Tal concessão já é, em si, um modo de ocupação, haja vista que, congelando as possibilidades de abertura no mundo desse ser, acaba por preencher-lhe a existência alienada e impessoal. Em *Ser e Tempo* (p.184), o filósofo ressalta que:

Este conviver dissolve inteiramente a própria presença no modo de ser dos outros e isso de tal maneira que os outros desaparecem ainda mais em sua possibilidade de diferença e expressão. O impessoal desenvolve sua própria ditadura nesta falta de surpresa e de possibilidade de constatação.

É por esta via de explicitação de possibilidades de diferença e expressão, que pressupõe a singularização da própria experiência, que se busca a condução do trabalho clínico e a compreensão do cliente em psicoterapia dentro da temática do autoabandono. Ao permitir-se meditar sobre a responsabilidade que lhe compete, inclusive no ato de ser invadido pela opressão e desmando do outro, quase invariavelmente, sente-se acuado pela dúvida sobre se deve manter ou se desfazer de tais relações. Neste impasse, costumeiramente nos interpela a emitir opiniões decisórias sobre tal impasse. No entanto, nosso papel é ajudá-lo a se dar conta, por si mesmo, dos agenciamentos que o adoecem, em face das novas possibilidades que se lhe abrem no desvelamento de seu modo de ser-no-mundo-com-o-outro. A partir daí, decidir, livremente, o que fazer com elas, em face de suas novas descobertas.

Assim, observa-se, como um fenômeno que surge reiteradas vezes, o temor do desmonte das relações e das repercussões dos efeitos da própria mudança nos demais. Isso pelo fato do cliente ainda não se aperceber de que, tornar-se cada vez mais o que é, não significa ir tornando-se fechado em si mesmo, impermeabilizado às vivências dos demais ao

seu redor. Em suas previsões e fantasias, tal mudança provocaria a fúria e ou a fuga dos que lhe rodeiam, o que redundaria em um provável isolamento. Uma concepção que remete à distinção efetuada por Heidegger (2009b, p.200), entre “‘ser absorvido junto a’, significando ‘ser tomado por algo’, muito diferente de um ‘dissolver-se’, como o açúcar se dissolve na água”. Faz-nos lembrar a inspirada declaração de Martin Luther King: “Todas as pessoas estão presas numa mesma teia inescapável de mutualidades, entrelaçadas num único tecido do destino [...] Eu nunca posso ser o que deveria ser até que você seja o que deve ser. E você nunca poderá ser o que deve ser até que eu seja o que devo ser.”

O espaço terapêutico, marcado como lugar de resolutividade dos impasses e dificuldades, invariavelmente se torna um espaço de problematização e levante de outras questões espirais e circunvizinhas à questão inicialmente colocada. Lá se tematizam a forma e a colocação do problema, em meio à facticidade da existência do ser-aí, mais do que a indicação didático-pedagógico de soluções simplistas, a partir de análises lineares de causa e efeito dos conteúdos veiculados na fala do consulente. Na clínica, de tal feita, não se trata de apontar inconsistências e anacronias nesta linguagem eivada de obviedades e impessoalidade, ao modo do falatório. Tal atitude não representa um modo conveniente de acesso ao mistério, nem de suporte à singularização da experiência. Aquela linguagem é já modo de expressão de uma lógica cotidiana peculiar de encobrimento da liberdade do ser, na qual encontra-se imerso e que é preciso desvelar-se a seus próprios olhos, com suporte cuidadoso. Conforme Casanova (2009, p.83): “É preciso superar a camada calcificada nos comportamentos cotidianos e reconduzi-los aos seus contextos originários”.

É também objeto de questionamento por parte do cliente, a nós, seguidamente, o “como” superar as calcificações, ao modo de um pedido de prescrição de receita. Aí, também, cabe a invenção, mais do que o descobrimento. Podemos conceber a “solução” como pré e co-existente à formulação do problema, se pensamos que, antes de ser enunciado, já existe – ainda que virtualmente, embora permaneça oculta, encoberta em meio ao emaranhado no qual a impessoalidade da cotidianidade, invariavelmente, lança o ser. Mas está lá, disponível, acessível a ele, em meio à liberdade que lhe é destinada. E surge por entre as condições sob as quais o problema é percebido e veiculado na singularidade daquele que o experiencia, por intermédio, também, da pluralidade de acepções e pontos de vista múltiplos que se constroem acerca dele, no encontro; na qualidade da troca e do vínculo que sustentam, preponderantemente, a situação dialógica terapêutica.

A problematização, nesse sentido, fala aqui da cristalização das identificações com a ocupação, com o que é de responsabilidade de um outro, com seu projeto existencial – que opera um enrijecimento das possibilidades de expansão dos modos de perceber e se relacionar com o mundo circundante. Essa não seria a questão de destaque para o paciente, se tomamos por base o fato de que a demanda inicial dele referia-se a sintomas somáticos e ou psíquicos. Entrementes, dar-se conta da existência de outros elementos subjacentes a estas queixas e que, de algum modo, também as provocam e intensificam já é, por si mesmo, denunciar a impessoalidade que distancia o ser de sua verdade mais própria.

Sobre isso, Heidegger (2009a, p.346), adverte que:

No momento em que a presença se perde no impessoal, já sempre impediu para a presença a apreensão de suas possibilidades ontológicas, tais como as tarefas, regras, parâmetros e envergadura do ser-no-mundo da ocupação e da preocupação. O impessoal encobre até mesmo o ter-se dispensado do encargo de escolher, explicitamente tais possibilidades. Fica indeterminado quem “propriamente” escolhe. Essa escolha feita por ninguém, através da qual a presença se enreda na impropriedade, só pode refazer-se quando a própria presença passa da perdição do impessoal para si mesma.

Dessa impessoalidade e impropriedade tentaremos, também, tratar, nas discussões dos casos clínicos que ajudam a compor o trabalho. A ditadura da falta de surpresa e possibilidade de constatação remete-nos, de certo modo, tanto às limitações impostas cotidianamente pela facticidade da existência de todos nós, quanto pela limitação do próprio homem em virtude de seu modo impessoal de ser-no-mundo. Por esse modo o homem reiteradamente faz opção e, apesar de prevalente para todos nós, falha por não se abrir aos devires e ao deixar ser.

Feitas tais considerações teóricas, passemos, então, às situações clínicas.

II - Relatos de Algumas das Incontáveis Histórias de Autoabandono.

1 - A Arte Imita a Vida – Autoabandono e Improriedade na Literatura: A História de Eugênio – Um Caso Exemplar.

Mas é uma maravilha! - exclamou Eugênio, erguendo a cabeça. – Cada dia que passa é uma revelação, uma surpresa. Sabe da última? Estou encontrando na vida, em carne e osso, velhos conhecidos de livros... Fausto, por exemplo - Tomou uma das fichas. Cá está ele. Sei que não volta mais. Desenganei-o [...] - Largou a ficha. Apanhou outra. Este aqui é Hamlet. E ontem falei com Pigmalião. Pois tenho lidado com essa gente toda. É claro, no fundo, os seus casos são semelhantes aos daquelas personagens clássicas. Veríssimo (2010, p.282)

Coisa de fato curiosa: há eventos que ocorrem de forma a nos fazer pensar que não se deram por mera coincidência. E vá lá saber-se de que outra forma poderíamos caracterizá-los: depois de alguns anos afastada da ficção (depois de terminar a graduação em Letras, havendo nos graduado em Psicologia e até pouco tempo atrás), apossou-se de nós uma vontade incontida de “respirar” um pouco em meio a tantas leituras densas, técnicas, por vezes estereis, feitas ou não por obrigação, em cumprimento a tarefas acadêmicas e à necessidade de atualização. O interesse por histórias e personagens fictícios, até então esmaecido pela necessidade de privilegiar as histórias da vida real, ressurgiu – como imperiosa necessidade de repouso do raciocínio, esgarçado por leituras a princípio tão áridas e destituídas de vivências humanas reais.

Assim, sabe-se lá porque “cargas d’água”, veio-nos à lembrança a obra Olhai os Lírios do Campo, de Érico Veríssimo, e um impulso de relê-lo (sem um motivo específico qualquer que justificasse essa obra em particular e não outra), mais de trinta anos depois de o havermos lido pela primeira vez. O fizemos em quatro “sentadas” diante do computador, em intervalos de descanso do rascunho da redação desta dissertação (cujo pré-projeto havia sido feito, esclareça-se, há mais de um ano atrás). É o ponto onde falamos de “coincidências”: surpreendentemente, o protagonista da história aparece-nos como um dublê de “cliente” em psicoterapia – tão apropriado dos dilemas, vazios, desesperos, agonias, somatizações e falta de sentido existencial quanto muitos dos nossos “personagens” da vida real. À medida que avançamos pelo romance, fomos nos extasiando com a velha questão: a vida imita a arte ou a arte imita a vida?

A história de Eugênio, protagonista do romance, é ricamente ilustrativa das reflexões que propomos, à luz da Filosofia de Heidegger. O personagem representa uma construção personalística primorosa de autoabandono, no que tange à inapropriação de si e da escolha do modo de construir a própria história. Ocupa-se, então, de escolhas não singularizadas e de possibilidades simplesmente dadas, às quais se rende pela ditadura do impessoal. Pela riqueza de seu mundo interior, inundado de elementos factuais com os quais embrenha uma luta de vida ou morte psicológica, Eugênio emblematicamente representa a busca por um sentido em meio à aparente absurdidade da existência – o sofrimento que se configura diante da liberdade de escolha entre um modo de ser no mundo, em meio a tantas escolhas possíveis e à inevitável responsabilização que tal opção traz a reboque.

O enredo narra sua vivência singular: um homem cuja infância foi de privação extremada, envolta em um ambiente de sequidão afetiva ainda mais pungente. Neste panorama, o garoto, idiossincriticamente, cultiva um cruel senso de menor valia e impotência, que o acompanhará vida afora. Repugnando a miséria e todos os seus derivativos, incluindo aí a existência sofrida dos pais e as constantes humilhações sofridas pela família diante da sociedade, alimenta consigo a certeza de que só superará tais desventuras, tornando-se rico. Após cursar Medicina, com dificuldades quase intransponíveis, vê-se, então, com um diploma que lhe parece igualmente inútil e sem sentido – um passaporte para lugar nenhum; permanecendo, portanto, ainda sem rumo.

Os trechos da obra, a seguir, dão uma ideia da disposição afetiva de Eugênio. O ocorrido dá-se no dia de sua formatura:

Terminara a cerimônia da entrega dos diplomas... Quando a cortina desceu, Eugênio saiu do palco, sufocado. Chegara finalmente o dia tão ambicionado. Estava formado. Era agora o «doutor» Eugênio Fontes. Atingira por fim o alto da montanha. Mas que via? Uma paisagem nebulosa e incerta. Que sentia? De mistura com a sensação de vitória, uma ânsia indefinível, uma doce melancolia. Quisera esquecer as preocupações sérias e festejar o acontecimento, como os outros faziam, abrir todas as comportas interiores e deixar que a sua alegria jorrasse livre. Alegria? Tinha medo de fazer uma análise íntima, de olhar para dentro de si próprio, pois seria cruel descobrir que a represa estava seca ou que continha apenas mágoas, incertezas, gritos de espanto e de dúvida, velhos recalques... Sabia de rapazes recém-formados que eram forçados a aceitar empregos fora da profissão. Outros metiam-se em cidades ou vilas do interior, arriscando a sorte. Quase sempre eram bem sucedidos, se se podia considerar sucesso juntar alguns contos de réis, ganhar uma barriguinha próspera e um renome municipal. Contemplou o diploma em cima da cadeira (VERÍSSIMO, 2010, p.54 - 56).

E, no mesmo momento, respondendo a Olívia, colega de turma:

[...] que o título de doutor de certo modo acrescentasse alguma coisa a mim próprio, me desse mais coragem... mais... mais... como é que vou dizer?...Fizesse desaparecer esta sensação de inferioridade... Eu achava que devia ser grandioso a gente entregar-se aos pobres, viver para eles, não desejar nada além da caridade.

- Largou o diploma num gesto dramático, deixando-o rolar escadas abaixo. Olívia sorriu sem malícia.

Mas acontece que eu odeio a pobreza, odeio o anonimato. Quero ser alguém, ter um nome, ser respeitado, viver... Calou-se. Estava arrependido daquele gesto teatral e inútil. Porque não podia ser calmo como Olívia, encarar os fatos com espírito claro e sereno?

- E o mais triste é que eu descubro que não tenho nenhuma vocação para a Medicina. No dia em que me entregarem um paciente para operar, acho que saio correndo desesperado. Não sei... Deve ser falta de confiança em mim próprio (VERÍSSIMO, 2010, p.62).

Ao final da mesma conversa, na noite da formatura, Eugênio, ainda sem aperceber-se do que realmente sente pela colega, lhe faz uma proposta:

- Olívia, porque é que a gente não continua esta amizade tão boa? Não sei... Perto de ti tudo fica mais fácil e eu sinto mais coragem. Palavra.

Olívia olhou o Céu.

- É muito bonito fazer projetos numa noite como esta. A vida amanhã nos separará e tu nem te lembrarás de que numa noite sentimental manifestaste esse desejo de amizade. Sinto que as nossas órbitas infelizmente são diferentes...

Eugênio ia com ar ausente, pensando. Sentia a verdade das palavras de Olívia. Amanhã estariam separados. Porque ele queria caminhar numa direção oposta à dela. Na direção do sucesso. Só via a sua carreira. Ansiava por ter conforto, dinheiro, um nome. Assim conseguiria matar aquela insuportável sensação de fracasso, de inferioridade. Não se conformava com a mediocridade. Não gostava da sombra.

- Sou um médico e um monstro. Talvez mais monstro do que médico.

- Os homens, em geral, não são nem completamente bons nem completamente maus. As vezes, Mr. Hyde vence; outras, mais raras, quem vence é o Dr. Jekyll. De novo a lembrança das suas cegas brutalidades.

- Não sou mau, não sou mau - murmura Eugênio, numa obstinação, como que procurando convencer-se a si próprio (VERÍSSIMO, p.64 - 66).

Nessa tormenta, para atingir seus objetivos, não se apercebe de outra forma de viver que não seja “associando-se” afetivamente a uma jovem herdeira de rico empresário da cidade. Abandonando a mulher que ama, casa-se com a outra e passa a viver – como ele

mesmo reconhece mais tarde, como um intruso, em um meio que não lhe diz absolutamente respeito. Diz, por exemplo, a Olívia, pouco antes de se casar:

Eu não gosto dela, Olívia [...] Só penso no meu futuro, na minha carreira [...] preciso de me livrar da idéia horrósa de que a vida é simplesmente esta luta sem recompensa... este... esta miséria... este ramerrão sem graça. Eu sinto que posso realizar alguma coisa [...] Acho intolerável esta situação de João-ninguém. Daqui a alguns anos que serei eu? Um médico de gente pobre [...] sempre com contas a pagar... Talvez um empregadinho municipal... [...] Eugênio ficou a pensar confusamente em suicídio [...] era um estranho a si próprio (VERÍSSIMO, 2010, p. 119, 120, 123).

Com o passar dos anos, assediado por um permanente mal-estar e desconforto, Eugênio passa a refletir sobre o rumo que sua vida tomou, em consequência das escolhas que fez. Apercebe-se, então, necessitado de meditar sobre o contexto originário de seu modo de ser-no-mundo. Neste processo, vale-se muito do aprendizado na antiga convivência com Olívia e de seu modo de experienciar a vida, para confrontar-se com seus próprios valores e desejos, conforme um trecho de carta escrita por ela (VERÍSSIMO, 2010, p.160, 161): “Não penses que estou fazendo o elogio do puro espírito contemplativo e da renúncia [...] E quando falo em aceitar a vida não me refiro à aceitação resignada e passiva [...] Refiro-me, sim, à aceitação da luta necessária, do sofrimento que essa luta nos trará, das horas amargas a que ela forçosamente nos há de levar”. Um modo de se relacionar com a vida que nos remete, igualmente, ao pensamento heideggeriano e que vem bem explicitado por Sá (2009, p.84): “A disposição de serenidade não se confunde com nenhuma espécie de passividade, que seria ainda uma possibilidade interna à posição voluntarista. A serenidade é um modo de ser livre e aberto ao mistério”.

Guignon (1993), ao discutir o sentido de nossas ações diárias, bem como os padrões tomados como certos no mundo que partilhamos, refere-se ao contexto público como meio de inteligibilidade sobre o que fazer de nossas vidas. Dentro da perspectiva narrativa, sugere que, nas linhas de ação tornadas acessíveis, por exemplo, em contos e histórias que circulam na linguagem pública, podemos perceber aquilo que está em jogo nas situações e pelo qual vale a pena lutar. Chama a isso enraizamento das histórias das nossas vidas pessoais no grande drama da história da nossa comunidade – retomando a historicidade do *Dasein*.

Esclarece, no entanto, Hauerwas (apud GUIGNON, 1993, p.236), que “a narrative is

not told to explain as a theory explains, but to involve the agent in a way of life” e “ I cannot make the story true by how I use it, but the story must make me true”¹

Partilhamos da concepção de Guignon que, ao discutir o processo psicoterápico, enuncia sua semelhança a uma composição conjunta de estrutura narrativa de vida. Eis aí, pois, explicitado, mais um de nossos motivos para enxertar algumas passagens desta belíssima obra “fictícia” em trechos posteriores dessa dissertação sobre histórias da “vida real”.

¹ “Uma narrativa não é contada para explicar o funcionamento de uma teoria, mas para inserir o agente em um modo de vida” e “ não posso tornar a história verdadeira pelo uso que faço dela, mas a história deve tornar-me verdadeiro” (tradução nossa).

2 - A vida como ela é

2.1 - Um Leão com Espinho no Pé – Medo, Fragilidade e Renascimento na História da Boneca de Vidro.

Boneca de vidro (BV), trinta e cinco anos, chegou ao setting terapêutico com uma postura defensiva, atitude autocontroladora, muita rigidez, pouca naturalidade na fala e nos gestos, excessiva sensibilidade e distanciamento pronunciado. Este modo idiossincrático de ser-no-mundo e de se relacionar no mundo intimidou-me e fragilizou-me. Sua desconfiança, bem como a forma de expressá-la, atingiram minha identidade profissional e me fizeram questionar, até mesmo, a legitimidade de meu lugar e vocação. Tamanho desconforto criou em mim, logo nas primeiras sessões, a ideia de que seria um contato difícil; talvez, fadado ao fracasso.

As prevenções que BV trazia em relação às pessoas, pelos venenos das maçãs já mordidas vida afora, se estendiam também a mim. Sondava-me permanentemente, como quem busca saber se por trás do uniforme branco escondia-se um nariz pontudo e verrugas; se por baixo de meu assento encontrava-se um caldeirão fumegante de críticas e julgamentos pré-concebidos; se minhas palavras ocultavam, subliminarmente, algum feitiço que colocaria em risco, mais uma vez, sua desesperada necessidade, até então sufocada, de fazer suas próprias escolhas e responsabilizar-se por elas; enfim, ser mais livre.

Este fato se configurou, ao longo da psicoterapia, como um paradoxo: ansiava por livrar-se das correntes que a mantiveram como que aprisionada e sonolenta, em um esquite, durante seus vinte e poucos anos. Agora, tentava livrar-se delas, afirmando-se, para mim, com tons sutilmente ameaçadores. Ao mesmo tempo, apercebia-se criança, dando passos desajeitados e inseguros nesta caminhada em busca de autonomia, pedindo-me a mão e indicações seguras – quase vaticinadoras, da direção que deveria tomar. Encontrei-me, por vezes, em uma encruzilhada: não podia ceder às suas manipulações e exigências (usadas, compreensivelmente, como estratégias de proteção) e repetir a crueldade da qual havia sido alvo, tolhendo seu bem mais caro – a liberdade de poder configurar-se como ser autônomo. Ao mesmo tempo, não podia negar-lhe a mão, já que os poucos passos que até então havia

dado, o foram em um contexto opressor, desprovido de afeto – e que talvez, ajudasse a compreender a tão grande insegurança que a fazia aparentar tamanha agressividade.

Somente depois de algum tempo, quando pude lhe falar em minha face humana, dizendo-lhe de meu desconforto em relação ao seu comportamento comigo e assegurar-lhe de que não precisava se esforçar para me provar que era uma “boa menina”, ela pôde passar a confiar em mim: chora, aquiescendo e ratificando: “Fiz isso a vida toda”. Meu incômodo em relação a ela pôde, então, recrudescer. E pudemos continuar o trabalho em outras bases.

A princípio, BV veio procurar atendimento por não encontrar fundamentos clínicos e fisiológicos para a baixa em seu sistema imunológico. Entre os sintomas, possuía onicomicoses (o que a incomodava profundamente, uma vez que é uma mulher muito bonita e vaidosa), crises de enxaqueca, relativamente frequentes, sensação de enlouquecimento, angústia, dores e formigamentos nas pernas (se andasse um pouco mais do que o necessário, executando atividades habituais), além de outras alterações de saúde, que culminaram em algumas cirurgias.

BV queixava-se de ter crescido sempre envolvida com problemas de família, à sua revelia. Sentia-se oprimida com o controle excessivo da mãe em sua vida, em todos os aspectos e dimensões: na infância, era a mãe quem escolhia suas amigas (algumas das quais abandonou, o que nunca lhe saíra da lembrança); tolhia muitas de suas brincadeiras para que não se sujasse; exigia dela a realização de serviços domésticos com perfeição, etc. Ressentia-se dos prejuízos advindos desta situação para si mesma e seu casamento. Por diversas vezes, por exemplo, se associou à família em tentativas de negócios, com saldos muito negativos – não somente financeiros, mas, principalmente, emocionais, que a abalavam profundamente. Quando criança, em situações mais críticas, face ao temor da mãe, se escondia, na casa da avó. Agora, adulta, pensa, às vezes, que exagera com a filha e não consegue parar de brigar com ela: “Faço exatamente o mesmo que minha mãe fazia comigo”.

Após tantos anos de opressão, sentia-se impossibilitada de dizer não a quem quer que fosse, atraindo para si mais responsabilidades do que era capaz de suportar. Ao mesmo tempo, enredava-se em um misto de culpa e raiva quando não conseguia dar cabo de algo que lhe fosse solicitado, haja vista que uma eventual recusa ou incapacidade lhe era imputada como traição, o que lhe causava imenso sofrimento. Precisava, então, depois de ceder às chantagens e manipulações, dar satisfação de cada um de seus movimentos e passos, incluindo questões

de foro íntimo, para não lidar depois com a culpa pelo sofrimento que julgava causar em outros; em especial, à mãe. Como exemplo, fez diversos empréstimos à família, que demoraram a ser pagos, se envolveu em multas de trânsito cometidas por outros membros da família que utilizaram veículos de propriedade do marido, etc.

Um forte exemplo do grau de invasão interna a que ficava sujeita, e à agressividade da qual se valia para o seu manejo – reflexo também da impossibilidade de diferenciar-se do manipulador, foi uma situação na qual chegou, certa vez, a me telefonar, exigindo atendimento individual, após uma tentativa frustrada de colocá-la em uma terapia de grupo, aceita, previamente, por ela. Exigiu, igualmente, o retorno ao horário de origem, o qual já havia sido preenchido por outro paciente. Mais tarde, disse ter feito isso por influência e sugestão maternas. Com sua sensibilidade à flor da pele, qualquer comentário ou olhar endereçado a ela em seus relacionamentos cotidianos, a levava a se sentir rejeitada, inferiorizada, perseguida. Em relação ao que sentiu vida afora, pontua: “A gente tem que respirar o ar do outro, a gente fica escravo, fica refém!”.

BV sente-se fragilizada, por não saber de que forma proceder para se fazer respeitar, sem gerar constrangimentos e criar inimizades. Dá, como exemplo, um acontecido na casa dos sogros, fora do estado do Rio de Janeiro, quando a chamaram de “favelada do alemão” e “fortinha” (um eufemismo para gordinha), entre outros. Sentiu-se paralisada e ficou, boa parte do tempo, chorando no quarto, afastada dos demais. A relação com o marido ficou temporariamente estremeçada em função do silêncio dele na situação. Ela espera, sempre, que ele se posicione ao seu favor, de forma mais enfática e assertiva, o que não ocorre.

Com o prosseguimento da terapia, BV vai explicitando e ressignificando suas experiências, o que se depreende de algumas falas suas: “Estou tentando me manter nos parâmetros que escolhi para mim: não me envolver no problema dos outros, viver a minha vida. Antes, me desesperaria tentando pensar os motivos que levaram a pessoa a não querer tirar uma foto comigo, etc. Depois da análise... Antes, alguém dizia: ‘Isso tá errado’ e eu: ‘Está errado!’ Eu entubava. Agora não, agora eu assumo compromisso comigo: não deixo minha ética, não passo por cima dos outros, mas assumo compromisso comigo. Não vou ficar me desdobrando para fazer a vontade dos outros, antes; eu me submetia, agora não, não quero que determinem o que devo ou não fazer, se devo ir ou não, eu é que tenho a medida”.

Em relação a um problema financeiro entre pai e marido, dos quais costumava participar e de cujas discussões sempre saía aborrecida, com sintomas somáticos, pesadelos etc, comenta: “Eu deixei os dois resolverem sozinhos, apesar disso me incomodar.” Em outra situação, com a mãe: “Não alimentei o que minha mãe disse – deixei que ela mesma decidisse”. Com relação ao recado de uma ligação dela (recebia inúmeras, de forma constante), diz: “Antes, ligaria de volta correndo! Agora não: tomo meu banho, me troco. Ouço a voz de choro [da mãe], mas fico na minha. Quando ela estiver consciente, posso até ir lá de vez em quando, mas, assim, me fazendo sentir culpada, não. Isso não tem nada a ver com falta de amor – não quero que se dê mal, que se “estrepe”. Eu deixo minha filha escolher e apoiar; o que nunca houve comigo: sempre podaram meus sonhos. Não vou deixar que [a mãe] decida por mim. Vou fazer o que não pude antes. Me diziam que eu era má e eu acreditava. Não estou mais para isso. Eu estou certa do que acontece, da minha vivência.”

Se nos reportamos ao impacto que os comentários e incidentes desagradáveis do dia a dia causavam em BV, esta disposição inusitada de ânimo nos lembra Eugênio, já no final do romance, à medida que fora se apropriando de si mesmo e de suas novas possibilidades de ser-no-mundo:

Eugênio ouviu os mexericos sem se perturbar. Limitou-se a sorrir, e depois que ficou a sós não pôde deixar de perguntar a si mesmo como lhe fora possível encarar os fatos de uma maneira tão desligada, tão superior e serena. Se lhe tivessem contado aquelas infâmias em outro tempo, ele teria sentido dor física, teria ficado num estado de absoluta prostração, numa angústia que se prolongaria durante dias e dias. Veríssimo (2010, p.220)

Com relação à ambivalência das atitudes dos pais (“me queriam sempre disponíveis e, ao mesmo tempo, que eu fosse alguém muito importante profissionalmente”), compreende agora que são falhos, que têm suas próprias dores. Admite, no entanto, que retorna à antiga posição de subserviência em situações de pressão; o que espera resolver “em definitivo”. Curiosamente, ao contrário de muitos pacientes que acreditam ser de suma importância vasculhar o passado à cata de traumas e sintomas inconscientes para compreender e expurgar os conflitos atuais, BV presentifica seu sofrimento e a resolução de seus impasses: “Se eu resolvesse meu presente, meu passado estaria sepultado”.

Ao longo do processo, faz também uma descoberta significativa e impactante no seu modo de relacionar-se com o mundo dali em diante: “Eu lembro o dia quando eu era criança,

que eu descobri que a gente ia morrer. Fiquei arrasada. Às vezes, acho que a gente se acha muita coisa, ao ter medo de viver, se protegendo em demasia – e deixa de viver”. Vem-nos à mente uma citação em Seminários de Zoolikon (2009, p.17): “Heidegger reconheceu que o sujeito humano como medida e ponto de partida para todas as coisas não tem toda essa importância. Na verdade, ele também é “só” algo que é, um ente entre milhares de outros entes e, como tal, dependente”.

Sobre a questão do desvelamento do ser para-a-morte, que, de certa feita, se torna apreensível para BV, é apropriada também a fala de Casanova (2009, p.131, 132):

A morte tem um potencial desvelador específico, na medida em que traz à tona o todo fenomenal do ser-aí. [...] É só a partir da antecipação da morte que o ser-aí passa a se realizar plenamente em sintonia com todos os existenciais que lhe são constitutivos. No momento em que uma tal realização se dá, por sua vez, o ser-aí tem uma nova relação consigo mesmo enquanto cuidado.

BV, desde esse acontecimento apropriativo, passou a abrir-se a novas experiências. Relata uma maior tranquilidade nos afazeres cotidianos, disponibilidade para outras atividades e novos relacionamentos, de modo mais livre. Conforme Zimmerman (1986 p. xxvii): “By resolving to accept his mortality, the individual stops the egoistical self-objectification which had prevented him from being open for his possibilities”.¹

Com uma maior abertura para a reapropriação de seu lugar no mundo, observamos que BV não comenta mais sobre pesadelos. Também passa a fazer caminhadas com a família, o que desejava há muito tempo (e deixava de fazer pelo incômodo do formigamento nas pernas, o que já não sente com tamanha intensidade) e raramente faz queixas de fundo somático. Mostra-me as unhas e diz que, pela primeira vez “usava” as suas próprias: “Essas são minhas mesmo” (quando iniciou a psicoterapia, eram postilhas, em função da micose). Relembramos o que é dito sobre o adoecimento, por Heidegger e que pode ser associado à maior abertura existencial da paciente, no contexto:

O não estar são, o estar doente é uma forma privativa do existir. Por isso, também não se pode conceber adequadamente a essência do estar doente sem uma determinação suficiente do estar são [...] Toda a questão do poder-ser doente está ligada à imperfeição de sua essência. Toda doença é uma perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver (2009b, p. 80 e 197-198).

¹ “Ao resolver aceitar sua mortalidade, o indivíduo interrompe a auto-objetificação egoísta que o havia impedido de estar aberto às suas possibilidades” (tradução nossa).

Em um de nossos encontros, muito da vivência de BV me fez recordar a história do patinho feio, especialmente a narrativa feita por Estés (1994), em certos trechos, que relatam experiências que se assemelham às que a paciente vivenciou: ter sido olhada como feia um dia e haver acreditado nisso; ter abaixado a cabeça para aguardar o golpe; ter visto na própria imagem na água um cisne em traje a rigor e não ter se reconhecido; sentir-se feia e julgar não combinar com os outros. Enfim, literalmente (1994, p.138), “uma mulher bem comportada, com boas intenções, ofegante no anseio de ser boa”. E, metaforicamente, em nosso trabalho juntas, víamos (1994, p.139) “um patinho preso no gelo – dia a dia, a produção do diamante pela pressão aplicada ao carbono puro – amplidão e clareza na psique”, ocorrendo ali, entre as quatro paredes. Pela descrição que faz da mãe, também vejo semelhanças na história, em citações como esta (1994, p.135): “A procura da filha por sua própria identidade pode até mesmo, finalmente, dar início à viagem inaugural da mãe em busca de seu self perdido”. Por fim (1994, p.138): “É mais elegante e muito mais profundo ser o que somos, deixando que os outros também o sejam”.

Repasso-lhe a história e pergunto se algo faz sentido para ela, se observa alguma pertinência em meus insights e considerações. Como em outras circunstâncias, com outros elementos simbólicos presentes em filmes e histórias dos quais me sirvo, surpreendentemente, para mim, ela relê de modo criativo e aprofundado os exemplos, e os singulariza mais apropriada e profundamente do que eu poderia supor ou prever. Em uma dessas situações percebe a superficialidade de quem passa a dizer sim a tudo e todos em troca de uma vida de sucesso e que só valeria a pena concordar quando “é de coração”.

A certa altura, comenta: “Sei que você vai dizer que não foi você (ela já havia me dito coisas semelhantes, outras vezes), mas eu cheguei aqui paraplégica, você me colocou para caminhar. Existem pessoas que vivem à sombra dos outros; eu vivia assim. Tudo eu tinha que perguntar, o que os outros achavam, agora eu vou e resolvo”.

Asseguro-lhe que não é nada propriamente meu (parece que preciso certificá-la de que é sua abertura que lhe permite efetivar as mudanças que julga necessárias), antes que eu passe a ocupar um lugar que de fato lhe pertence), mas o que o outro faz, do quê e quando se apropria do que ocorre no encontro, o que nem todo mundo experimenta ou vivencia na mesma proporção. Relembro a metáfora da ponte já surgida em outros atendimentos, pontes que são atravessadas e dão início a outras travessias. Responde que conseguiu chegar do outro

lado e que “tem gente que tem medo do que tem por trás dela”.

Menciono como é bom vê-la livre de tanto peso. Ela diz que, agora, tem uma outra tarefa a cumprir: “Vou resgatar aquilo que ficou lá, na infância: aquilo era muito meu; eu quero ir lá e ajudar” (referindo-se ao seu lado espiritual e mediúnico, reprimido pela mãe). Conta que a mãe batia nela em função disso e agora acredita que se arrependa. Neste momento, fica zozza, diz que vê “o chão todo preto” e chora. Emociono-me com sua emoção. Ela finaliza: “Agora eu tenho consciência de que tenho alternativas”.

Veza por outra, BV ainda se ressentida de meus silêncios. Apesar de muito menos, ainda parece esperar que eu lhe forneça referências seguras após o relato de situações difíceis ou estressantes para ela: “O que você acha”? Em uma delas, chega contando sobre uma amiga, cuja história a faz lembrar-se da sua própria: a mãe da amiga era muito dominadora, a sufocava. O marido da amiga costuma dizer que a comprou. E a amiga repete para os outros: “Ele me comprou”. BV diz que observa a situação e pensa: “Ela mudou foi de dono”. Sorri e diz: “Quando a gente faz terapia, a gente vê, presta atenção em algumas coisas”. A seguir, comenta a respeito de um e-mail que lhe enviei, com uma alegoria, para refletirmos juntas: “Não concordei muito, não, é para concordar? Digo: “Você está me perguntando se precisa concordar? Você quer mudar de dono?” Rimos. Digo que ainda temo que ela me considere uma espécie de guru. Ao que responde: “Não, já foi o tempo!” E rimos novamente.

Em outra circunstância, comenta ter pensado em trazer fotos de um passeio com a família, para me mostrar, mas temeu que eu pudesse dizer que ali não era lugar para isso. Procuo sondar os motivos que a levam a ter tanta certeza de meus pensamentos e atitudes e aproveito o ocorrido para aprofundar a questão: de que maneira as “certezas” que sempre tem sobre meus pensamentos, bem como do pensamento daqueles com quem convive, se correlacionam com suas concepções prévias do que irão lhe dizer ou fazer e que, de certa forma, parece conduzir suas reações diante do que as pessoas lhe dizem ou fazem. Pergunto-lhe, também, se o tempo que passamos juntas (já quase três anos) não foi suficiente para provar que não estou lá para julgá-la ou lhe atribuir rótulos. Ela responde dizendo: “Você não precisa provar nada, nem precisava ter sido ríspida”. Procuo saber de que modo fui ríspida. Ela diz que não fui e que está ficando constrangida com meu olhar. O clima fica tenso e tapo os olhos, brincando, em uma tentativa de desanuviá-lo. Faço a observação de que não há intenção de constrangê-la com meu olhar. Ela diz que é para eu levar o assunto a sério e que

precisa saber o que eu penso sobre as decisões dela. Digo-lhe, então, que não deveria transferir a responsabilidade de suas decisões para mim, uma vez que não me compete estabelecer parâmetros de certo ou errado. Ela diz que não está pronta e eu respondo que ninguém está. Nunca. Que se aprende errando e que estarei lá para lhe acompanhar, as coisas saindo “certas” ou não.

Provavelmente, ao dizer que precisa saber o que penso sobre suas decisões, está se referindo ao fato de haver se associado, novamente, com a mãe, em uma confecção. Diz que “sabe” que a chamarei de maluca. Parece justificar-se para mim, ao dizer que, segundo ela, a mãe agora está mais organizada e já “compreendeu as regras”: não poderá pedir o cartão de banco do genro, terão que se organizar para que a contabilidade esteja em dia, etc. Ao término da sessão, desejo-lhe boa sorte na confecção. Brinco, dizendo que se lembre de mim, quando ficar rica. Ela comenta, já na porta: “Sempre me lembro dos amigos”. Na sessão seguinte, traz as fotos para me mostrar.

Tempos depois, narra desentendimentos com a mãe, por causa dos negócios da empresa recém-criada. Diz que as confusões e a postura deles (dos pais) não mudaram – apesar dos limites que lhes impuseram – apenas sua reação diante dos fatos. A mãe se ressentiu de BV querer tudo controlado (produtividade, gastos etc. – normas que passou a estipular, depois de tantos mal entendidos no passado). Conta que falou aberta e francamente com a mãe sobre o que pensa (sua postura e firmeza de voz, ao contar o ocorrido, também denotam uma mudança). Diz: “Não caio mais nas redes, tô junto, mas tô separada”.

Posteriormente, reforça que a terapia tem lhe ajudado, sim, mas “tem que ter humildade (os olhos marejados): saber ouvir, saber [...]”. Proponho-lhe passarmos para atendimento quinzenal e ela aceita prontamente, com mais receptividade que imaginei que aceitaria. Diz que fica satisfeita, que é um bom sinal, já que eu acho. Então, pergunto: “E você, não acha”? Ao que diz: “Sim, eu acho”, sorrindo, com entusiasmo. Mais tarde, revela que a mãe, também em terapia, julgou “um absurdo” eu passar a lhe atender com menos frequência. Considera que a mãe se incomoda muito com o fato dela “estar melhorando”.

Segreda-me, então – e tenho a sensação de que se apropria do segredo ali, naquele instante, que: “Me coloquei de novo na situação de antes, para me dar oportunidade de fazer diferente, de reagir de outra forma. Ela esperneia para ver se recuo, mas não vou recuar”. E ainda: “Não tenho mais aquele pensamento de ‘mãe’ – eu estou sozinha! Eu mesma tenho que

me cuidar... estou me sentindo forte, fortalecida ao pensar assim”. Exemplifica dizendo que saiu com o carro novo, recém comprado, sem medo (no começo da terapia, não vinha dirigindo à consulta).

À medida que os efeitos do drama familiar de BV esmaecem em intensidade, ao menos para ela, volta-se, então, para outras áreas de sua vida – como o relacionamento com o marido e algumas pessoas próximas, amigas ou conhecidas. Pergunta-me se considero que deve permanecer em relacionamentos que não lhe fazem bem, com o intuito de alargar seu círculo restrito de amizades. Relata que tenta “forçar” a barra para não se isolar, mas se sente bastante incomodada com a reação de algumas pessoas em relação a ela. Acredita que se comportam daquele modo, por julgarem que ela possui uma vida privilegiada e se incomodarem com isso. Não obstante, percebe-se nela uma maior apropriação de como ser-com-o-outro, sem precisar necessariamente afastar-se ou desalojar-se de si mesmo (duas de suas grandes preocupações, no início). Conforme Heidegger (2009b p.199): “O *Dasein* deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar de outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si”.

Assim ocorreu no episódio em que BV iniciou uma nova etapa de relacionamento com a mãe, com o retorno a uma sociedade com ela, após tantas situações análogas que culminaram em estresse emocional. A sociedade, no entanto é reinaugurada em novas bases, com BV ciente dos riscos e das formas de minimizá-los. Chega a dizer para a mãe (situação inimaginável até meses atrás): “Antes eu deixava que me controlassem, agora sou eu quem me controlo”.

Neste ponto da psicoterapia, tanto eu quanto BV sentimos que o trabalho estava por findar-se. Tranquilei-me ao saber que tal percepção era compartilhada também por ela. Ao dizer: “Sei que problemas e impasses sempre irão existir”, ela está ciente de que o caminho não tem fim e que, a despeito disso, pode caminhar com mais serenidade, apoiada no auto-suporte que desenvolveu durante a psicoterapia. O bom andamento do trabalho deveu-se, em grande medida, à possibilidade exercitada por ela, do âmbito de poder aprender – que superou qualquer tendência ao encobrimento e ao cerramento do desvelamento de possibilidades. Acreditamos no fato de que o ambiente não culpabilizador e sereno do setting terapêutico possibilitou-lhe uma nova compreensão de seu lugar no mundo, ao qual respondeu com a humildade necessária para assumir suas dores e medos, experienciando formas menos despersonalizadas de lidar com eles.

Um acontecimento, no entanto, nos sobreveio e prolongou por mais um tempo o atendimento: em uma de nossas, talvez, últimas sessões quinzenais, chega muito triste, com a avaliação de seu quadro de saúde: recebeu o diagnóstico de uma doença reumática, o que muito a desestabilizou. Considera que isso é um “recado” para ela atentar mais para seu modo de ser, principalmente para seu lado espiritual, para o qual se volta em determinadas situações e do qual se afasta, posteriormente. Um dos dois médicos que procurou deu-lhe maus prognósticos e a assustou em demasia. Pesquisou sobre o problema na internet, onde leu que são estabelecidas relações entre a artrite reumatóide e a educação reprimida na infância. Buscou, então, de outra feita, justificar a situação, culpando-se por trabalhar excessivamente com as mãos, no passado: “Eu não me cuidei, agora é tarde!”, diz, chorando muito.

Procuro dar-lhe suporte, tentando desmistificar a palavra de vida e morte de alguns profissionais médicos. Dou-lhe exemplos de casos na literatura e na vida, de pessoas que superaram prognósticos; outras que convivem bem com certas limitações, até mais do que outras que não as tem. Procuro falar-lhe da fragilidade emocional que nos acomete imediatamente após a descoberta de alguma enfermidade, que estreita nossa percepção e canaliza nossa energia para pensamentos que não vislumbram alternativas. Digo que, com mais calma, as coisas podem parecer menos assustadoras. Principalmente, porque, talvez, não sejam mesmo tão graves assim. Conto-lhe duas experiências ocorridas comigo, em relação a dois problemas relativamente sérios de saúde. Sugiro-lhe procurar uma terceira opinião ou, quem sabe, permanecer em tratamento com aquele com quem se sentiu mais apoiada, mesmo não tendo o mesmo renome do outro, cujo diagnóstico e prognóstico lhe haviam deixado tão atordoada.

No íntimo, sinto-me condoída e reflito sobre o fato de logo agora, quando BV começa a desfrutar de uma amplitude de liberdade maior, propiciada pela retirada de jugos tão pesados de sobre os ombros, um acontecimento tão desafiador cruze seu caminho. No intervalo das sessões, faço contato. Quero saber se deseja voltar ao atendimento semanal neste momento delicado. Havia imaginado que talvez o quisesse, mas que não se sentisse confortável solicitando-o. Afinal, ela havia considerado uma grande evolução ter passado a ser atendida quinzenalmente e poderia, quem sabe, ver o retorno como um retrocesso. Ela, no entanto, julga não haver necessidade – encontra-se melhor, depois de optar pelo médico que lhe propiciou mais segurança, e obter a notícia de que a doença está em processo de regressão, pelos novos exames. Sinto-me aliviada e feliz por ela.

Não obstante, com o passar dos dias, o quadro novamente muda e os marcadores da doença reaparecem altos nos exames. Ela diz temer ficar cega, de cadeira de rodas ou morrer. Vai deixar a sociedade com a mãe, pois sente que, quando intensifica as atividades, sente muitas dores. Nas sessões seguintes, vem sempre muito fragilizada, preocupada com os sintomas e a evolução da doença em outros pacientes, cujos casos ainda lê na internet. Os médicos não entram em consenso sobre seu quadro e isso a angustia muito. Ressente-se profundamente do fato de sentir muitas dores ao tentar executar tarefas que costumava realizar com facilidade e prazer, até então. Busca o refúgio e a compreensão do sentido do que está vivendo, na religião. Ao mesmo tempo, assegura-se de que não acontecerá o pior, crendo, em seu íntimo, que o caso não se agravará tanto como o de outros e não espera o pior.

Neste meio tempo, conhece duas pessoas que lhe recomendam uma médica de renome, aparentemente, com uma visão diferenciada e menos dogmática do problema. Essa lhe diz que ela não tem de fato a doença, mas uma propensão a tê-la e propõe-lhe a retirada dos medicamentos que está tomando. Ela associa tal palavra à sua voz interior, que “sempre lhe dizia que não tinha a doença”. Preferiu não contar isso a muitas pessoas, só àquelas que lhe querem bem. No entanto, está cheia de dúvidas e a cada vez que alguém surge, dizendo-lhe que deveria estar ingerindo esse ou aquele medicamento, sua autoconfiança se abala. O marido, da área da saúde, também lhe diz que ela tem, de fato, a doença e precisa aceitá-lo. Ele recomenda-lhe procurar uma psicóloga a quem ouviu palestrar sobre “fase de negação”. A profissional lhe sugeriu levar a esposa para participar de um grupo com “o mesmo quadro”. BV recusa, por não achar benéfico para si.

Conversamos sobre este estado de ânimo que sempre faz com que focalize mais o que vem do outro do que o que procede de si mesma. Ela diz que já mudou muito este modo de pensar, desde que começou a psicoterapia, mas que isso ainda é um problema. Comenta como conseguiu dar uma educação diferenciada à filha, de tal modo que ela se tornou o oposto: “Segura até demais de si mesma: é educada, mas fala o que pensa, se impondo no que considera importante para ela”. Relato-lhe minha percepção de que ela parece valorizar na filha todo o que gostaria de ser. Ela diz que isso é “da pessoa”, “que vem com ela” e eu comento sobre as possibilidades, sempre em jogo em nossa existência, de nos tornarmos aquilo que compreendemos ser o melhor para nós; que não estamos determinados por uma genética implacável – mesmo porque, se assim fosse, não haveria razão para estarmos ali. Pontuo, ainda, a probabilidade do ambiente favorável propiciado à filha para expressar-se, ter

exercido um papel fundamental em seu modo de estar no mundo. E que ela, também, pode aproximar-se cada vez mais do modo de ser que deseja.

Se pensarmos com quantas outras situações BV já consegue lidar com mais liberdade e em tantas outras conquistas suas, podemos compreender que a travessia não costuma ser linear nem para ela nem para nenhuma outra pessoa. O modo impróprio no qual habitualmente vivemos, quase invariavelmente permeia nosso modo de ser cotidiano e apropriar-se de outros modos mais autênticos de existir é sempre um desafio constante.

Ao pedir sua opinião sobre a dissertação, escrita até aquele momento, comentou, admirada, do quanto eu me lembrava e de que parecia que eu havia gravado as sessões. Reforça, ainda, que frisei alguns aspectos mais do que outros e me pergunta o motivo.

Confesso, em relação à minha “boa memória”, que sempre faço anotações posteriores às consultas, e que, em função dos objetivos e limitações do trabalho, não poderia aprofundar cada fala detalhadamente, tendo em vista a natureza e a extensão da pesquisa – mas assegurei-lhe de que tudo tem idêntico valor. Ela diz, então, que imaginou que fosse, de fato, isso.

BV comenta, também, sobre minhas reações à sua forma de atuar, descritas no texto, principalmente no começo do atendimento: “Não imaginava que você se sentisse tão atacada; eu é que vinha com um escudo!” Menciono que justamente por perceber a presença do escudo, é que, às vezes, precisei de muito tato para lidar com ele. Não queria ocupar uma posição estereotipada com ela, em que tivesse, também, de me defender – posição esta com a qual lutei por algum tempo.

Abordo algumas particularidades do meu lado, que é também humano, e da responsabilidade de, como profissional, ter de me cuidar, estar atenta para que tais situações não adquiram um viés pessoal: ater-me à vivência do cliente, ajudando-o a compreender suas atitudes, reações e modo de ser dentro de sua totalidade existencial. Ela diz: “Não deve ser fácil, hein?” Depois de silenciar e refletir um pouco, relembra: “Quando cheguei aqui pensei que seria trucidada, esmagada. Eu era um leão com espinho no pé (ri). Tiraram o espinho, eu fiquei quieta”.

Para a psicoterapeuta, o caso representou um desafio, não em função da demanda propriamente dita, mas no que disse respeito à própria identidade profissional e pessoal diante

do modo de ser da paciente comigo. A sensação inicial era de pisar em areia movediça a cada palavra ou a cada silêncio questionado, o que me “tentava” a colocar-me de forma defensiva na relação. Agindo, porventura, assim, teria medido forças com ela e colocado o trabalho a perder. Conforme Heidegger, (2009b, p.96):

Na discussão e no esclarecimento de fenômenos, não devemos tirar conclusões. O que os fenômenos, isto é, aquilo que se mostra, exigem de nós é apenas que os vejamos e os tomemos assim como se mostram. Apenas isso. Isso não é menos do que a conclusão, mas sim mais, e, por isso, difícil.

Sá (2009, p.74) avalia que “O saber clínico essencial é aquele que somos e não o que temos enquanto representação conceitual”. Desta forma, me apercebi do fato de que tive de, por algum tempo, me valer mais de minhas representações conceituais do que simplesmente ser, para sustentar a dinâmica do trabalho, no que diz respeito à preservação de minha autoidentidade. Em alguns momentos, todavia, foi a forma, encontrada por mim, de auto sustentar-me na relação. Se algo contou a meu favor, no entanto, foi justamente o desejo de superar minhas próprias limitações no que concerne ao “ato de vontade de não se fechar contra o envolvimento”, o que Heidegger (2009b, p.143) pontua como indispensável no método fenomenológico. Isso nem sempre se deu com a serenidade interna que se fazia necessária. Desta forma, ainda há muito caminho a trilhar no que tange a experienciar, de forma mais livre, meu próprio ser-no-mundo-com-o-outro. E muito a desenvolver para fomentar minha atitude de suspensão, no que diz respeito à desidentificação com minha própria atuação e a forma como experiencio o ser do outro comigo, por detrás do papel de psicoterapeuta.

Assim, tanto para mim, quanto para BV, é pertinente dizer que, conforme Sá (2009, p.80), “não se passa de um modo impessoal para outro pessoal e singular como se isso fosse um desenvolvimento evolutivo da personalidade. Impessoalidade e singularidade são possibilidades existenciais sempre em jogo a cada momento do existir concreto.

2.2- Independência ou Morte – Insegurança, Angústia e Ânسيا de Liberdade na História do “Burro Bom”.

Pelo que me contaste do teu passado, senti que te haviam humilhado, que a tua alma tinha sido desfigurada, torcida, violentada e que teus olhos se habituaram a olhar a vida com desconfiança e quase com rancor. Carta de Olívia a Eugênio (VERÍSSIMO 2010, p.196).

O “burro bom” (doravante BB), trinta e oito anos, chegou à psicoterapia após um “surto”, que o levou à internação psiquiátrica: certo dia, em casa, começou a sentir-se muito mal, como se estivesse ficando paralisado, perdendo as sensações do corpo. Saiu em busca de ajuda, na casa de parentes. Ao fim, foi hospitalizado. Soube, por intermédio de quem o acompanhou, que ficou violento, quebrando tudo a redor, fato do qual, no entanto, não se recorda.

Relata que foi muito regrado desde pequeno, com horário para tudo. Tornou-se extremamente subserviente aos pais, aos chefes, à esposa. São palavras suas, do início da psicoterapia: “Sinto-me teleguiado. Não sei o que fazer, não tem saída, não vejo solução: chego atrasado ao trabalho, não posso ver DVD, sair, nada; não posso estudar, porque a filha cobra atenção o tempo todo, tudo dá confusão. A mulher se comporta como minha dona, devassa minha vida! A gente só pode contar com a gente mesmo; os mais próximos só cobram, acham que você está se eximindo; mas não é: a gente já tá no limite. Os colegas dizem: você não quer mais dar o gás, está escamando. As pessoas não estão nem aí para entender suas dificuldades. Quem é de fora, acha que você é funcionário público e para você é mole! Acham que o mundo gira de acordo com a lógica deles. Você tem a falsa impressão de que elas estão compreendendo, mas não! A medicação não foi suficiente para me segurar, cheguei a pensar em perder o controle. Falei para a esposa que tenho medo de perder o juízo; só vou recuperar a sanidade depois que acontecer a merda!”

Em um de nossos primeiros encontros, disse de seu desamparo e da perda da confiança nas pessoas: “Quero alguém em quem eu possa confiar; que não use o que eu disse contra mim” (se referindo à letra de uma música). Acredita piamente que poder ser quem é lhe deva ser “autorizado” por alguém: “Eu preciso de alguém que me permita ser livre”. Reforça

que, se não permitirem a ele ser livre, nunca o será. Enfatizo, então, seu desejo: “É disso, então, que está à procura: alguém que lhe conceda o direito de ser livre! Diante disto, “revelo” a ele que conheço quem pode lhe permitir ser livre e que aguarde um momento, para eu trazê-lo e lhe apresentar. Vou ao banheiro e trago um espelho grande. Coloco-o bem à sua frente. Ele sorri um pouco constrangido. A “brincadeira”, no entanto, nos forneceu bastante conteúdo para começarmos a nos conhecer e trabalhar.

Com base na ênfase que nosso personagem da vida real atribui à necessidade de confiar em outras pessoas, e no ser-com-o-outro, reporto-me a um trecho da história de Eugênio:

Os homens eram perversos - concluiu ele. Mas depois corrigiu-se: havia homens muito perversos. Não bastariam as misérias reais da vida, aquelas de que tinha todos os dias dolorosas amostras na sua clínica? Algumas pessoas achavam um prazer depravado em inventar misérias. Como podia uma criatura de alma limpa andar pelos caminhos da vida? Lembrou-se das palavras de Olívia, numa das suas cartas: «Tu uma vez comparaste a vida a um transatlântico e te perguntaste a ti mesmo: estarei fazendo uma viagem agradável? Mas eu asseguro que o mais humano seria perguntar: estarei sendo um bom companheiro de viagem?» Realmente, os homens, em geral, eram maus companheiros de viagem. Apesar da imensidão e das incertezas do mar, apesar do perigo das tempestades, do raio e da fragilidade do navio, eles ainda se obstinavam em ser inimigos uns dos outros. O sensato seria que se unissem numa atitude de defesa e que se trocassem gentilezas, a fim de que a viagem fosse mais agradável para todos (VERÍSSIMO, 2010, p. 220).

BB diz sentir muito medo - “de levar esporro de mim, de ficar fora do grupo por causa das faltas, medo da mulher, de bala perdida, de ser assaltado, de ficar sozinho”. Vê seu movimento de vida como uma “parábola ascendente/descendente” e teme perder o controle.

A infelicidade com a esposa é sua principal queixa: ela diz querer se separar, ele também, mas ela volta atrás e usa argumentos que também o fazem desistir. Teme “não conseguir ninguém melhor: ela tem um corpo quase escultural, diz que sou bonito, gostoso, mas não acredito. Acho que ela gosta de sexo porque casou virgem aos vinte e cinco anos e só teve a mim”. Disse a ela que não sabe se gosta mesmo, porque nunca teve outro homem. E explica as motivações, de ambos, para terem se casado: “éramos muito parecidos, educação parecida, pensei que nos ajudaríamos: ela casou porque sou passivo e permito a ela alcançar o que quer. É bom estar com ela, quando estamos bem: o sexo com ela é muito bom”.

Por outro lado, quando está magoado com algo que ela lhe tenha feito, “o beijo dela dói e tenho urticária com seu abraço” (faz questão de reforçar que é literal e não metafórico:

“Tenho mesmo”!). Já viveu bons momentos com ela, pela iniciativa que ela teve para fazer as coisas. Mais tarde, ela passou a não lhe autorizar a comprar nada do que queria. Diz ainda: “Os outros me manipulam para eu fazer o que eles querem que eu faça. Sinto-me culpado. Eles conseguem. Cedo para não contrariar, para ficar em paz; às vezes acho que vale a pena, às vezes, não – deixo de falar algumas coisas, algumas pequenas, outras grandes. Só fico bem quando estão bem comigo. Ouço tanto os outros que, às vezes, acho que perco a opinião própria”. Por exemplo, sobre continuar ou não a tomar os remédios prescritos pelo psiquiatra: “A mulher me pede para fazer experiência e parar uns quinze dias; os cunhados, para eu parar, e tomar a cervejinha. Tentei uma vez e voltaram os sintomas”.

Faz estes relatos sempre com atitude e semblante desanimados, testa enrugada, olhos cerrados, cabeça baixa. Eis um trecho de sessão, bem ilustrativo:

Ele se vira para mim e pergunta:

– “O que eu faço? E agora José?”. Pontua: “É Drummond, né?”

Digo: “Sim, não me lembro de todo o poema: a festa acabou, a luz apagou... Você que é sem nome... É dele, também: no meio do caminho tinha uma pedra...”

Ele diz: “Não sei se chuto a pedra, se tiro a pedra, se pulo a pedra, se carrego a pedra. Carregar eu já carrego e tirar eu já tentei”.

Vou explorando, com ele, então, o que seria pular, tirar, chutar a pedra etc.

Ele se impacienta: “Vá devagar! Não quero dizer o que não sei se quero fazer. Estou fritando em óleo quente. Tenho vontade de saltar no fogo de uma vez, mas tenho medo. Tenho medo de pular para o fogo e ser pior ainda do que é, de me sentir mais infeliz, de não conseguir realizar nada do que já não estou realizando.”

Utilizo sua própria metáfora da pedra em relação ao que está vivendo, para tecer algumas considerações sobre a dificuldade de fazer contato consigo mesmo para saber o que realmente precisa para ser feliz (pois até isso desconhece e quer que lhe digam!), entre outras. Ele, então, desabafa: “Tenho vontade de ter outra mulher – o desejo tem sido constante. Peço a Deus, nas orações, para que me tire o livre arbítrio”.

Pontuo, então: “Quer que lhe tirem logo o que você mais quer: A liberdade! Você que busca quem lhe permita ser livre, teme o que mais quer!” Menciono algo a respeito do grande dilema humano – de que modo fazer uso da liberdade da qual dispomos; do medo de tentar e errar. Conversamos sobre algumas de suas considerações como a de saltar para o fogo, que soa, talvez, simbolicamente, como possibilidade de morte e renascimento.

Sobre a questão do livre arbítrio, Heidegger responde a um participante dos Seminários, em Zollikon (2009b, p.52): “O motivo faz surgir o livre arbítrio; ele não o limita. O motivo não obriga. A pessoa não é obrigada, é livre. Não obstante, é latente, gritante, a angústia de BB. Rodrigues, Almeida e Sá (2002, p.98) falam sobre a angústia que, para Heidegger

será sempre angústia perante a morte, pois tendo sido rompida a estrutura de significados que diz quem somos ou como devemos nos portar, deparamo-nos com a ausência de qualquer fundamento apriorístico de sentido, com nossa solidão e desamparo radicais, com o nada, com a possibilidade de não ser, com a morte como marca inexorável de nosso modo mais próprio de ser.

O paciente fala de um grande desalojamento: a ausência de uma estrutura de significados que dê sentido e direção à sua existência. Se o mote de sua vida sempre houvera sido a obediência cega e servil a tudo e todos, agora, tal modo de ser no mundo já não o atende mais. Não ter um senhor absoluto a quem se prostrar, nem diretrizes de como se portar, diante do vazio da falta de normas e regras a seguir, assemelha-se, de certo modo, para ele, à morte.

Em outro episódio, fala também de outras dificuldades sociais: está com problemas na faculdade, pois foge de trabalho de grupo: “O que dá pra fazer sozinho, faço”. Afirma ser uma tortura fazer apresentações orais. Quando é imposto “guela abaixo”, faz bem, sabe que pode, mas “até o minuto anterior é estresse”. Conta, desapontado, que “penou” para ser militar: “Eu era tão certinho e agradava os outros! Desafiá-los era um esforço muito grande”. Cito algumas experiências minhas, em situações antigas e análogas, em que fui desafiada e nas quais me senti extremamente inadequada. E de como, de algum modo, elas propiciaram-me certo nível de coragem para posicionar-me melhor em situações semelhantes – ganhos que acredito, me serviram vida afora. Comento, assim, que situações difíceis trazem possibilidades de crescimento e de melhor ambientação no mundo, em termos de aprendizado e exercício da própria liberdade.

Inesperada e curiosamente, faz uma revelação intrigante: relata que o mês de setembro (o de seu aniversário) sempre é bom; que gostaria de fazer aniversário todos os meses, pois em setembro ele se transforma; tem capacidade, condições, força. Em setembro, “não sinto os choques porque minha palavra vale mais do que os vaticínios dos outros”. Proponho explorarmos melhor a constatação, para mim, inusitada e, provavelmente, desveladora de muitos entraves na história de BB. Tento compreender, junto com ele, um pouco mais esse fenômeno, no mínimo, curioso. No entanto, ele diz não saber o porquê da diferença, restringe-se a dizer que não consegue entender o fato, mas que, normalmente, é o que acontece.

Em um de seus poucos momentos de descontração, em que se permite fantasiar, comenta em como sonha em surfar, caminhar em Copacabana, tomar chopp na Lapa. Segreda que, às vezes, dava vontade de sair, pegar um ônibus, ir caminhar no calçadão, etc, “mas isso é muito difícil. As pessoas sempre me disseram: faz o feijão com arroz, que você não vai correr risco. Não corra risco, vai dar errado! Quando tentava e dava mesmo errado, ouvia: viu? Não te avisei? Deu merda! Aí, isso te reprime mais ainda. Queria fazer de forma natural, sem medo: sentir-me seguro para me aventurar, me expor mais, receber críticas quando errar e continuar ousando. É como se ficasse um choque entre o que eu fui preparado e o que eu penso; fui educado para ser bonzinho, para ser elogiado, para ser bom filho, bom pai. Por exemplo, me dizem: “Não deveria sair nesse horário”; “aconteceu isso porque você não está indo à igreja”, etc. Falam e eu acabo ficando na dúvida: será que eles estão certos, e eu, errado?”

Recordo-me do treinamento dos ratinhos, nas aulas de Psicologia Experimental, e repasso a lembrança das experiências para ele. Vejo-o como um daqueles ratinhos, agora já cansado de levar choques vida afora. Comento sobre o “descondicionamento”. Fora apenas uma alusão metafórica, mas ele me pergunta como fazer para se “descondicionar”, pois considera que nunca mais agirá por livre escolha. Afirmando-lhe que não acredito nisso; do contrário, não estaríamos ali, fazendo o que estávamos fazendo. Comento sobre as possibilidades de escolha, sempre limitadas, naturalmente, pelas contingências existenciais de todos nós.

BB ficou ausente da terapia alguns meses, em função de mudanças no trabalho. No retorno, logo na sala de espera, observo sua fisionomia e penso: “Ele se separou”. Essa era uma decisão que, particularmente, não estava certa se ele teria coragem para tomar. Ao entrar

na sala de atendimento, diz, imediatamente, que tem uma “nova” para me contar. Depois de me mostrar a mão, sem a aliança, conto-lhe a sensação que tive de que isso havia ocorrido, no momento em que cheguei à sala de espera. Havia algo diferente em sua postura, em seu jeito de olhar. Estava mais descontraído, a cabeça erguida, aparentando firmeza e tranqüilidade.

Depois de comentar um pouco como as coisas se deram, relembra novamente a infância, quando: “A mãe era muito dura, não podia mexer em nada, sujar nada. Ia à escola ver meu boletim. Eu não podia fazer trabalho em grupo, depois da aula. Ela perguntava: ‘Vai valer nota? Não precisa ficar não!’ Acho que foi por isso que fiquei tímido. Nunca batia, mas seria preferível ter apanhado. Ela e minha ex se pareciam muito”. Sua fala remete-me a uma consideração feita por Boss (1979, p.63, 64), acerca de uma situação clínica similar com a qual entrou em contato:

Se uma pessoa, como resultado do comportamento patogênico da mãe ou por alguma fraqueza pessoal, permanece uma criança subordnada até muito depois de ter atingido sua maioridade oficial, geralmente lhe permanece uma percepção reduzida patologicamente, e não apenas infantil. Da infância em diante, sua existência tornou-se rigidamente estabelecida [...] ele continua a ver todas as mulheres no papel de mãe [...] a existência da pessoa como sendo um campo de percepção, de visão, persiste da maneira como foi na infância, de modo que o rapaz precisa enxergar todas as mulheres exatamente como as via e experienciava na sua infância.

Sobre a esposa, BB alega: “Sempre fui um boneco controlado por controle de voz. Ela me fazia me sentir um pai e um marido de plástico. Quase fui punido no trabalho, porque vivia chegando atrasado, para ela não se atrasar no trabalho dela: tinha que fazer café, dar banho na filha, fazer coisas que ela podia fazer. Eu aceitava passivamente. Quando deixei de ser de plástico, virei egoísta. Parece que se você não fizer isso, você não ama. Isso tentam colocar na sua cabeça!”

Ao se fixar tanto no passado e vislumbrá-lo como explicação causal para suas dificuldades atuais, me remeto ao que diz Heidegger (2009b, p.108): “O estado de abertura para o presente é o traço fundamental do ser humano”. Reflito em como BB não se apercebe de que sua “libertação” está mais próxima de si mesmo do que consegue dar-se conta. Atribui a efeitos e intervenções exteriores sua escravidão, de uma forma que parece complexa e de solução inatingível – quando, na verdade, ela aproxima-se muito mais de sua disponibilidade de abertura para o presente. Conforme Heidegger (2009b, p.108):

O estado de abertura do homem para o ente é tão importante e determinante para o ser do homem que passa constantemente despercebido, graças à sua simplicidade e à imperceptibilidade [...] Mas mesmo quando vemos este fenômeno, isso ainda não significa que estamos preparados a aceitar meramente este simples em toda sua estranheza como aquilo que se mostra.

Divido essas reflexões com ele e submeto-as à sua apreciação. Ele simplesmente quer saber, de mim, como fazer para ser e agir de forma diferente. Heidegger (2009b, p.75,76) diz que “O ser pode-se encobrir tão profundamente que chega a ser esquecido, e a questão do ser e de seu sentido se ausentam. Um fenômeno pode manter-se encoberto por nunca ter sido descoberto. Dele, pois, não há nem conhecimento nem desconhecimento.”

Assim, ao buscar repostas em mim, é preciso, com muita sutileza, cuidado e serenidade, convidá-lo a refletir um pouco mais sobre seu lugar no mundo, sobre o que deseja para si, suas necessidades e objetivos. Não tenho prescrições de como se deve agir ou ser, nenhuma fórmula ao modo de uma equação exata para oferecer-lhe. Conforme disse Heidegger (2009a, p. 85): “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez meu [...] Como um ente deste ser, a presença se entrega à responsabilidade de assumir seu próprio ser. Ser é o que neste ente está sempre em jogo”. Proponho-lhe desse modo, assumir seu próprio ser, singularizar suas experiências ao seu modo, sem necessitar de minhas anuências ou aprovações e, dessa forma, “autoabandonar-se”, também, no processo psicoterápico.

Mais adiante, em outra sessão, retorna acabrunhado, testa franzida, a cabeça baixa, parecendo totalmente alienado do que os outros do grupo estão dizendo. Pergunto-lhe o que houve. Queixa-se das pressões da ex-mulher que o colocou contra a parede: “Você é um pai de conta-gotas. Ou assume seu lugar como pai de verdade ou me libera para eu colocar outro no seu lugar”. Ele teme que seus filhos sejam criados por outro homem e passem a amá-lo em seu lugar. Ao modo de nosso personagem fictício (VERÍSSIMO, 2010, p.210): “Mas havia dias escuros na nova vida de Eugênio. Surgiam contrariedades e lá vinha a hora em que, de repente, estonteado, ele defrontava o outro Eugênio, o cobarde, indeciso, o fraco.

Os demais componentes do grupo aconselham, contam experiências comuns, dizem que o amor dos filhos vai depender da presença e do amor dele, que um outro não poderá tirar. Um deles diz que acha que BB, na verdade, não sabe se quer ou não reatar com a mulher. Relembro-lhe algo sobre seu desejo tempos atrás, quando ainda casado: surfar,

passar no calçadão de Copacabana etc. Digo-lhe que parece continuar aprisionado. E por si mesmo.

Considera, então, que, quando casado, “estava vivendo uma história que estava me deixando doente. Doente você não pode fazer nada, nem pelos outros, nem por si. Todos dizem que é egoísmo. Tento não ser, mas, às vezes, tenho dúvida. Fui criado para ser bom pai, bom filho. Hoje eu tento ser [...] mas é difícil, fui formatado para isso. Tem pessoas que querem ser o protagonista da sua história, querem te convencer de que, querer você mesmo ser o protagonista é ser egoísta”.

Comenta, adicionalmente, sua preocupação com o passar do tempo: “Se não modificasse tanto a aparência, a força do tempo ia bater menos forte, ia pesar menos. Não que, mudar mais tarde, fosse menos importante que agora, mas seria melhor ter mais tempo para curtir o glacê do bolo”. Outro integrante do grupo diz que era assim com ele também e que certa vez disse à ex-mulher, no final do casamento: “A fonte de deixar você bem está secando”.

BB fala de algo que lhe aflige e lhe impediu de tomar determinadas decisões, ao longo da vida – uma dúvida, uma culpa que sempre volta: “Ter exata medida do que o que você faz não vai fazer mal ao próximo: essa medida eu não consigo ter. Se alguém me diz: você é egoísta, é como se desse uma tela azul, como a do Windows. Eu tenho que ‘reinstalar’ o sistema”. Faz-nos recordar a insegurança de nosso personagem fictício, em Veríssimo, 2010, p.66): “Não sou mau, não sou mau – murmura Eugênio, numa obstinação, como que procurando convencer-se a si próprio”.

Nosso cliente continua, assim, às voltas com o assédio psicológico da ex-mulher. Lê uma mensagem dela no celular: “Sua filha está surtando. Sua insensibilidade e egoísmo estão impedindo você de ver isso”. Envia, para mim, por e-mail, gravação feita pela ex, com a filha de quatro anos dizendo que “[o nome da mãe] precisa um outro marido “...BB...”: esse BB não faz as coisas direito”. Assustado e indeciso, diz que não sabe o quê fazer e pensar. Teme levar a gravação, as mensagens e outras provas para o advogado, pois ela saberia muito bem usar estas coisas para revertê-las contra ele. Repete várias vezes: “Eu não sei me defender, não sei confrontar”.

Em quase desespero relata: “Tenho vontade de me arrebentar todo”. Irritou-se com o “metafórico” dito por outro integrante do grupo, em relação ao seu desejo. “Quero mesmo me

machucar, não é metafórico”. Está arfante, a ponto de ter uma síncope. Ao final da seção, após algumas intervenções minhas e, aparentemente mais calmo, afirma: “Quero amar, quero viver”. Então, digo-lhe: “Parece-me que é recomeçar sua vida que deseja, e não será arrebatando-se e machucando-se todo que o fará”.

Em certo sentido, ao querer arrebatando-se, não deixa de ter razão – se pensarmos que, para Heidegger, conforme Casanova (2009), a supressão dos encrostamentos diz mesmo respeito ao conceito de destruição. É forte na vivência de BB a condição de eterna culpa por acreditar que, aos olhos dos outros não é o que deveria e tem de sê-lo: a busca da concretização de um modelo, diga-se de passagem, praticamente inatingível, posto que agrade a todos, ainda que à custa do próprio desagrado e adoecimento. Conforme palavras de Pompeia e Sapienza (2011, p. 171, 172), que cabem perfeitamente na questão de BB:

A culpa deixa de ser, como em seu sentido existencial, um convite, uma proposta, um chamado para a realização e passa a ser o apontar de uma falha, de um erro, de uma falta que deve ser objeto de punição, falta essa que está na referência do passado, pois, quando o *Dasein* busca falar de si mesmo como uma totalidade, é sempre o caráter significativo do passado que surge como o mais relevante. Então, a dívida torna-se um dever, e *Dasein* já não se pauta mais por aquilo que ele deve a si mesmo, mas sim por aquilo que o separa da realização ideal de um modelo que se não conseguiu ainda atingir, é porque ele deve ter cometido algum tipo de erro, de falha, pelo que deve ser punido. E aqui o *Dasein* começa a girar em falso, punindo em si mesmo uma falta que, na origem, é um não-ser, e que aqui tornou-se um ser errado, um ser do jeito que não devia ser. Nessa condição de perdido, a culpa existencial passa a ser um sentimento patológico de culpa.

Mais adiante, relata um episódio em que teve coragem de responder às acusações da ex: “Ela diz que há um homem interessado nela e que quer assumir meus filhos e que se admira de mim, sendo o pai, não querer assumi-los”. Conta que respondeu: “Nunca falei que não queria assumir meus filhos, você sabe disso. E aí veio o ‘gran finale’: respondi: quando você achar que eu não quero assumi-los, depois do que eu fiz hoje (ele havia passado o dia acompanhando-a em compras, resolvendo problemas dos filhos, carregando as crianças e as sacolas), liga para ele! Dei as costas e fui embora”. O ocorrido é contado por ele como uma vitória, e também me surpreendo, já que confrontar quem quer que seja, ainda mais a ex-mulher, era tarefa, até então, para ele, impensável de ser feita.

Em outra sessão, já chega fazendo uma consideração de peso. Diz: “Me dei conta de que não tem que acontecer algo. Eu é que tenho que fazer algo. Preciso acontecer para que minha vida mude”. Está aparentemente mais tranquilo, a cabeça erguida. Confirma que teve

uma semana mais calma, mas que não está conseguindo mais lidar com determinadas situações como antes. Ao pedir que explicita mais o fato, dá exemplo de como reagiu diante de insinuações no trabalho, encarando as pessoas e demarcando limites para ser respeitado. Um amigo teria chegado até ele e lhe dito que está preocupado com sua mudança de atitude. Teme onde pode chegar com sua dificuldade de não conseguir mais ouvir este tipo de brincadeiras ofensivas (julga ser capaz de agressões verbais e até físicas). Reporto-me ao início da terapia, quando contou ter recebido de alguém a alcunha de “burro bom”: “Burro bom? Carga nele!”, caracterizando-o como subserviente. Alguém do grupo diz que ele deveria perguntar, a quem o conhece bem, incluindo o amigo que tinha manifestado preocupação com sua mudança, se esta era para melhor, ou pior. Conversamos sobre a mudança oriunda das experiências e reflexões que vem fazendo ao longo da terapia e de como mudar de posição e atuação pode vir a surpreender e até mesmo incomodar aos que se habituaram a vê-lo sempre do mesmo modo.

Retomo a lembrança de dois momentos seus: do início da psicoterapia, na crise que detonou seu encaminhamento da psiquiatria para a psicoterapia, em que não se lembrou de haver “explodido” e quebrado tudo, como algo que o “tomou” (quando era totalmente subserviente e não sabia “contrariar” ninguém); e de agora, quando consegue olhar os outros de frente (o que lhe era extremamente difícil e penoso fazer) e responde “no automático”, se impondo e questionando as atitudes dos outros. Digo-lhe que tanto em um, quanto em outro momento, se sente “dominado” e não “vê” o que acontece – quando dá por si, já fez ou disse algo que lhe escapa. Utilizo-me da expressão “meio termo” ao qual se refere algumas vezes, e procuro refletir com ele se essa “ponderação” porventura não estaria mais próxima de ações efetuadas, metaforicamente, “de olhos abertos”, de forma mais própria, ciente do que faz, como algo que lhe seja possível, efetivamente, escolher. Ele diz que é isso que vem buscando: apropriar-se de suas atitudes de forma mais livre. Entre elas, estaria, por exemplo, um provável reatar o casamento com a ex-esposa, em benefício dos filhos, dos quais se sente muito distante. Como já disse outras vezes, fala que pretende ir empurrando com a barriga e “deixar nas mãos de Deus”. Relembro-lhe o fato de já ter se referido várias vezes à ex-mulher como um deus.

BB passa a se referir, várias vezes, ao temor de voltar atrás em seu processo, dizendo sim a tudo que a mulher lhe exigir. O temor se deve à possibilidade de voltar, eventualmente, a viver com ela, por causa da preocupação com os filhos: “Morro de medo dela: quando o

telefone toca, me arrepio do alto da cabeça ao dedo dos pés.” Pergunto-lhe o que efetivamente aconteceu, com relação à sua integridade física, após sua separação. Pensa e diz que nada, só o assédio psicológico constante dela que invadiu, inclusive, redes virtuais das quais fazia parte, como por exemplo, sites de relacionamento, fazendo-se passar por outra pessoa, criando um perfil “fake” para conversar com ele. BB criou diversos e-mails e ela descobriu todos, o chamado cyber bullying. Comentamos sobre o fato de que o poder que ela exerce sobre ele lhe fora conferido, na verdade, por ele mesmo. Pergunta-me como retomar este poder, então, e o que fazer caso ela não queira “devolvê-lo” a ele. Relata: “Desde sempre se apropriaram de mim; desde que eu era “bb” (faz sinal de “pequenino”).

Pompeia e Sapienza (2011, p.100, 101) comentam sobre duas atitudes perigosas que consistem – uma, em ficar fascinado pela perda e preso na densidade emocional ligada à tragédia, sem se lembrar de que é preciso ir além e outra, na tendência a permanecer no lamento diante do que foi perdido, diante de como poderia ter sido o futuro se não tivesse acontecido o que aconteceu. Este estado, conforme os autores, “mantém a pessoa constantemente ligada àquilo que não pode mais ser; ela passa a viver transportando um sonho morto, com todo o peso que isso tem”. Trabalhar com BB na elaboração de seus pensamentos em torno desses dois perigos é uma de nossas preocupações e objetivos no cuidado com ele.

Johann Peter Hebel apud Heidegger (1959, p.15), diz algo curioso: “Nós somos plantas que – quer nos agrade confessar, quer não – apoiadas nas raízes, têm de romper o solo a fim de poder florescer no Éter e dar frutos” (éter significando a esfera aberta do espírito). As raízes de BB são finas e frágeis – eis, talvez, uma das dificuldades em romper o solo rígido da menos valia, do não reconhecimento das próprias possibilidades; as restrições de sentido que o enclausuram e açoitam, mesmo sem algoz; o fechamento e a disposição arredia do espírito, sempre cabisbaixo e descrente. Mais adiante (1959, p. 17), contrapõe que “a perda do enraizamento não é provocada somente por circunstâncias externas e fatalidades do destino, nem efeito da negligência e do modo de vida superficial dos homens, [mas] do espírito da época no qual todos nascemos” e que nos ameaça a todos.

Ainda em *Serenidade* (1959, p.25, 26), tem-se que “a serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento” e que é indispensável manter desperta a reflexão: “A serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério nunca nos caem do céu, não são frutos do acaso, mas medram de um pensamento

determinado e ininterrupto”. Priorizamos, no contato com BB, atentar para a descristalização de modos insatisfatórios de ser, a defesa arraigada de autoidentificações negativas e inflexíveis que não constituem o modo mais próprio de ser do *Dasein* e o que ainda não foi desvelado para si próprio. Conforme Heidegger (1969, p.50): “O ocultamento do ser ainda não desocultado, esconde tesouros inexplorados e permanece a promessa de um achado que apenas espera por uma procura adequada”.

A terapeuta, ao longo do processo (ainda em andamento), tem procurado investir na promoção de um ambiente e de uma atmosfera seguros, com uma escuta atenta e sem pré-julgamentos, pressupostos da presença e da atuação psicoterápica que possam contagiar BB a aproximar-se cada vez mais da liberdade de ser si mesmo, abrindo caminho para que ele possa suportar essa difícil travessia. Tentou, igualmente, após um tempo de trabalho individualizado, inseri-lo em um trabalho de grupo, onde recebesse suporte de outros membros. A ideia era a de que ele pudesse, talvez, dispor-se a experienciar uma maior abertura existencial, apercebendo-se de novas possibilidades de enfrentar situações ameaçadoras sem, necessariamente, ter de perder o controle e ou ser “destruído” pelo “poder alheio” – dois de seus maiores medos. Acessar tal disposição de espírito, no entanto, é, a nosso ver, a maior dificuldade para que BB resgate a si mesmo da atmosfera de pavor intenso que o cerceia. O lugar de saber-poder, atribuído ao próprio terapeuta, precisou ser desconstruído frequentemente, embora, no presente, muito menos do que no início do trabalho. Foi preciso assegurá-lo e até mesmo desafιά-lo a confrontar as ideias propostas e ou questioná-las, caso as considerasse impróprias ou não pertinentes, como um exercício de auto-aceitação, proteção e valoração próprias.

BB viveu a maior parte de seu percurso existencial, sob o domínio de estruturas de dominação e subjugação. Em boa parte, parecem ter sido impostas por ele, sobre si mesmo, e mantidas sob o “pretexto” de não contrariar para não polemizar, ou atrair para si mais opressão e cobrança – que julga não suportar, em absoluto. Com tal suposição, submerge no medo e na passividade, os quais o impedem de visualizar as condições de possibilidade tanto de resolução, quanto de crescimento, que tais situações trazem a reboque.

Casanova (2009), referendando Heidegger, explicita que o ser é acontecimento apropriativo e como tal se essencializa como a liberdade. É dessa falta de se dar ao acontecimento apropriativo que BB padece, posto que pautado, ao longo de sua história, em conferir a todos, menos a si próprio, a decisão sobre que rumos conferir à sua vida. Ao temer as conseqüências

advindas de suas escolhas, congela-se diante das possibilidades que se lhe apresentam. É como se estivesse atado ou atasse a si próprio, impedindo-se de lançar-se no mundo para descobrir novos caminhos e modos de existir. Seu maior desejo – ser livre, é podado na própria origem – a de permitir-se ser livre, se lançado ao aberto. Assemelha-se com o que, segundo Casanova (2009, p.51), está em questão para Heidegger: “Desconstruir os encrostamentos provocados pela sedimentação dos conceitos fundamentais e liberar potencialidades que dormitam nesses conceitos mesmos”.

O trabalho persiste, voltado para a assunção, por parte de BB, de uma maior complacência para consigo mesmo, para que não ele, mas a culpa, se “arrebente toda”, se volte a seu favor, no sentido de transformar a percepção de eterna dívida ao outro, no compromisso de, com mais confiança e serenidade, dever a si mesmo o ser que ainda não é, mas é possível vir a ser.

Em uma sessão posterior, depois de haver lido a parte da dissertação que fala sobre ele, BB comenta que achou o pseudônimo PP (seria Peter Pan ou Puer Aeternus, provisórios) muito apropriado – mesmo tendo lhe dito que talvez fosse modificado por parecer demasiadamente caricato. Ele diz que não acha, e me pergunta se eu me lembro de ele haver me dito, tempos atrás, que “não sabia viver”, o que, acredita, também, validar a analogia. A seguir, me traz um texto que baixou da internet, dizendo que gostaria de conversar sobre ele em uma próxima oportunidade. Eis o texto:

Mensagem Ágape de 14-09-2011

Passamos uma vida presos, iguais pássaros em gaiolas!

Medo de amar, de olhar a vida de frente...

E, naquele pequeno espaço, cantamos nossas dores em pesadelos!

Muitas vezes, as portas de nossas gaiolas se abrem...

Mas permanecemos ali, acostumados, encolhidos às nossas vontades e sonhos!

Não tenhamos dúvidas! Na primeira oportunidade, alcemos o vôo das águias: calmo, confiante, determinado!

Amemos sem medo, brinquemos um pouco com a vida!

Não tenhamos medo dos rochedos e, sobre eles, estendamos nossas asas corajosas de águias!

Soltemo-nos ao vento e deixemo-nos levar ao sonho!

Na terapia, então, procuramos revirar os sentidos que BB extrai da mensagem, os sentimentos e vivências que o fizeram considerar o texto significativo para ele. Em relação às três primeiras linhas, comenta que as associou à sua formatação desde criança e às coisas que tinha vontade de fazer, mas que recebia ordem para não fazer: “Havia uma linha divisória – aqui pode, aqui não pode”. Relembra os alertas que recebeu e que lhe indicavam que “se houvesse 0, 00001 de possibilidade de perigo, certamente iria acontecer comigo. Murphy estava sempre do meu lado”. Daí viera, então, seu medo de tudo.

Conta que há anos mora no Rio de Janeiro e não conhece a cidade, pois tem muito medo de coisas aparentemente simples para os outros, como ir a um barzinho ou caminhar na praia. Em relação a isto, diz que vai me contar um segredo: contactou uma moça e saiu com ela por dois finais de semana seguidos. Considera isso uma grande novidade e que foram “passinhos” tímidos que deu. A ex-mulher telefonara para ele quando estava na rua. Sentiu um calafrio. Preocupou-se com o fato de estar na rua e ela perceber algum barulho. Precisou entrar no carro, fechar os vidros e dizer a ela – que havia ligado para saber onde estava, que se encontrava em casa, vendo TV. Temeu que ela descobrisse que estava saindo e usasse o fato dele estar se distraindo, como uma arma contra ele. Em paralelo, sabe que ela sai e deixa os filhos com os avós, mas que respeita sua privacidade. Pergunta-me: “Por que será que eu sou capaz de respeitar a liberdade e o espaço dela e é tão difícil ela respeitar o meu?”. Digo-lhe que, provavelmente, nunca saberia muito sobre a forma de ela pensar e agir, mas lhe perguntaria as razões pelas quais ele detém a capacidade de respeitar tanto o espaço dela e não conseguir fazê-la respeitá-lo, ou até mesmo, respeitar-se a si próprio.

Concentro meus pensamentos no fato de ele me parecer “ôco”: sem vontade, opinião, convicções próprias, tornando-se totalmente permeável às confrontações e argumentações alheias. Ele diz perder a certeza do que pensa, diante da argumentação dela e sempre precisar se justificar, para que ela compreenda seus motivos. Analisamos, juntos, que isso tem sido

assim durante muitos anos e sua autodefesa não lhe ajudou muito. Também consideramos o fato de que este modo de se relacionar com os outros, sempre se justificando, de certa forma, alimentava ainda mais a “condenação” deles sobre si. Reflete: “Às vezes, eles nem estão ouvindo, só estão esperando você ter qualquer argumento para rebater o que você disse”.

Lembrando-se de suas “escapadelas”, fala com ar assustado, as sobrancelhas cerradas, tapando o rosto com as mãos: “Já imaginou minha família sabendo que passei a noite na rua e não fui à missa dois domingos seguidos? Vão dizer que é por isso que as coisas saem erradas pra mim, que vou queimar no fogo do inferno!”. Pergunto-lhe quantos anos tem, mesmo já sabendo sua idade. Ele responde e eu repito a pergunta. Conversamos sobre o medo que tem de sair, as fantasias que até então tinha sobre isso e quais dela, efetivamente, se concretizaram.

Em relação às três linhas seguintes do texto que trouxe, acrescenta, simplesmente: “Sou eu!”. Sobre o restante, afirma que era tudo que ele gostaria de fazer e viver e não consegue. Pondero que nem todas as pessoas que tiveram uma educação tão rigorosa e massacrante como ele diz ter tido, necessariamente, reagem da mesma forma que ele, em obediência cega e servil. Alguns, ao contrário, até se utilizavam disso para se rebelarem ou simplesmente desconsideraram o que não seria passível de ser “obedecido” e seguiam adiante. Seu irmão é um bom exemplo disso, pois já contara que era extremamente diferente dele. Procuro sondar então, este modo de ser-no-mundo, esta disposição peculiar de se relacionar de forma tão “autoabandonada”. Ele diz pensativo que isto, para ele, é um grande ponto de interrogação. Não consegue dizer nada sobre isso: “Só tenho sensações, só posso falar do que sinto”. Considera estar “transgredindo a lei” ao não obedecer ao que lhe é prescrito, ainda que saiba que não está fazendo nada de errado.

Conversamos ainda um pouco sobre pássaros e gaiolas, asas que se desacostumaram do voo e precisam exercitá-las novamente, medo de alçar voo pelo fato de as gaiolas serem mundos confortáveis e previsíveis, mas restritas, talvez, à água e alpiste. Um componente do grupo traz imagens relevantes que tem sobre o modo de ser de BB no mundo e que nos ajudam a compreendê-lo: diz que sente como se as pessoas ao redor de BB fossem folhas voando em um vendaval e BB, lá no chão, parado: “Todo mundo está vivendo e você, parado: é os outros, é os outros, é os outros”. BB pensa um pouco e diz: “É... eles podem errar, são passíveis de serem perdoados e eu, não”. Comentou: “E será que estão preocupados em serem

perdoados ou não? Vai ver nem se preocupam com relação a isto, só querem viver suas vidas e fazerem o melhor por si mesmos”. “É, tem isso”, diz, rindo timidamente.

Na sessão posterior, BB está com outro semblante, mais animado – eu me arriscaria a dizer que “feliz”. Conta que tem dado alguns passos com relação a experimentar o mundo, driblando o medo (faz questão de me avisar que ele, o medo, ainda está lá, por perto!): “Estou permitindo o corpo ir, estou aprendendo a viver”. Relata que viajou no fim de semana e desligou o celular para não receber ligações da ex. No entanto, ficou angustiada o tempo inteiro, temendo que algo acontecesse aos filhos e ela lhe jogasse na cara que não o havia encontrado, que ele havia abandonado os filhos ou, no mínimo, que ligaria na segunda feira lhe dizendo vários improperios: “Mesmo sabendo que fiz minha parte, que se houvesse algo urgente, ela teria ‘n’ maneiras de me encontrar”. Passa a falar de outras coisas e não me diz o que houve depois. Tive que perguntar-lhe, afinal, se algumas de suas previsões ocorreram de fato. Ele diz que não, que nenhuma das duas. Relembro-lhe a história dos ratinhos acostumados ao choque e que ele, na verdade, poderia notar, com um pouco mais de atenção, que nem sempre acontecia o pior. A partir daí, quem sabe, refletir que há sempre outras possibilidades disponíveis, além das que lhe parecem familiares ou habituais.

Observamos, no movimento de BB, que ora parece ampliar um pouco mais seu modo de ser enrijecido, ora parece retornar às identificações encobridoras já de há muito companheiras. Lentamente, no entanto, se permite experienciar a vida, ainda que de forma claudicante. Tento ajudá-lo a se lembrar de que ninguém se “dissolveu”, adoeceu ou foi prejudicado por nenhuma de suas novas descobertas. Ele me olha e diz para ter calma, que está indo devagar: “Me dê um tempinho!”. Eu lhe pergunto há quanto tempo estamos juntos. Ele enrugando a testa: “Há muito tempo!”. Eu pergunto: “Já lhe dei algum prazo? Temos todo o tempo do mundo!”. Suspira, então, e diz: “Ah, que alívio!”

Mais adiante, BB narra algumas experiências que teve viajando a trabalho – experimentou coisas novas, gratificantes, como sair para lugares desconhecidos e voltar tarde, coisas até então inimagináveis para ele. Um integrante do grupo fala alguma coisa sobre a espinha dorsal que mantém as pessoas eretas na vida. Aproveito a deixa para saber dos outros qual é a espinha dorsal de cada um. BB responde: “Minha espinha dorsal é a vontade de me tornar a pessoa que eu quero; de ser quem eu gostaria de ser e estar adequado à consciência de poder ser quem eu quero”.

Tempos mais tarde, BB retorna ao casamento. A preocupação com o modo, aparentemente displicente, com que a ex-mulher cuidava dos filhos e as intervenções dos sogros na educação deles, com as quais não concordava, falaram mais alto. Além do mais, sua situação financeira, com a separação, agravou-se. Ele faria uma economia, mudando-se para um imóvel funcional, desde que cumprisse a condição, imposta pelo trabalho, de estar acompanhado de seus dependentes. Diz que a ex-mulher está se comportando de modo diferente e que, agora, tem “antenas” que disparam diante de qualquer atitude dela, à moda antiga. Comenta que não a ama mais e voltou unicamente por causa dos filhos.

BB ora sente-se melhor na atual condição, por estar realizando seu desejo de acompanhar, de perto, o crescimento dos filhos; ora abate-se, por não estar vivendo como sonhou: “Estou cansado de mim mesmo. Estou frustrado: está tudo voltando a ser como era antes; eu abro mão para evitar o desgaste. Queria já ter superado o medo, que já existia muito antes de me casar”. Diz que tem consciência de que “a felicidade completa é uma utopia” e que “serei feliz pela metade até o fim dos meus dias”. Ainda sente-se “como se a vida não me pertencesse: tudo e todos tem domínio sobre ela, menos você”. Comenta que “teve o gostinho” de ser dono de si mesmo quando esteve separado. Checo com ele o que houvera feito enquanto teve o “gostinho”. Ele ri, meio sem graça, e diz que não muita coisa, mas, ao menos, sentia-se dono de si próprio.

Parece-nos, assim, que a sensação de liberdade, experienciada por ele, não esteve atrelada, de fato, a contingências externas – coisas das quais tenha usufruído, estando longe da esposa (e que tanto desejava, julgando não poder tê-las, em função do aprisionamento à rotina massacrante imposta pelo controle dela), mas a uma sensação interna de “poder” ser.

Ao pensarmos no modo como BB se localiza em meio a sua existência, com relação à mudança que desejaria operar, em seu modo de ser, nos valem da explicitação heideggeriana para a questão do tornar-se propriamente si mesmo:

A passagem do impessoal, ou seja, a modificação existencial do impessoalmente si mesmo para o ser-si-mesmo de maneira própria deve cumprir-se como recuperação de uma escolha. Recuperar a escolha significa escolher essa escolha, decidir-se por um poder-ser a partir de seu próprio si-mesmo. Apenas escolhendo a escolha é que a presença possibilita para si mesma o seu poder-ser próprio. Porque está perdida no impessoal, a presença deve primeiro encontrar-se. A presença necessita do testemunho de um poder-ser si mesma que, como possibilidade, ela já sempre é (2009a, p.346).

BB debate-se, ainda, com o pensamento de que, agora, vê de modo amplo, “como um todo” e não da forma “estreita” que via anos atrás. Expressa o desejo de voltar no tempo, “vinte anos atrás” e mudar o rumo de sua história. Hoje, acha impossível fazer algo com o que julga ter aprendido, pois, segundo ele, “as contingências são outras”. Exemplifica: para fazer o que gostaria (mudar-se para sua cidade natal e viver uma vida mais provinciana), afetaria e prejudicaria muita gente: especialmente sua esposa e filhos, pois não sabe se isso seria bom para eles.

Em face das constatações de que não pode mais mudar ou fazer coisas em função da “estreiteza” de sua visão no passado, sugiro-lhe que me diga o que vê de onde está sentado (há uma janela aberta à sua frente, de onde se vê, parcialmente, galhos de uma árvore). Ele descreve o que observa. A seguir, peço-lhe que se levante e me diga o que vê, então. Neste ângulo, percebe a extensão ampliada dos galhos e, à frente da árvore, um tronco de outra, cortado. Por último, convido-lhe a avançar bem rente à janela (é possível colocar o rosto para fora, pois não há grades) e descreva tudo que vê, nesta nova posição. Ele já sorri, talvez, antecipando a metáfora. Pergunto-lhe (e é, obviamente, apenas um leve confronto) se havia algum problema com sua visão quando estava sentado, pois não me descrevera o mesmo que vira quando esteve de pé. Também indago se considera que, na primeira descrição, sua capacidade visual poderia ser considerada “estreita” por não ter tido a “visão do todo” que obteve próximo à janela. Ele responde negativamente e eu pergunto-lhe em função de quê, então, vira, a cada vez, mais elementos na paisagem, de modo que sua visão se tivesse tornado menos “estreita” do que no primeiro momento. Ele diz algo curioso: “Foi porque me movimente”. Conversamos sobre o “movimento” que é viver. Falo algo sobre não podermos ter, em hipótese alguma, certeza de que mudaríamos o curso de nossa história para o que, no presente, acreditamos ser melhor, caso pudéssemos voltar ao passado. E do fato de só podermos existir no presente, com as possibilidades que nos são lançadas no momento. Ele pergunta se não somos, no agora, resultado do que construímos no passado (o que me dá a impressão de que se sente determinado e totalmente impossibilitado de ser de outro modo).

Em relação, pois, à grande questão de BB, aquela logo do início, em que dizia que só seria livre se alguém lho permitisse, recordamos novamente a questão em Heidegger, ao discorrer sobre a essência da liberdade (1979, p. 138): “Antes da liberdade ‘negativa’ ou ‘positiva’, a liberdade é o abandono ao desvelamento do ente como tal. O caráter de ser desvelado do ente se encontra preservado pelo abandono ek-sistente: graças a este abandono,

a abertura do aberto, isto é, a ‘presença’ (o “aí”), é o que é”. A mesma liberdade, portanto, que BB tanto teme quanto deseja, não passa, segundo crê, por um rompimento com o seu mundo fático: não está atrelada ao seu estado civil ou ao lugar onde mora, pois: “O singular sempre vai além do mundo fático sedimentado. Não rompe com o mundo fático, mas produz antes uma certa modulação de um tal mundo” (Casanova, 2006, p.157). Tão pouco é uma dádiva a lhe ser concedida por quem quer que seja. Antes, reside na possibilidade de abandonar-se ao desvelamento de seu próprio ser, enquanto tal. E não há quem o possa fazer em seu lugar, senão aquele a quem vê, quando se olha no espelho.

2.3 - Sonhos Noturnos, Pesadelos Diurnos – Sedução, Culpa e Menos Valia na História da Mulher- Menina

A mulher-menina (MM), trinta e oito anos, traz, nos gestos mais ínfimos, nos movimentos mais amplos, no modo de se expressar, de se vestir e se portar, uma mescla destes dois mundos que nos sugeriram seu pseudônimo – é uma mulher muito bonita, atraente, sempre ornada com detalhes delicados, extremamente femininos e mais comuns a uma púbere. Chega ao consultório queixando-se de pesadelos freqüentes e persistentes há muitos anos. O modo como os narra lembra capítulos de uma novela que apresentam, paulatinamente, elementos de “confirmação” de um drama que vive há anos: o temor de ser traída pelo marido.

Em cada capítulo onírico, há sempre uma mulher que disputa pelo amor de seu esposo. Inicialmente, não consegue ver os rostos delas, apenas o tipo físico - sabe, no entanto, que são lindas, seguras, independentes, e que o marido “fica todo bobo”, “fascinado” por elas. Dentro dos pesadelos, ele nega, a princípio, o envolvimento; mas termina por confirmá-los. Por isso, sempre, ao acordar, interroga-o e precisa ouvir dele mil justificativas para se convencer de que foi apenas um sonho.

À medida que o tempo passa, as histórias vão ganhando riqueza de detalhes e ela consegue ver o rosto de uma pretensa amante, minuciosamente. Era linda, como ela gostaria de ser: olhos puxados, verdes, nariz afilado, cabelo louro natural. Fica arrasada, crédula de que são sinais de que a traição de fato acontece na vida real. Em função desses temores, telefona com frequência para o marido, em busca de atenção. Muitas vezes ela o faz voltar do trabalho para casa, sentindo-se mal, insegura, abandonada. Na ausência dele, pede ao filho que permaneça ao seu lado, abraçado a ela.

Em uma de nossas sessões, certo dia, comenta que leu em revistas femininas que, quanto mais “leve” for a mulher, mais chances terá de manter, consigo, seu homem. Logo a seguir, relata mais um de seus sonhos, nos mesmos moldes anteriores, porém, com uma curiosidade: dessa vez, são duas mulheres. A primeira, como sempre, bonita, independente, segura. A segunda suposta rival, também; no entanto, “encolhera”: era “pequeninha”. Essa, no sonho, diz à MM que a considera bonita, mas que está acabada pelos remédios e os

tratamentos que faz. MM, por sua vez, afirma que, pela segunda, não se sente ameaçada, mas, caso ela fosse maior, sim: “Elas são leves, descontraídas. Eu sou séria, pegajosa”. Boss (1979, p.27), explicita que “o sonhar deve ser reconhecido como um modo de existência lado a lado com a vida desperta”. Assim, observa-se, com certa clareza, a resposta à pergunta que o referido autor propõe: “Que elemento comum, encontrado nos estados despertos antes e depois do sonhar, poderiam ter dado origem ao mundo do sonho em si?” (p.59). Temos, nós duas, a compreensão de que a identidade das mulheres com quem sonha se revestem da mesma condição de independência e segurança que tanto almeja para si na vida desperta.

MM relata episódios com os quais tenta construir histórias de prováveis traições do marido; como, por exemplo, ele parecer ter um desejo antigo, enrustido por uma ex-vizinha. Afirma que ele nunca lhe deu motivos concretos, mas preenche todos os indícios de homens que traem, conforme também lera em uma revista: entre os itens, as ausências para resolver problemas em prol da família. Sente-se “infantil, boba e palhaça” por contar isso ao marido, mas, ao mesmo tempo, precisa ouvir dele as negativas para se sentir segura. Diz a ele: “Se não estiver feliz comigo, se eu te sufocar, podemos nos separar, vou ficar mal, mas...”. Pergunto-lhe: “E você, depois das explicações dele, sente-se segura?” Ela responde que “mais ou menos: não dá para me sentir segura”. Ao querer sondar o que seria necessário para que isto aconteça, diz: “Nada: não vou me sentir segura nunca; isto está comigo; não sei se é patológico, você acha que é patológico? Eu sou masoquista, acho que sou. Acho que não posso nada (resolver problemas em bancos, trabalhar, estudar): me acho pálida, doente, flácida na barriga – eu me acho o cocô do cavalo do bandido”.

São, ainda, palavras suas, que expressam suas vivências mais íntimas e singulares: “Não consigo segurar ninguém comigo. Não quero ser esquecida, não quero perder o lugar que tive na vida das pessoas. Tenho necessidade de ser amada, desejada, de não sair do pensamento das pessoas. Eu sou carinhosa, meiga, simpática, me dão muito quando estou com alguém – mas as pessoas não ficam, eu sempre sou largada. Tenho dificuldade com rejeição, todo mundo tem, mas algumas têm mais do que as outras: minha mãe tomou remédio, não queria me ter – teve oito filhos e foi muito judiada pelo meu pai. Eu busco paixão, não é sexo – não tenho paixão no meu casamento. Quero que as pessoas se apaixonem por mim”. Chega impressionada, um dia, com uma notícia do jornal, em que dois amantes “estavam viciados um no outro” e a mulher, ao fim, termina por matar o homem: “As

notícias relatavam que ela ligava mais de cem vezes por dia e ele atendia. Era isso que eu desejava também de um homem”, conclui.

MM convive, também, com outros tipos de sonhos: alguns agradáveis, em que está “voando, vendo lugares bonitos, de uma beleza natural que não se vê na terra, acima das nuvens, como as pinturas de igreja”; outros muito ruins: sonho de estacionar e não achar o carro; com água suja; edifícios caindo; ondas gigantes. Boss (1979, p.30), chama a atenção para associações e interpretações banais e clichês, que não passam de intelectualização, afastando a possibilidade de verificar o que o sonho em si tem a dizer em relação ao comportamento do sonhador. Segundo ele, todas estas interpretações simbólicas falham, tendo em vista as limitações do estado onírico em autoapreciar-se mais acuradamente. Orienta, assim (1979, p.47), que se deve basear a apreciação do sonho no material onírico em si, e nas possibilidades de diálogo dele consigo mesmo, visando “compor de maneira mais clara possível uma visão desperta do que realmente foi percebido no sonhar”.

Um dos principais objetivos no trabalho com sonhos, para Boss, seria facilitar o processo do paciente de “pensar na possibilidade de uma relação entre o sonhar e a vida desperta, a fim de que esta última fique mais aberta e receptiva a um mundo de fenômenos mais rico e diversificado” (1979, p.54). Neste sentido, especialmente os sonhos em que se vê voando nestes ambientes celestes “nunca antes vistos com tanta beleza na terra”, parecem apontar para a mesma condição de dualidade presente em seu modo de existir e pensa: entre a excessiva preocupação com a vaidade e, concomitantemente, com a concepção da fugacidade das coisas, o desejo de libertar-se do apego às coisas materiais às quais se sente aprisionada e a impedem de alçar vôos mais significativos, onde pudesse ser-no-mundo-com-o-outro de forma mais madura e independente, sem necessitar permanentemente da atenção e admiração alheias.

Independentemente dos pesadelos, passa a maior parte do tempo inquieta, com sensação de solidão e estranheza, vazio, medo, tristeza. Tem maus pressentimentos, taquicardia, ingere calmantes, sente tremores, deixa as coisas caírem. Por vezes, irrita-se, atira e quebra copos. Liga para o marido em busca de segurança e conforto. Já se automutilou algumas vezes e usou seu próprio sangue para escrever recados endereçados ao marido, nas paredes.

Veza por outra, sugere que a terapia não está evoluindo porque ainda não me contou certas coisas, mas não se sente preparada para tal: “Tem coisas que a gente não conta nem para a alma da gente. Não dá para contar todas as ‘M’ que fiz, não estou preparada”. Digo-lhe que se não se sente preparada ou confiante, pode e deve esperar pelo momento certo – e asseguro-lhe que não estou lá para julgar ou condenar quem quer seja, pois, além do fato de haver sido “treinada” para estar ali – é esse meu trabalho e vocação, eu mesma possuo inúmeros percalços e defeitos.

Pompeia e Sapienza (2011) falam do sentimento de vergonha que o paciente nutre de expor sua limitação, reconhecendo-se fraco, incompetente. A vergonha apontaria para a tonalidade afetiva do desabrigo – a sensação de estar exposto, não estar protegido. Com ela, viria a sensação de estranhamento com a própria experiência e consigo mesmo. Terminamos por ter de caminhar, as duas, para uma outra tonalidade afetiva, que os autores denominam confiança. É preciso que ela “confie” na possibilidade da transformação e eu, na possibilidade de apoiá-la nessa possibilidade.

Algumas sessões adiante, ela vem aparentando desconforto e constrangimento, mas termina por contar que trai o marido. A partir daí começamos uma nova etapa, em que, paulatinamente, os sonhos vão ficando em segundo plano. Chega a fazer a seguinte consideração: “Acho que minhas queixas no começo eram muito diferentes, porque eu não falava do problema; quando comecei a falar, eles pararam”. Boss (1979) já havia dito que as sequências oníricas repetitivas apontam para uma interrupção do processo de crescimento na existência desperta da pessoa e que quando ele se restabelece, tal sequência desaparece.

Sobre as traições, explica: “É como ter sede e um copo d’água ali na frente. Eu tenho necessidade. Não queria ter necessidade. Tenho que ter um plano A e um B. O A seria não ter necessidade; o B seria me controlar, já que a necessidade existe. Eu testo a resistência dos homens, mando e-mail malcriado, ligo, brigo. Quero saber até onde me suportam. Mas só meu marido me suporta. Mas ele também não me satisfaz. Ninguém satisfaz. Eu gosto de ser idolatrada, cortejada. Preciso disso. Mas a água não me satisfaz”. Lembra-se da história da mulher no poço com Jesus, descrita nos evangelhos: “Quem vier a mim, jamais terá sede”.

Faz analogias entre sua condição e a de outros: alguns homossexuais, pessoas que tiveram um membro amputado e precisam reaprender a viver com a deficiência e outras “categorias” de pessoas que precisam conviver com algum tipo de doença física. “Sinto sede,

preciso. O corpo pede. É uma perturbação. Não adianta só um, preciso de alguns e tenho que ser exclusiva”. Reflete: “O fio da questão é que não me banco, não tenho independência, dependo de outro para me sustentar”.

Observamos, assim, a clareza de MM na compreensão de seu modo de ser-no-mundo. Está insatisfeita com ele, não encontra para si outros modos de ser mais livres. Vive dividida: não aceita suas próprias atitudes, luta contra seu “vício”, quer modificá-lo e não sabe como. Sente-se dominada e tomada por eles, como se não pudesse apropriar-se de um novo modo de existência, de gerenciar suas próprias emoções e comportamentos. Considera-se impotente, arrastada e determinada a ser como é, pelas contingências e pela formação familiar. Traz-nos à baila o modo de pensar do personagem Eugênio (Veríssimo, 2010, p.276): “O que ele sentia com dolorosa agudeza era a inutilidade de todos os gestos. Ninguém podia com o destino – sua mãe era quem tinha razão. A vida rolava à revelia de nossos desejos e os homens eram por ela arrastados inapelavelmente”. Sinto que é preciso ainda muito mais aproximar-se do desvelamento do sentido que tal determinismo representa em sua existência como um todo. Conforme Pompeia e Sapienza, (2011, p.135): “Observar o que esse comportamento que a própria pessoa julga estranho está mostrando – medo, desamparo, sensação de ameaça”.

Posteriormente, faz uma retrospectiva: seus pais tiveram oito filhos. A mãe tomara remédio para abortar. O pai brigava muito, era muito ciumento. Tempos depois, ficara doente, de cama, e a mãe fora trabalhar. Ele não queria permitir sua ida nem ao portão – ela fazia faxina para ajudar nas despesas, mas ele achava que ela tinha um amante. O pai batia neles com chicote, até tirar sangue. Ainda pequena, por vezes, acordava passando mal, mas o pai a mandava ir limpar a vala. Batia nela na frente dos amigos, na cara. Dizia aos filhos que eles não seriam ninguém. Um deles era paraplégico. O pai dizia que se ele tivesse nascido na China, teria sido morto, porque não produzia. Agora, adultos, tornaram-se vendedores de tapetes.

Ainda na infância, MM presenciou uma cena com o pai avançando sobre a mãe, com um facão. Apavorada, perguntou-lhe: “O senhor quer matar a mãe?” (chora, pela primeira vez em uma sessão, em mais de um ano de terapia). O pai respondeu: “Não, minha filha, é só para assustá-la”. Conta que “ele usava o que tinha pela frente para ameaçá-la: tesoura, punhal, sempre dizendo: vou te matar”.

MM considera que a mãe, por não querer ter mais filhos e ter sofrido muito enquanto estava grávida dela – “devia ficar triste, chorar, levar muito susto, sentir muito medo. Isso devia passar para mim. Não consigo me sentir amada”. Narra, assim, ter tido uma infância terrível. Seu pai lhe pegava no colo e perguntava: “Se seu pai largar sua mãe, com quem você vai ficar?”. Conta, ainda, que foi bolinada por alguns de seus irmãos e tem dúvidas se não o foi também pelo pai, de quem ouvira falar coisas desabonadoras, por parte dos vizinhos.

Agora, na fase adulta, gostaria de ter “personalidade forte, ser dona de si, independente”. Considera-se uma pessoa sem credibilidade, pois está sempre dizendo coisas das quais volta atrás. Fala de si mesma como “alguém bonitinha, meiga, coisa e tal”, mas quando “desembrulham o negócio” não tem conteúdo. E mais: “Não consigo segurar ninguém, fazer com que ninguém me ame. Deus teve que mandar alguém para me suportar [refere-se ao marido]. Ele é um enviado com a missão de me suportar. Se não fosse Ele [Deus], não teria ninguém. Sou meio desequilibrada: discuto com a pessoa, xingo. Afasto as pessoas de mim. Sou possessiva, melosa, carente. Mordo e assopro. Tenho que machucar para revidar o silêncio, por não terem me suportado [referindo-se aos amantes]”. Elabora, desta forma, que busca, nos amantes, alguém mais que possa suportá-la, já que o marido não entra neste cômputo.

Sobre a questão de não assumir a condução de sua vida, explica: “Eu tenho medo de ser independente e perder o controle. Quando comecei a estudar, saía quando ele estava e voltava quando ele saía. Aí é que eu perdi mesmo o controle. Ele gosta de fazer tudo e eu me acomodo”. Reflito com ela que teme o que mais quer e quer o que mais teme. Responde: “Eu tenho medo; eu sei o que fazer; tenho que ter minha própria vida e me desligar. Não agüento mais o meu ciúme, as minhas desconfianças. Você acha que com psicoterapia eu me curo, ou isso é patológico e se cura só com remédio? Eu estou tomando antidepressivo, mas acho que remédio não vai curar o meu ciúme”. Observamos a vivência inautêntica, ao modo da tentativa de depositar todo o sentido de sua vida e suas expectativas no casamento, esperando reciprocidade, nos mesmos moldes, de seu marido. Conforme Zimmerman (1986, p. xxvi) observa: “The inauthentic individual seeks security by attempting to manipulate the world”.¹

MM atribui este modo de ser (que, segundo ela, é reflexo do medo que sente de tudo) à educação religiosa que recebeu: “Vivia deprimida porque sou vaidosa e não podia vestir

¹ “o indivíduo inautêntico procura segurança tentando manipular o mundo” (tradução nossa).

minhas roupinhas, usar meu batom. Até meu marido dizia: “Você fica assim porque não faz o que quer. Deus se importa é com o interior. Eu sei que, por trás, eles pecam de todo jeito [as pessoas da igreja], mas passei a infância ouvindo: “Irmã, tive uma visão: vi seu cabelo na minha mão... O salário do pecado é a morte” [refere-se às vezes em que cortava o cabelo, fazendo parte de uma igreja que não aprovava tal hábito]. “Vou ter a doença e pagar todas as ‘M’ que fiz e ele será recompensado [o marido]. Meu seio está saindo sangue, se eu tiver câncer, morro em uma semana. Acho bonito quem luta e tal, mas não concordo com radioterapia, quimioterapia”. MM faz exames e eles não acusam nenhuma alteração.

Conta-me uma ideia, uma imagem que, vez por outra lhe cruza os pensamentos: fica imaginando um local, algo parecido com um hospital – tudo muito branco, as pessoas, também, de roupas brancas: pessoas, como ela, poderiam tomar algum tipo de remédio ou injeções, que as tirariam de circulação por um tempo. Ficariam lá, deitadas por alguns meses, talvez alguns anos, descansando. Depois deste tempo, acordariam e tudo teria se tornado diferente. Encaro a situação como uma possibilidade concreta e ela se surpreende com minha abordagem. Parece embarçada, diz algo como ser um pensamento ingênuo ou coisa assim. Eu, no entanto, procuro avaliar com ela os efeitos da situação, tal como se de fato ocorresse. O que teria acontecido enquanto ela dormia? O que haveria mudado? O que as pessoas ao seu redor teriam feito neste tempo? Como reagiriam ao seu “retorno”? Ela reflete, considerando que não haveria mudado nada e que, talvez, as coisas pudessem ter piorado durante seu afastamento. Provavelmente, após o “descanso”, os problemas voltariam a assediá-la, conclui.

Observo, aí, a fantasia de MM de que seu vazio, sua falta, se resolvam por si só, após um “sono profundo”, sem sua intervenção e ajuda. Projeta as realizações que almeja, para um futuro mágico, encarregado, por ela, de concretizá-las em seu lugar. Pompeia e Sapienza (2011, p.152, 153) dizem disso:

O Dasein é aquele que, tendo como característica o vir-a-ser, tem o seu existir como encargo; e isso significa precisar cuidar dos desdobramentos de sua existência, ter de desenvolver-se para realizar sua vida [...] o anseio, que brota da falta, busca um propósito, isto é, algo colocado adiante [...] O sonhar refere-se ao modo como o homem de fato existe: ele, o tempo todo, lança para adiante de si a configuração de propósitos, objetivos, intenções, motivos, desejos e, nisso que ainda não existe, ele se apóia para se relacionar com aquilo que existe.

Em momentos de conflito e dor como esses, MM questiona a Deus o porquê de Ele haver “jogado no mundo” pessoas como ela, que não sabem o que fazer da vida. Em outra circunstância, reflete: “Fico vendo a vida passar. O relógio não espera ninguém. Eu fico só preocupada com academia, cabelo. Os outros vão indo e eu vou ficando. Só cuido da casca. A beleza é efêmera, a idade está chegando. A MM de dentro não tem sustentação. Eu preciso ter certeza de que alguém me ama de verdade. Nunca me senti amada de verdade. Eu acho que não sou uma pessoa que possa ser amada, eu afasto as pessoas. Não me acho capaz. Tenho medo”.

Quando proponho atentar para outras dimensões e possibilidades em sua vida, MM diz que, apesar de querer muito estudar e trabalhar, teme fazer qualquer curso, trabalhar em qualquer coisa, pois tem verdadeiro horror a falhar, causar algum tipo de prejuízo a alguém com algum erro eventual. Conversamos sobre a impossibilidade de quem quer que seja alcançar a perfeição e das formas de se contornar as eventuais falhas para se tornar um profissional melhor paulatinamente, assim como o fato de que não precisaria se exigir além do que fosse capaz, pois qualquer prática vem precedida de treino e estudo, etc.

MM abandona a terapia por alguns meses, após faltas esporádicas. O marido telefona tempos depois. Também vem me procurar, pedindo que volte a atendê-la, pois considera que esteve melhor, durante o tratamento. Alega que a desistência se deveu ao fato de não poder trazê-la para a clínica. Apesar de ela dirigir, quando está em crise, não consegue fazê-lo sem estar acompanhada. Algumas semanas depois, entro em férias. Na volta, tomo conhecimento de que ela tentara o suicídio novamente, com ingestão de doses elevadas de medicamentos. A primeira tentativa havia sido em julho de 2004.

Algumas semanas depois do ocorrido, vindo ao consultório, diz parecer duas MM: “Uma vive uma tristeza habitual, uma sensação de vazio, para a qual está condicionada, mas que não a paralisa – já existe há muito tempo – é a minha vida dia-a-dia. A outra sente uma tristeza que a paralisa – está mais para a morte que para a vida, está acabada, destruída. A primeira tem dó da segunda, mas não aguenta, não toma atitude, se revolta, não gosta de ter pena de si”.

Passam-se os dias e ela ainda se diz desanimada, sentindo-se culpada, arrependida de haver tentado o suicídio. Considera que não serve para nada. Relembro-lhe que não se tornou assim tão refém do destino, como costuma pensar – afinal, conseguira criar seus filhos de

forma totalmente diferente da que fora criada – cuidava bem de sua família e de seus filhos: uma contribuição social importante e, portanto, não era assim inútil como pensava. Perguntei-lhe de que forma havia conseguido fazer isto, já que sempre insistia em afirmar que não havia como fazer nada diferente do passado.

Na sessão posterior, ela diz que refletiu sobre a questão: o filho lhe deixara um recado no Orkut, depondo sobre como ela era uma boa mãe, que brincava e conversava sobre tudo. Em função desses pensamentos, de como também poderia fazer outras coisas de forma diferente, e não apenas lamentar a vida que teve na infância, um “brotinho” de esperança estava despontando e lhe dando força para pensar em tentar mudar outras coisas em sua vida, também. Menciona que um dos impedimentos para tal, é o fato de se ter deixado levar pela cabeça dos outros vida afora. Novamente, cita as profecias atemorizantes das pessoas de sua religião, a culpabilização vinda dos castigos divinos por seus pecados e desobediências e a palavra do pai, quando criança, dizendo-lhe que nunca seria nada.

Divido com MM o pensamento de como me chama a atenção o fato de, apesar de se dizer presa ao que os outros lhe diziam e ditavam, no final das contas, decidia por fazer o que sua vontade determinava, tomando decisões contrárias às prescritas por seu grupo: traições ao marido, tentativas de suicídio, etc. Ela se mostra surpresa com meu pensamento, desvia o curso da conversa dizendo estar sentindo cheiro de pão na chapa. Mantenho-me firme na ideia anterior, procurando não me distrair com o comentário, mesmo suspeitando de que talvez tenha sido uma injunção forte demais. Ela sorri marota e embaraçadamente, como costuma fazer seu pedaço menina. Reflete rapidamente e diz: “Quando é para coisas autodestrutivas, eu sigo a mim mesma; para coisas construtivas [refere-se, por exemplo, a coisas que sonha fazer, como trabalhar e estudar], sigo os outros. Conversamos sobre o movimento, a energia utilizada para se autodestruir. E de que forma isso poderia ser utilizado para alcançar o amadurecimento e a autoconfiança que tanto deseja.

Entrementes, o medo, no qual possui um aliado constante e sorrateiro, ressurgiu em suas ponderações: comenta que depositou tudo no marido: tem medo de perdê-lo, de viver sempre se “escorando” em alguém – medo de tudo: “Tenho medo de perder o “XYZ” não como pessoa, mas a segurança que ele me dá. Pergunta-se, em voz alta: Não amo meu marido? Como se faz para saber?”. Exemplifica com novelas em que há triângulos amorosos, que se parecem com a vida imaginativa dela. Em uma dessas novelas, o marido percebe a mu-

lher apaixonada por outro e, por amá-la tanto, deixa-a partir. Faria o mesmo pelo marido, confirma. Diz que gostaria que ele estivesse com ela porque quer, não por ela ser boa mãe e boa dona de casa. Novamente aponta que não consegue se sentir amada. E conclui: “Ele está me aturando, deve me amar mesmo!”

Tempos depois, após um longo período sem mencionar nenhum sonho, conta-me outro: o cenário apresenta novos personagens. O enredo é mais refinado e complexo: entram, em cena, os pais da rival. Narra o que ocorre, como se a realidade fosse apenas um espelho da fantasia – já reconhece, no sonho, sinais confirmatórios de que é traída: certas desculpas, indisposições de humor do marido para com ela (nos sonhos antigos, ele desculpava-se, justificava a impossibilidade e o absurdo das traições). Ela sabe agora, pelo sonho, que o marido e a mulher, de fato, têm um caso – ele deixa a amante e volta para ela, mas tem recaídas constantes. Ao despertar, corrói-se na dúvida se o marido já repousou nos braços de outra, haja vista que está doente há muito tempo e que já brigaram demais, vida afora.

Com relação ao sonhar, Boss (1979, p.43) orienta a verificar, juntamente com o cliente:

em primeiro lugar, a quais fenômenos a existência da pessoa na época do sonho está aberta a ponto de permitir que eles se revelem em sonho e assim venham a existir e, em segundo, se agora que está desperta, é capaz de reconhecer traços de sua própria existência idênticos em essência aos traços dos fenômenos que pode perceber no estado de sonhar, fora de si própria, em objetos ou seres humanos ‘externos’, se sua percepção quando desperto é mais clara do que era enquanto sonhava.

O fenomenólogo, alerta Boss (1979), deve estar de posse da informação de que, apesar de parecer mundos e realidades radicalmente distintos, sonho e vida desperta são inerentes ao mesmo e único *Dasein*. E em qualquer exame fenomenológico, esclarece, seja na existência desperta ou onírica, é preciso principiar compreendendo que tipo de afinção prevalece – o estado de ânimo com o qual a sua existência como um todo está momentaneamente afinada, pois é ele que (1979, p.56) “determina as características, estreiteza ou amplidão do campo perceptivo que a existência é capaz de manter aberto e como qual “existe ‘naquele momento dado”.

Nesse sentido, presenciamos um estado de ânimo apático, distímico, entediado. Um senso forte de menos-valia e autodepreciação, que a coloca sempre em desvantagem com as rivais oníricas. MM esteve “livre” de tais pesadelos por um bom tempo, justamente quando a

observamos se sentindo mais fortalecida e disposta a encarar novas possibilidades em sua existência, conforme seus próprios relatos. Voltando a duvidar de sua própria capacidade de manter-se equilibrada e enfrentar suas limitações, os pesadelos ressurgem em sua fala. Ainda com relação a este pormenor, Boss (1979, p.188) esclarece que “o sonho estereotipado, que coloca o sonhador, noite após noite, na mesma relação com um mundo onírico identicamente formado, mostra uma singular ausência de história, no sentido de que se trata de uma mera repetição de uma sequencia fixa de acontecimentos”. De tal feita, esse tipo de sonho resulta de uma “interrupção no desenvolvimento do livre acesso às possibilidades existenciais” e “só param de se repetir quando o sonhador se dispõe seriamente a trabalhar no sentido de superar sua maturidade detida, ao tomar suficiente consciência do fato em sua vida desperta”.

Confidencia que, às vezes, se dá conta de que trai o marido. Assusta-se com a possibilidade de que ele desconfie disso e que venha a perder tudo que tem. Analisa que os amantes preocupam-se muito com o fato das esposas poderem “descobri-la”. E que, se eles as temem tanto, é porque suas esposas são mais importantes do que ela. Em sendo assim, ela, muito mais, deveria se preocupar em não perder o que tem, pois, se algum deles, pelo menos, a amasse e a assegurasse de que cuidaria dela... Pergunto-lhe, então, se está fazendo um teste, procurando alguém melhor que o marido, antes de trocá-lo por outro. Ela nega. Julga que o marido está com ela por pena, por reconhecer nela uma boa dona de casa e boa mãe, mas não por amá-la.

Pergunto-lhe como seria se não fosse pena o que o marido sente e, para que fosse amada, como deveria ser o comportamento dele, a seu ver. Reflete um pouco e diz que ele tem uma inquietação constante, que nunca fica muito tempo em casa, sempre está arrumando coisas para fazer, justificando estar “correndo atrás” para melhorar a renda familiar. Penso e divido, com ela, a impressão que tenho de que se coloca sempre como ponto de partida para tudo, incluindo o temperamento do marido – afinal, o fato de ser inquieto poderia dizer respeito, quem sabe, a uma característica particular dele. Responde afirmando que sente raiva dele, porque o idolatra.

Experimento trabalhar, com ela, a ideia contrária – a possibilidade de que a raiva que sente se deva, quem sabe, ao fato de desejar ser idolatrada por ele. E se isso não seria o mesmo que fazia, analogamente, nos relacionamentos extraconjugais – ferir a todos, ao perceber não estar sendo idolatrada por nenhum deles. Reflito igualmente, com ela, que pare-

ce esperar do marido uma segurança e um amor que nem ela própria é capaz de dar – haja vista que não é fiel como desejaria que ele fosse. Defende-se, dizendo que seu caso é diferente, pois está muito segura que não o deixará, pois não há ninguém como ele. Retruco, dizendo que ele também deve estar seguro de que não a deixará, caso tenha alguma amante. Afinal, estão juntos há muitos anos e ele – até então, a despeito de tudo, parece ter feito uma opção por ela. E se assim for, a situação dos dois estaria par a par.

Depois de alguns segundos, parecendo surpreendida com o raciocínio (ela fica sem respostas, desconcertada, os olhos muito abertos, fixos em mim; que, a propósito, também me surpreendera com o que eu mesma dissera), se apruma no sofá, ajeita os cabelos e retoma a questão por outro viés, alegando que o marido pode seguir a vida normalmente sem ela, pois sabe se virar. Quanto a ela, está certa de que seria alvo de vingança dele na questão financeira, ou que ele até poderia matá-la; ao passo que não seria capaz de prosseguir sem ele – pois tem problemas emocionais e depressão e não conseguiria trabalhar etc. Analiso, juntamente com ela, se uma ocupação prazerosa e gratificante não a ajudaria a superar, em alguma medida, suas dificuldades, limitações e medos. Ela, então, traz à tona algo que já havia comentando anteriormente: que parou de estudar porque estava perdendo o controle sobre o marido, ficando tanto tempo ausente de casa. Comenta, ainda, que ele comporta-se como um bebê, que quer tudo na mão, e que sempre afirmou a ela que admira mulheres assim, dadas ao lar e à família, pois mulheres independentes sempre colocavam o casamento em risco.

Percebo um círculo vicioso e contraproducente na situação: deprimir-se por se sentir dependente e insegura (e, portanto, inferir que o marido admira outras) versus tentar tornar-se independente para atraí-lo, mas fantasiando “perder” o controle sobre ele; o que a leva, sempre, a desistir do intento anterior. Procuramos imaginar, juntas, como seria a experiência de ser idolatrada vinte e quatro horas por dia por um homem, como diz ser seu desejo. Ele não trabalharia, não teria vida social, não estudaria. Enfim, ficaria apenas “bajulando-a” o tempo inteiro. Pergunto-lhe o que sentiria por esse homem. Ela leva a mão ao rosto, deixando somente os olhos à mostra: “Eu me enjoaria dele”. Reflito que, também, provavelmente, alguém assim não a estimularia muito, não lhe daria motivos para ser admirado por ela – e que, a meu ver, provavelmente nem amadureceriam como pessoas, nem construiriam nada juntos.

MM diz que a terapia não se restringe ao período que passamos juntas – que vai para

casa e continua pensando, ao longo da semana, sobre o que conversamos. Em função do que intuiu em nossos últimos encontros, decidi fazer um curso e, posteriormente pretende fazer a faculdade com que tanto sonha. A seguir, menciona novamente a importância da dimensão espiritual em sua vida e de sua vontade de fazer algum tipo de trabalho voluntário. Diz que não é “o tipo de pessoa que só porque está bem de vida perde o chão”. Preocupa-se com crianças abandonadas, mendigos, etc. Comenta: “Não é possível que eu tenha vindo ao mundo só para ficar deprimida e tentar o suicídio”. Além disso, pensa em todos que lutam pela vida nos hospitais, enquanto ela quer acabar com a sua própria. Por um lado, considera tal raciocínio um avanço, por outro, sente-se culpada e triste. Mas afirma, a seguir, que não vai se sentir tão culpada assim, pois “só quem já tentou o suicídio sabe o motivo – a pessoa fica em transe”.

Conta que, na igreja, sempre ouviu dizer que os suicidas não irão para o céu, mas ela acredita que irão, sim, pois está certa de que Deus terá misericórdia de quem não estava bem mentalmente. Também conta que não tem assistido aos programas televisivos que privilegiam notícias sensacionalistas e violentas, já que a perturbam muito. Além disso, faz questão de contar que se sentiu mal durante a semana, mas conteve o ímpeto de ligar para o trabalho do marido, pedindo a ele que fosse para casa: “É como os alcoólatras – é um vício que tenho que evitar um dia de cada vez – mas é um avanço, não é?”.

Em outro momento, chega desanimada, justificando a falta da sessão anterior: perdera a hora. Conta que ganhou um carro de presente do marido, que ficou feliz, mas logo, logo, veio-lhe à mente o pensamento de sempre: “Isso é efêmero...” Diz-me, então: “Parece que estou mais do lado de lá do que de cá”. Pergunto-lhe como assim, “adivinhandando” o que diria (ela já havia falado sobre isso outras vezes). Queria ouvi-la e dar-lhe, novamente, chance de reelaborar seus sentimentos e concepções. Responde que o lado de lá é a vida após a morte. Diz que recebe presentes caros do marido – marcas famosas de bolsas e perfumes. Tem uma vida boa, confortável, mas isso não lhe satisfaz. Muda um pouco o rumo da conversa. Diz que gostaria de ter seu próprio dinheiro, pelo menos para colocar gasolina no carro que ganhou. O marido não vê necessidade de ela trabalhar. Afirma-lhe que não precisa se preocupar com nada, que deve ficar em casa, com o ar condicionado ligado, tranquila, pois ele é sua “fonte de renda”. Reclama que não quer viver assim, na dependência dele sempre, que deseja construir, produzir algo por si mesma. Volta, então, a ficar indecisa quanto ao que fazer e de que forma começar.

Sobre este conflito, com o qual, de há muito convive, podemos pensar que MM não se sinta realizando todo seu potencial e sofra com tal restrição de poder-ser. Conforme Pompeia e Sapienza (2011, p.158):

Sendo o homem, como *Dasein*, aquele ente que se caracteriza pelo seu existir, que é um ek-sistir, ou seja, um ser já fora, no mundo, tendo de realizar seu projeto existencial, tudo o que se apresenta como obstáculo à sua realização aparece para ele como barreira, como problema. É a tensão da vida entre a força que ek-siste e a barreira que re-siste.

Dessa forma, a paciente não consegue equacionar a realização de suas potencialidades diante da necessidade de ser o centro das atenções. Restringe sua própria liberdade, para manter-se alerta sobre a liberdade que “consente” e cerceia ao marido. Assim, o modo de ser-com-os-outros se dá na tentativa de ter a vida do outro nas próprias mãos. Não se desvela, aos seus olhos, a possibilidade de compartilhar a liberdade, conforme Pompeia e Sapienza (op cit, p.29): “Nossa liberdade é ainda mais ampla e mais profunda que aquela que posso ter sozinho”. Não permitindo ao marido que saia de debaixo de seu controle, em troca de subserviência, MM cria uma armadilha para os dois. Em consequência, não se apropria de seu próprio caminho, não correspondendo às oportunidades para tornar-se cada vez mais o ser que é. Para corresponder mais livremente aos apelos de seu ser, seria preciso, humilde e serenamente, renunciar à necessidade de controlar a realidade ao redor, aceitando tanto suas limitações quanto as do outro. Não o possibilitando, permanece enleada na culpa tanto de não ser, em si mesmo, tudo o que poderia, quanto de não ser, para ele, a mulher fiel que desejaria.

Novamente falta à sessão. Fico preocupada. Ela não atende às ligações. Já conversamos sobre isto outras vezes – seus afastamentos, sem nenhum contato. Tenho a sensação de estar “fracassando” em “ajudá-la”. Vez por outra, penso em, quem sabe, se não seria melhor para ela lhe encaminhar para outro profissional. Tenho a sensação de que ainda não se sente confortável ou compreendida o suficiente por mim. Volto em cada frase dita, cada intervenção minha, querendo “ver” que “caras” lhe mostro, cada vez que me conta, desajeitada, as ideias que julga loucas. Vasculho meu interior para tentar saber se denuncio algo que não lhe faz se sentir acolhida. Relembro a fala de Heidegger (2009 a, p.87): “A possibilidade de se compreender o ser deste ente vai depender da segurança com que se exerce um modo conveniente de acesso”. Resolvo dividir isso com ela, quando vier.

No momento exato em que redijo tais considerações, reflito sobre a culpa que carrega e em suas duas tentativas de suicídio. Penso nelas como, talvez, uma provável saída para lidar com a culpa de fatos passados e na dificuldade que sente em parar de trair o marido. Penso também na nova pessoa que deseja ser, na “enorme pequena” distância entre as duas mulheres que coabitam o mesmo ser – se por um lado, parece tão improvável a ela tornar-se a pessoa que deseja, ao mesmo tempo, essa é uma possibilidade tão possível quanto desejar que seja. Pompeia e Sapienza (2011, p.102) dizem:

Se não deixarmos “morrer” aquela pessoa que existiu antes, aquela que existe agora, a lesionada, a que perdeu sua condição anterior, nunca poderá sair da perda. Então, num segundo momento, se podemos olhar esta ‘nova’ pessoa com suas limitações e possibilidades, podemos promover seu desenvolvimento dentro de suas limitações.

Depois de três ausências consecutivas e de várias tentativas de contato, MM me telefona dizendo que não quer continuar: “Não quero mais falar”. Faz questão de esclarecer que gosta muito de mim, que me sente envolvida com sua questão, mas que se tivesse que continuar indo, seria forçada. Assegura que aparecerá de vez em quando, ao passar por perto do consultório, mas que posso disponibilizar sua vaga para outro paciente. Sinto-me um pouco aliviada por saber que está bem, ao passo que acabo por imaginar que, talvez, estivesse certa sobre minhas “suspeitas” anteriores, acerca de não estar se sentindo acolhida o suficiente. Não houve oportunidade para examinarmos isso a fundo, como pretendia.

Havia um dado curioso em relação ao atendimento de MM: não me fazia solicitações pessoais, não me cobrava soluções e respostas, a exemplo da maioria – não me pedia para lhe dizer o que fazer ou para tomar decisões em seu lugar. Aparentemente frágil, dizendo-se perdida, insegura e dependente, deixava-me, no entanto, intrigada, com algo de solitária e idiossincriticamente forte: em meio a demonstrações de atitudes infantilizadas, ressurgia, vez por outra, um olhar, um gesto, um discurso de quem já não se satisfazia mais com a vida de menina. Parecia compreender bem que estava ali para desvelar-se aos seus próprios olhos, abandonar as roupas rotas do marasmo existencial que recobria sua existência anos a fio e que já não lhe caíam bem. Não ignorava nela, por outro lado, certa incredulidade morosa, desesperançada, de que outros rumos pudessem surgir. Da mesma forma instável que Eugênio se debatia interiormente com seu mundo:

Sentia um desejo de ternura, de bondade, de gestos mansos. Mas sabia também que aquele instante ia passar, que amanhã haveria no ar, na luz do Sol, e na face das coisas um elemento qualquer de estranheza, de hostilidade, que havia de provocar

nele outras reações. Viriam momentos de fraqueza e de desânimo. Surgiriam dificuldades, motivos de irritação. Os seus nervos seriam mil vezes postos à prova. A dúvida tornaria a entrar-lhe na alma. (VERÍSSIMO, 2010, p.234)

Talvez, justamente por essa disposição afetiva de espírito, MM tenha abandonado o trabalho algumas vezes e, por fim, em definitivo. Se prosseguíssemos na metáfora, poderíamos dizer que ela vislumbrou peças novas de vestuário e que as teve bem próximas a si; sem, no entanto, dispor-se a vesti-las, experimentá-las tempo o suficiente para adaptar-se a elas e sentir-se bela usando-as. Ao final, a escolha é sempre particular e, seja ela qual for, digna de respeito. Quanto a mim, é como se lhe quisesse dizer o que Olívia deixa escrito, postumamente, a Eugênio:

Estas são coisas que penso e que nunca te quis dizer, preferindo fazer que as sentisses por ti mesmo. Porque só valem as experiências que fazemos com a nossa própria carne (VERÍSSIMO, 2010, p.196).

CONCLUSÃO

Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo o que sua vida exige. Parece uma vida amoral. Mas o que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma (Clarice Lispector, em carta para a irmã, em janeiro de 1947).

Iniciamos já na apresentação de nosso trabalho, a discussão daquilo que nos intrigou e instigou a pesquisar a temática do autoabandono: a recorrência e a prevalência de um discurso impessoal, ao modo do falatório, narrando situações, mormente ônticas e com o foco direcionado a terceiros, sem nenhuma apropriação, por parte dos clientes, de si mesmos e de seu lugar em meio a elas. Tal conduta os distanciava da possibilidade de se posicionarem mais livremente diante daquelas mesmas situações e de responsabilizarem-se pelas implicações delas em suas próprias vidas – um modo de ser rigidamente identificado com a transformação do outro, à qual atribuíam, por fim, a solução de seus problemas. Nesse estreitamento de liberdade, não se apercebiam de que só é possível transformarmo-nos a nós mesmos, em nossa própria relação com o mundo. Este grau de esquecimento de si, por vezes era tão proeminente, que só depois de muito tempo, discorrendo sobre a vida de terceiros, era possível conhecer, de fato, a pessoa do cliente: sonhos, desejos, medos, preferências, enfim, seus modos de ser e existir. Alguns, de fato, nunca chegaram a se desvelar, preferindo abandonar o processo.

Em outros momentos de nosso percurso, mencionamos as palavras doença e adoecimento, citando, inclusive, alguns processos psicossomáticos que surgiram como disparador para a busca da psicoterapia. Quem nos acompanhou até aqui, percebeu-se, entretantes, de que não era daqueles processos, específica e ou isoladamente, que se tratava nossa pesquisa. Tal menção deveu-se, no entanto, pelo fato objetivo de que, sem trocadilho, na maioria das vezes, o profissional de “saúde” é procurado por motivos de “doença”. Entre as expectativas e fantasias dos “adoecidos” a respeito do trabalho psicoterápico e o que, no entanto, efetivamente concebemos sobre ele e temos a oferecer, baseados em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica, há um considerável distanciamento.

Em parte, tais expectativas – que se referem, entre outras, à “cura” de uma “doença”, à supressão “definitiva” de estados de sofrimento, insegurança, medo, dor – condições inape-

lavelmente existenciais, coadunam-se com a atmosfera histórica em que vivemos, cujas características fazem eco, em grande medida, ao enunciado por Heidegger em Zollikon (2009b, p.47), acerca da crença atual predominante de que “somente a ciência proporciona a verdade objetiva, sendo ‘arbitrária e mística’ qualquer tentativa de pensar o ser fora de seus enunciados e pressupostos”. A seguir, assevera que o ser não se deixa vislumbrar pela ciência, exigindo uma identidade própria, para a qual se torna imprescindível a disposição à percepção deste ser. Nesta linha de raciocínio, a ciência moderna propõe o pragmatismo utilitarista, a possibilidade de cálculos antecipados, a observação e a predeterminação de processos vários, com vistas ao controle “seguro” sobre o objeto de estudo em questão. Concepção metodológica na qual insegurança e incertezas são atitudes impensáveis, quando não, execráveis:

Na ciência contemporânea encontramos o querer dispor da natureza, o tornar útil, o poder calcular antecipadamente, o predeterminar como o processo da natureza deve se desenrolar para que eu possa agir com segurança perante ele. A segurança e a certeza são importantes. Exige-se uma certeza no querer controlar. O que se pode calcular de antemão, antecipadamente, o que pode ser medido é real e apenas isso. Até onde isso nos leva perante uma pessoa doente? Fracassamos! O princípio da causalidade tem efetividade para a física, e ainda assim, só limitadamente. Heidegger (2009b, p.49)

É este pensamento de fundo científico “calculante” que permeia a “boa ciência” no senso comum e confere aos “doentes” a ideia de buscar, na Psicologia, um modo “técnico” de solucionar questões, a despeito da consideração do que está em jogo em sua própria existência humana, enquanto tal. Uma expectativa corroborada pela disseminação da cientificidade que induz clientes “compradores” a endereçar a psicólogos “fornecedores”, demandas “produto” do tipo: “Qual é o meu diagnóstico? Tem cura? Quanto tempo você levará para resolver meu problema? Preciso de um remédio para curar meu ciúme ou só vindo aqui eu o resolvo? Estive pensando se não preciso de um tratamento diferente: até quando vou ficar ‘elaborando’? Pensei que você fosse me dar ‘dicas’, me dizer o que fazer...”. Observa-se, por falas, como essas, o estado tal de objetificação no qual o próprio ser se colocou.

Concepções como essa já tecemos, inicialmente, como pano de fundo de nossa temática principal: o ato de conferir, a outro, a condução da própria vida e julgá-lo responsável ou culpado por sua infelicidade e desterro. E, para além, tornar tal condição alienante uma ocupação existencial – a única possível e “real”:

Esse nivelamento das possibilidades da presença ao que se oferece de imediato, no cotidiano, realiza - ao mesmo tempo, uma obliteração do possível como tal. A cotidianidade mediana da ocupação torna-se cega para as possibilidades e se tranqüiliza com o que é apenas “real”. Essa tranqüilização não exclui; ao contrário, desperta uma atividade febril de ocupação. O que se quer não são novas possibilidades positivas. O que está disponível é o que se altera “taticamente”, de maneira a dar a impressão de que algo está acontecendo. Heidegger (2009a, p.262)

Tentamos acompanhar tais vivências na discussão das situações clínicas de alguns pacientes e de como, à medida que o processo terapêutico caminhava, independentemente do problema “objetivo/ real” – a “doença” física ou psíquica que o “doente” inicialmente trouxe à nossa apreciação para “conserto”, observamos um modo de ser e relacionar-se que, invariavelmente, se colocava como um modo de “ser falso”, no sentido de “em-cobrir”, conforme Heidegger (2009a, p. 72,73): “Do mesmo modo, o “ser falso” diz enganar no sentido de em-cobrir: colocar uma coisa na frente de outra (à maneira de deixar ver) e assim propô-la como algo que ela não é”.

De tal feita, a questão do “outro”, posta pelo paciente como justificativa para um estado de coisas que julgava insuportável, causadora de adoecimento e ou desventuras, se apresentou como encobridora de uma outra vivência, que se revelou como fenômeno necessitado de tematização e explicitação – qual seja, o esquecimento e inapropriação de si mesmo, dentro de seu próprio projeto existencial. Tal impropriedade pareceu se dar em meio à indiferença do cotidiano da própria presença – indiferença essa que, conforme já discutimos anteriormente e segundo Heidegger (2009a, p.87), “não é um nada negativo, mas um modo de ser, a partir do qual todo e qualquer existir é assim como é”. A questão, no entanto, que se colocou, é a de que, pelo esquecimento desta possibilidade, na ocupação cotidiana, a presença possa perder-se e ser absorvida, não restando ao homem senão, o seguir a multidão. Conforme falas de dois pacientes, certa vez: “A gente é robotizado, responde por que o outro também [responde]: vou levando!” e “Ficando na inércia, sobra o quê? Viver a vida dos outros. Você deixou de viver, só resta observar!”.

Quando cunhamos o termo autoabandono, não tínhamos em mente, em absoluto, fixar uma categoria, classificação ou rótulo do qual alguém pudesse se valer para enquadrar determinado tipo de comportamento patológico. Além de já termos marcado bem a diferença entre a concepção científico-natural sobre os processos adoecedores (para os quais cabem, perfeitamente, descrições categoriais sintomáticas) e a da Fenomenologia heideggeriana, para quem “toda doença é uma perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver”

(2009b, p.198), Heidegger deixou bem claro que: “É decisivo que cada fenômeno que surge na relação de analisando e analista seja discutido em sua pertinência ao paciente concreto em questão a partir de si em seu conteúdo fenomenal e não seja simples e genericamente subordinado a um existencial” (2009b, p. 163, 164). Conforme enfatizamos, reiteradamente, ao longo de nosso percurso até aqui, o termo autoabandono tratou de explicitar um modo de ser-no-mundo em que abandona-se ou sonega-se, a si mesmo, o próprio cuidado, em favor da ocupação com o que é próprio de outrem. De tal feita, relega-se ao esquecimento o cuidado com a própria existência, para ocupar-se do que lhe é impróprio, sem, na maioria das vezes, nem ao menos dar-se conta de tal esquecimento.

Mencionamos, também, na introdução, a inquietação sobre nosso fazer/ser diante dos pedidos de “reparação de danos” e expectativas de tutela. A angústia dilacerante e o desejo urgente de estancar o sofrimento, muitas vezes, não só leva o paciente, em desespero, a nos demandar respostas vaticinadoras para sua vida, como, não raro, exerce sobre nós a ilusão de considerar ser possível, em alguns momentos, corresponder a tais pedidos. Ater-se às queixas “objetivas”, procedendo a uma investigação causalista e determinista delas, pode conduzir a análises superficiais, deduções simplistas e generalizantes. Uma “tentação” para o terapeuta, na qual pode incorrer, sem mesmo dar-se conta. Esta é também uma possibilidade em jogo na condução do atendimento, posto que “requerida” pelas demandas de cura tão próprias do modelo cientificista. Tal modelo encontra-se imiscuído em muitas práticas psicoterápicas atuais e laureia, socialmente, aqueles que o reverenciam. Não obstante, não condiz com a perspectiva fenomenológico-hermenêutica que embasa a Daseinsanalyse. Esta propõe um olhar aberto e um pensamento meditativo sobre o fenômeno do adoecer, pelos quais se podem explicitar todas as suas manifestações e modos de se dar à experiência, sem a pretensão reducionista de focar um ou outro aspecto dele – seja social, orgânico ou psicológico.

Não obstante, não se trataria de considerar que nada compete ao psicólogo, neste quesito, já que estaríamos cada qual, lançado à sua própria sorte. Heidegger (2009b, p.197-198) já havia dito que “O homem é essencialmente necessitado de ajuda, por estar sempre em perigo de se perder, de não conseguir lidar consigo. Tratar-se ia, antes, de verificar a que modo de ajuda o filósofo se refere. Não obstante, a despeito de quaisquer respostas ou prescrições, todos terão que se haver, cedo ou tarde, com o fato de que:

Não há vida sem risco. Não há vida sem sofrimento. Não há vida sem morte. A angústia marca a nossa impotência, é nisso que é verdadeira, também, e

definitivamente. Fazem-me rir nossos pequenos gurus, que querem proteger-nos dela. Ou nossos pequenos *psis*, que querem curar-nos dela. Sponville (1997, p.12)

É sabido que abrir-se às possibilidades em jogo na existência, para quem se limitou a viver em consonância com os modos habituais previamente estabelecidos e dados por um “todo mundo” não é uma experiência que se dê de forma instantânea, linear, sem percalços ou em “definitivo”. Ao contrário, pelo fato de as formas de relação e apego às identificações familiares previamente dadas propiciarem um relativo “conforto”, seu desvelamento pode conduzir a um horizonte de insegurança e angústia diante do incerto e do novo. Poder-se-ia pensar, então, que talvez, no processo psicoterápico, se estivesse sujeito ou exposto, na melhor das hipóteses, a se “substituir” um estado de angústia por outro. No entanto, para a concepção heideggeriana (2009a), trata-se a angústia de uma tonalidade afetiva privilegiada, que, conforme releitura de Casanova (2009, p.125),

traz consigo uma articulação entre o ser-aí e o seu caráter de poder-ser. Ela rompe a tendência produzida pela decadência e impede o prosseguimento da simples fuga de si mesmo por parte do ser-aí imerso no mundo das ocupações cotidianas [e] No momento em que a angústia vem à tona, portanto, [...] o ser-aí [...] experimenta ao mesmo tempo a si mesmo, a partir do poder-ser que é.

Talvez, nesse ponto, se possa recuperar aquilo que tangenciamos um pouco anteriormente, acerca do tipo de ajuda possível no processo psicoterápico, sob a perspectiva daseinsanalítica. É o momento, igualmente, em que cabe a reflexão sobre o lugar da psicoterapia nesse embate, no qual o paciente credita ao terapeuta a investidura de um lugar de competência absoluta sobre o que deve fazer diante de seus impasses e de como deve viver – discussão proposta por Guignon, ao discutir a questão da moral na prática clínica e por nós já apresentada no início. O que o paciente vem nos pedir reflete, de alguma maneira, seu modo-de-ser cotidiano, restritor de liberdade. Um desdobramento da questão do autoabandono, no que concerne a não apropriação de si, pela condição alienante de creditar ao profissional saber mais de si mesmo que ele próprio.

Se por um lado, o paciente demanda de nós a retirada de sua angústia, por outro, sabemos-la representar a possibilidade de reaproximar-se do desvelamento de seu poder-ser. É o estranhamento de si mesmo – que acompanha a tonalidade afetiva da angústia, que possibi-

lita o rompimento com identificações rigidamente estabelecidas, e viabiliza, para o ser-aí, a singularização de sua existência. Conforme Heidegger (2009a, p.377): “Em seu fato, a angústia da consciência é uma confirmação fenomenal de que, no compreender do apelo, a presença é colocada diante da estranheza de si mesma. O querer-ter-consciência transforma-se na prontidão para a angústia”.

Se para Heidegger (2009b), o objetivo da Psicologia seria ajudar as pessoas a resgatarem sua liberdade, e para tal, é preciso haver-se com seu poder-ser mais próprio – o que só se torna possível atravessando o estranhamento de si, compete a nós acompanhar o paciente nessa travessia. É, também, o que atestam Rodrigues, Almeida e Sá (2002, p.99): “Somente suportando a insegurança e acolhendo a angústia podemos, talvez, encontrar algum tipo de disposição serena perante a finitude”. Não é, pois, direito nosso (e seria uma presunção inatingível) poupar o paciente daquilo que o constitui e é, justamente, sua via de acesso a um modo mais livre de lidar com sua existência. Devolver tal responsabilidade a ele é um compromisso profundamente desafiador e que exige igual serenidade.

Por esse norteamento, se, conforme Sá (2009, p.73), “as psicoterapias se definem menos a partir de formulações técnico-científicas e se afirmam como práticas reflexivas de conhecimento e transformação de si”, o trabalho psicoterapêutico, enquanto possibilidade de ajuda ao homem, do resgate de sua própria liberdade, torna-se um processo de aprendizagem, de autoconhecimento e transformação contínuo e inesgotável, que estará em jogo enquanto vivermos.

Para viabilizar tal reflexão e transformação, na clínica, busca-se uma via de acesso às manifestações de adoecimento que se tornaram alvo das queixas e demandas dos pacientes, por meio da abordagem fenomenológico-hermenêutica. Atenta-se para a relação entre o significado das vivências, em meio à facticidade da existência dos pacientes – as “ligações derradeiras de sentido” que Heidegger preconizava como necessárias e imprescindíveis na explicitação dos modos de ser no mundo e que se tornaram um dos motes de viabilização de uma clínica psicológica a partir de sua Filosofia.

Mencionamos, já, que a concepção existencial heideggeriana apregoa a possibilidade de diferentes modos de ser-no-mundo e tal concepção fundamenta a análise da existência. No trabalho psicoterápico, cada paciente é convidado a vislumbrar tal possibilidade, à medida que experiencia o chamado a assumir seu modo de ser próprio, ao invés de manter-se na dinâmica

de ocupação com o que lhe é próprio de outro. A tal possibilidade, ele sempre pode corresponder, ou não. Neste percurso, os acompanhamos nas diversas tonalidades afetivas que se deram à mostra – desamparo, angústia, medo, tédio; mas, também, disponibilidade, esforço, confiança – no intuito de devolvê-los a si mesmos. O objetivo precípua é sempre, conforme Casanova (2009, p.23,24), citando Heidegger, o de “promover um aprofundamento do si próprio em sua originariedade”.

Acerca do que dissemos sobre a psicoterapia, enquanto prática reflexiva, Heidegger (2006, p.112) enfatizou a necessidade de aprender a pensar:

O que é aprender? O homem aprende à medida que traz todos os seus afazeres e desfazeres para a correspondência com isso que a ele é dito de modo essencial. Aprendemos a pensar à medida que voltamos nossa atenção para o que cabe pensar cuidadosamente. [...] E, no entanto... Talvez, já desde séculos, o homem vem agindo demais e pensando de menos.

Lidamos, diariamente, na clínica, com a dificuldade das pessoas no que tange a debruçar-se sobre a reflexão de seu modo de ser-no-mundo, posto que tal as coloca diante de sua própria responsabilidade no curso de sua existência. Em boa parte das vezes, por não desejar e ou não conseguir fazê-lo e sendo, aparentemente mais fácil, receber soluções simplistas e enxertadas de fora, permanece no ocultamento de seu ser.

Compete, aqui, ao psicólogo, acolher com serenidade e abertura essa travessia angustiante que retira o paciente de seu modo habitual de viver, por vias do convite a um modo diverso, até então, de pensar – um pensamento meditante, que se volta para o mistério de ser. Trata-se de um reaprender a conhecer-se, de se tornar esclarecido continuamente sobre seu próprio experienciar, conforme Heidegger (2009a, p.191): “Ser ‘esclarecido’ significa: estar em si mesmo iluminado *como* ser-no-mundo, não através de um outro ente, mas de tal maneira que ele mesmo *seja* a clareira”.

Apropriar-se do seu si mesmo, de outra feita, não diria respeito a romper ou não com o mundo fático: não está em questão manter-se ou não em um casamento, mudar-se ou não de cidade, romper ou não definitivamente com familiares e ou quaisquer outras pessoas, tornar-se uma mulher de negócios ou optar por ser uma boa mãe e dona de casa – ou as duas coisas; entre outros. Conforme Heidegger (2009a, p.188): “O ser do que é propriamente si-mesmo não repousa num estado excepcional do sujeito que se separou do impessoal. Ele é uma modi-

ficação existenciária do impessoal como existencial constitutivo”. Na verdade, conforme Sá (2009, p.84), sendo propriamente si mesmo, é ainda “possível dizer, simultaneamente, sim e não às identificações do impessoal”. Também não se trata de estabelecer critérios de valor, considerando um ou outro modo de ser como melhor, mais “profundo” ou correto. Na concepção heideggeriana, “a impropriedade da presença, porém, não diz “ser” menos e nem tampouco um grau “inferior” de ser. Ao contrário, diz o filósofo (2009a, p.86), “a impropriedade pode determinar toda a concreção da presença em suas ocupações, estímulos, interesses e prazeres”. A apropriação de si diz, aqui, da possibilidade de estar disponível para o aberto da existência, abrindo mão do controle rígido sobre ela.

Monticelli (1998) estava certa ao dizer que, diante de cada diferença intrínseca distintiva de uma pessoa para outra – sem termo de comparação, o fenomenólogo ficará profundamente maravilhado. E, em resultado disso, tratará de aprofundar-se em cada uma dessas diferenças, de trazê-las à luz e examiná-las detalhadamente. Uma vez tendo optado pela proposta de estar, respeitosamente maravilhado pela diferença e havendo trabalhado para propiciar ao paciente, no espaço facilitador da Daseinsanálise, a possibilidade de acesso às escolhas de um modo mais livre; cabe ao psicólogo ao final, considerar o fato do autoabandono poder ser, até mesmo, uma escolha singularizada e, portanto, própria. Acerca disso, não nos compete nenhum juízo de valor.

Portanto, quanto às decisões e escolhas dos clientes, da “efetividade” de nossa prática, entre outros, cabe também ao psicólogo, o mesmo reconhecimento que Monticelli (1998) atribui que deva ter o filósofo de sua própria finitude e falibilidade, pois, segundo ela, à Fenomenologia não caberia dogmatismo autoritário. Antes, diz, onde há evidência sempre há erro possível, sendo necessário ter humildade para reconhecê-lo.

Ao falar de humildade, reportamo-nos, ainda uma última vez, à serenidade. Zimmerman (1986), acerca disso, estabelece a relação da serenidade com o abrir mão da vontade de poder e com o “deixar as coisas serem”. Heidegger (1979, p.138), de igual modo, esclarece que:

deixar ser não deve ser compreendido apenas como simples ocupação, proteção, cuidado ou planejamento de cada ente que se encontra ou que se procurou. Deixar ser o ente significa entregar-se ao aberto e à sua abertura, na qual todo ente entra e permanece, e que cada ente traz, por assim dizer, consigo.

O deixar ser apresenta-se, pois, como uma experiência de habitar, confiante e serena, na própria possibilidade de abrir-se ao mistério e acolhê-lo – antes de tudo, o mistério de tornar-se propriamente si mesmo. Uma experiência similar, talvez, à descrita em um trecho dos evangelhos, e que dá título à história de autoabandono de Eugênio:

Não estejais ansiosos quanto à vossa vida [...] *Olhai os lírios do campo*, como crescem; não trabalham nem fiam; contudo vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles [...] Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã; porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo (MATEUS 6: 25-34).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os Lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BORDIEU, Pierre. **A Ontologia Política de Martin Heidegger**. Campinas: Papirus, 1989.

BOSS, Medard. **Na Noite Passada Eu Sonhei...**, 2.ed. São Paulo: Summus, 1979.

BOSS, Medard. **Existencial Foundations of Medicine and Psychology**. London: Jason Aronson Inc., 1994.

CASANOVA, Marco Antônio. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Nada a Caminho. Impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. **Bom dia, Angústia!** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUIGNON, Charles B. Authenticity, moral values and psychotherapy. In: *The Cambridge Companion to Heidegger*. Cambridge University Press, 1993, p.215-237

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009a.

_____. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes, 2009b.

_____. **Ensaio e Conferências**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Sobre o Problema do Ser – O Caminho do Campo**. Livraria Duas Cidades: São Paulo: 1969.

_____. **Meditação**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.

INWOOD, Michael. **Heidegger**. São Paulo: Loyola, 2004.

KIERKEGAARD, Sören. **O Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2010.

MONTICELLI, Roberta. **El futuro de la fenomenologia**. Madri: Frónesis Cátedra. Angelo Guerini e Associati, 1998.

NUNES, Benedito. **A questão do outro em Heidegger**. PEPSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Nat. Hum. V.3 n.1, p.51-59, jun.2001, São Paulo. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v3n1/v3n1a02.pdf>

POMPEIA, João Augusto e SAPIENZA, Bilê Tatit. **Os dois Nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O Processo Grupal**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

RODRIGUES, Joelson Tavares; ALMEIDA, Leonardo Pinto de; SÁ, Roberto Novaes de. **Experiência Religiosa e Angústia: Um Ensaio Acerca da Constituição de Sentido**. Revista Arquivo Brasileiro de Psicologia. UFRJ. RJ, v.54 n1 p.93-103, 2002.

SÁ, Roberto Novaes de. **O Pensamento de Martin Heidegger e a Clínica Psicoterápica**. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, V.7- n° 1 – jan/abr. Niterói-RJ: 1995.

_____. Fenomenologia da Experiência de si-mesmo e Psicoterapia como experiência de abertura. In: **Psicologia Clínica e Filosofia**. Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de (org) B. Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2009. Cap.1, p.73-100

SÁ, Roberto Novaes de; MATTAR, Cristine Monteiro; RODRIGUES, Joelson Tavares. **Solidão e Relação Afetiva na Era da Técnica**. Revista do Departamento de Psicologia. UFF, v.18 - n.2, p.111-124, jul/dez. Niterói-RJ: 2006.

SÁ, Roberto Novaes de e RODRIGUES, Joelson Tavares. A Questão do Sujeito e do Intimismo em Uma Perspectiva Fenomenológico-hermenêutica. In: **Interpretações Fenomenológico-Existenciais para o Sofrimento psíquico na Atualidade**. Rio de Janeiro: Gdn Editora/Edições IFEN, 2007, Cap.2, p.35-54.

VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os lírios do campo**. Disponível em: <<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 12 dez.2010.

ZIMMERMAN, Michael E. **Eclipse of the Self**. The Development of Heidegger's Concept of Authenticity. Ohio University Press.1986.